

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



Gabriela Garcia Santana Lopez

**Trilhas perceptivas: a Travessia
Petrópolis-Teresópolis/RJ**

Tese de Doutorado

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-graduação em Geografia, do Departamento de Geografia da PUC-Rio.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Motta de Freitas
Co-orientadora: Profa. Dra. Ana Brasil Machado

Rio de Janeiro
Setembro de 2022



Gabriela Garcia Santana Lopez

**Trilhas perceptivas: a Travessia
Petrópolis-Teresópolis/RJ**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo:

Prof. Dr. Marcelo Motta de Freitas

Orientador
Pontifícia Universidade Católica – Rio de Janeiro

Profa. Dra. Ana Brasil Machado

Co-orientadora
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Rafael da Silva Nunes

Pontifícia Universidade Católica – Rio de Janeiro

Profa. Dra. Marcia Alves Soares da Silva

Universidade Federal de Mato Grosso

Prof. Dr. Werther Holzer

Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Otávio Miguez da Rocha Leão

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - FFP

Rio de Janeiro, 27 de setembro de 2022

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização do autor, do orientador e da universidade.

Gabriela Garcia Santana Lopez

Possui Licenciatura em Geografia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Faculdade de Formação de Professores (2010) e Mestrado em Geografia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2014). Possui interesse em temas como Geomorfologia e as relações entre "sociedade" e "natureza" e entre Geografia e Fenomenologia. É professora de Geografia na Prefeitura Municipal de Pirai.

Ficha Catalográfica

Lopez, Gabriela Garcia Santana

Trilhas perceptivas: a Travessia Petrópolis-Teresópolis/RJ /
Gabriela Garcia Santana Lopez; orientador: Marcelo Motta de Freitas;
co-orientadora: Ana Brasil Machado. – 2022.
178 f.: il. color.; 30 cm

Tese (doutorado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Geografia e Meio Ambiente, 2022.
Inclui bibliografia

1. Geografia e Meio Ambiente – Teses. 2. Paisagem. 3. Montanha.
4. Experiência. 5. Geografia. 6. Fenomenologia.
I. Freitas, Marcelo Motta de. II. Machado, Ana Brasil. III. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Geografia e Meio Ambiente. IV. Título.

CDD: 910

Para Elias Garcia e Andreino de Oliveira
Campos (*in memorian*), que de maneiras
diferentes, me ensinaram a ver o mundo.
Tem um tanto de vocês aqui!

“Você não é você. Você é a soma das
pessoas que passaram pela sua vida”

Agradecimentos

Em *Grande Sertão Veredas*, Guimarães Rosa colocou que o que a vida quer da gente é coragem. Esta nunca me faltou, pois ainda que o processo de escrita tenha sido solitário e o contexto de pandemia tenha acentuado ainda mais o isolamento, nunca me senti só nesta caminhada. Ao longo dela houveram muitas conversas que me encorajaram e foram fundamentais para colocar os pés no chão, respirar e seguir. Sou um pouco de tantos que já passaram pela minha vida, carrego em mim sonhos e coragem, certa de que somos seres coletivos e não contruímos nada sozinhos. Agradecer então é o mínimo e, ainda assim, uma tarefa nada simples. Agora as palavras parecem não ser suficientes...

Quando cheguei na PUC-Rio, um lugar até então desconhecido, fui bem acolhida e por isso agradeço aos professores e funcionários do Programa de Pós-Graduação em Geografia. Em especial ao meu orientador, o professor Marcelo Motta de Freitas, que sempre me incentivou a ir atrás do que me instigava e abraçou essa proposta de tese. Ana Brasil, minha co-orientadora que assim como Marcelo, me mostrou que era possível buscar novos caminhos. Sou grata pela amizade, confiança e por aceitarem fazer parte desta minha empreitada.

Otávio Miguez da Rocha Leão, meu “pai acadêmico” que me acompanhou desde a graduação e tem papel fundamental na minha formação, na geógrafa que sou e que quero ser. Que sempre encontro também fora da universidade, nas montanhas e nas ruas, lutando pela educação. Aqui, estendo meus agradecimentos aos meus professores da UERJ-FFP por sua contribuição na minha formação acadêmica, profissional e como pessoa.

Aos professores Marcia Alves Soares e Werther Holzer, que conheci através de leituras, podcats, mesas e aulas virtuais durante a pandemia. Vocês se tornaram referência para mim e para este trabalho. É um privilégio ter sua leitura atenta e contribuição. Estendo aqui o agradecimento ao professor Rafael da Silva Nunes, por aceitar o convite para a banca.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Ao ICMBio, que permitiu a realização da Travessia quando esta ainda estava fechada ao público, por conta da pandemia. Esse momento foi muito

importante a agregador.

Agradeço imensamente aos caminhantes que compartilharam comigo suas experiências na Travessia Petrópolis-Teresópolis, expondo muitas vezes questões íntimas. Muito obrigada pela confiança!

Aos amigos sempre presentes, ora curiosos com o andamento da tese, ora com palavras de incentivo. Que entenderam as ausências e que também, me tiraram da toca. Mona, Letícia, Sucka, Suelen, Carol, Russo, Luis Calhorda, e Pedro, obrigada por não desistirem de me chamar para uma cervejinha!

À minha família, sem a qual eu não seria ninguém! Amo vocês!

Minha mãe e minha avó, que sempre acreditaram que é com a educação que a gente muda o mundo. Mais uma vez, obrigada por desde sempre caminharem junto comigo, me incentivando e me permitindo através de seu esforço, correr atrás de meus sonhos. Obrigada por diante de tanta ausência física, fazer festa nos dias de encontro, com conversas, cafés, bolos e rabanadas fora de época!

Lucas, meu irmão, muito obrigada por todas as trilhas, livros e conversas compartilhadas sobre esta tese. Por toda ajuda e leitura atenta de tantas páginas escritas. Já falei isso, mas repito, você me incentiva a sempre tentar o meu melhor, somos o espelho um do outro!

Meu companheiro de vida, Luiz Fernando, obrigada por acreditar mais em mim do que eu mesma! Por sempre me apoiar e incentivar as minhas escolhas. Obrigada por ser tão presente nessa tese, com todas as conversas e *insights* aleatórios em pé no meio da cozinha, por aparecer com textos e provocações, por me mostrar a hora de parar um pouco e me levar para montanha. Obrigada por tudo isso e mais um pouco!

Selma, obrigada por sempre cuidar de mim com tanto amor! Por incentivar, entender as ausências, dividir o filho e por também acreditar que o futuro a gente constrói hoje, com a educação.

Aos meus alunos, que (quase) sempre trazem leveza e risadas para os meus dias. Me fazem repensar sempre qual a Geografia quero praticar em sala de aula e fora dela.

À todos aqueles que me permitiram chegar até aqui e que de alguma forma contribuíram para este trabalho, muito obrigada!

Resumo

Lopez, Gabriela Garcia Santana; FREITAS, Marcelo Motta de (Orientador); MACHADO, Ana Brasil (Co-orientadora) **Trilhas perceptivas: a Travessia Petrópolis- Teresópolis/RJ**. Rio de Janeiro, 2022.178p. Tese de Doutorado – Departamento de Geografia e Meio Ambiente, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Quando pensamos em uma geografia afetiva, na qual o mundo é o palco de um encontro concreto entre seus elementos sensíveis e o ser humano, entendemos a paisagem como uma experiência, vivenciada de modo único por cada indivíduo. Nesse sentido, a percepção é fundamental na construção da paisagem e da geograficidade. Logo, para pensar e compreender o mundo a partir das experiências do ser humano neste, estabelecemos aqui um diálogo entre geografia e fenomenologia. Entendemos que através das relações afetivas estabelecidas entre o ser humano e a paisagem, existem possibilidades de novos caminhos para o fazer e pensar geográfico. Para isso, utilizamos como área de estudo a Travessia Petrópolis-Teresópolis, um ambiente montanhoso, localizada na região serrana do estado do Rio de Janeiro. O presente trabalho, “Trilhas perceptivas: a Travessia Petrópolis-Teresópolis/RJ”, tem a intenção evidenciar e problematizar como a ciência geográfica pode auxiliar na compreensão das relações estabelecidas entre as várias formas de sensibilidade espacial. A metodologia utilizada foi a de entrevistas narrativas, na qual buscamos entender o que motiva as pessoas a realizar a Travessia, de modo que foi possível por meio de seus relatos conhecer suas percepções sobre a natureza e registrar aspectos desta experiência que para elas são importantes. Entendemos que a percepção geográfica se reflete no modo como as pessoas se relacionam com a Travessia e, desta maneira, pretendemos contribuir para a valorização da Geografia e da Geomorfologia que se vivencia e se ensina.

Palavras-chave

Paisagem; Montanha; Experiência; Geografia; Fenomenologia.

Abstract

Lopez, Gabriela Garcia Santana; FREITAS, Marcelo Motta de (Advisor); MACHADO, Ana Brasil (Co-advisor) **Perceptive trails: the Petrópolis-Teresópolis Crossing**. Rio de Janeiro, 2022. 178p. Tese de Doutorado – Departamento de Geografia e Meio Ambiente, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

When we think of an affective geography, where the world is the stage of a concrete encounter between its sensitive elements and the human being, we understand the landscape as an experience, experienced in a unique way by each person. In this way, the perception is fundamental in the construction of the landscape and the geographicity. Therefore, in order to think and understand the world from the experiences of human beings in it, we establish a dialogue between geography and phenomenology. We understand that through the affective relationships between the human being and the landscape, there are possibilities for new ways of geographical doing and thinking. For that, we use the Petrópolis-Teresópolis Crossing as the study area, a mountainous environment, located in the Região Serrana of the state of Rio de Janeiro. The present work, entitled "Perceptive trails: the Petrópolis-Teresópolis Crossing", intends to evince and problematize how the geographic science can help in the understanding of the relations established between the various forms of spatial sensitivity. The methodology used was that of narrative interviews, in which we sought to understand what motivates the persons to make the Crossing, so that it was possible through their reports to know their perceptions about nature and to record aspects of these experiences that are important to them. We understand that the geographic perception is reflected in the way that people relate to the Crossing and, in this way, we intend to contribute to the appreciation of the Geography and Geomorphology that is experienced and is taught.

Keywords

Landscape; Mountain; Experience; Geography; Phenomenology.

Sumário

Dos caminhos até aqui

1. Introdução	18
2. Naturezas e Montanhas: uma Geografia da percepção	24
2.1. A natureza	24
2.2. A montanha	31
3. Geografia e Fenomenologia	42
3.1. O lugar das experiências existenciais	53
4. O olhar sobre a paisagem na Geografia	60
4.1. O olhar geossistêmico sobre a paisagem	63
4.2. O olhar cultural sobre a paisagem	69
4.3. A paisagem como experiência fenomenológica	73
5. A Travessia Petrópolis-Teresópolis: sobre as primeiras conquistas e diferentes olhares	85
5.1. Uma leitura das rochas e formas (ou, visão geológico-geomorfológica) da Travessia	90
5.2. Uma leitura de dentro (e dos atravessamentos) da Travessia	98
6. A geograficidade da Travessia Petrópolis-Teresópolis: a narrativas pessoais na construção da paisagem	112
6.1. Primeira narrativa – Letícia	115
6.2. Segunda narrativa – Lucas	122
6.3. Terceira narrativa – Stephany	138
6.4. Quarta narrativa – Alain	145
6.5. Quinta narrativa – Joana	149
6.6. Sexta narrativa – Breno	155
6.7. Sétima narrativa – Marcos	161
7. Para continuar caminhando	168
8. Referências bibliográficas	171

Lista de Figuras

Figura 1: Mapa conceitual da pesquisa.....	21
Figura 2: Caminhante sobre o mar de névoa.....	33
Figura 3: A <i>Naturgemälde</i>	35
Figura 4: Estrutura funcional do geossistema.....	67
Figura 5: Travessia Petrópolis-Teresópolis.....	86
Figura 6: Croqui da Travessia Petrópolis-Teresópolis.....	89
Figura 7: Mapa de localização do PARNASO.....	91
Figura 8: Modelo digital da região do PARNASO	93
Figura 9: Estruturação do perfil esquemático das escarpas serranas ao longo dos blocos de falhamentos escalonados relacionados ao RCSB	94
Figura 10: Mapa da Geologia da Travessia Petrópolis-Teresópolis	96
Figura 11: Seção Geológica da Travessia Petrópolis-Teresópolis	96
Figura 12: Domínios geomorfológicos do PARNASO no contexto da Travessia Petrópolis-Teresópolis.....	98
Figura 13: O Monge à beira mar, de Caspar David Friedrich.....	154

Lista de imagens

Imagem 1 - Castelos do Açú	94
Imagem 2 - Vale do Bonfim	100
Imagem 3 - Campo de altitude	101
Imagem 4 - Nascer do sol dos Castelos do Açú.....	102
Imagem 5 - Castelos do Açú	103
Imagem 6 - Salão dos Castelos do Açú	103
Imagem 7 - Portais de Hércules	105
Imagem 8 - Portais de Hércules	105
Imagem 9 - Pedra da Freira	106
Imagem 10 - Descida do Morro do Marco	107
Imagem 11 - Caminhada em meio a neblina.....	108
Imagem 12 - Pedra da Baleia.....	109
Imagem 13 - Caderno com anotações de Letícia ao fim do primeiro dia de Travessia	116
Imagem 14 - Nascer do sol na Pedra do Sino.....	120
Imagem 15 - Nascer do sol na Pedra do Sino.....	121
Imagem 16 - Nascer do sol na Pedra do Sino.....	121
Imagem 17 - Céu do nascer do sol.....	122
Imagem 18 - Letícia na Pedra do Sino	122
Imagem 19 - Árvore que marcou o início da Travessia.....	125
Imagem 20 - Pôr do sol dos Castelos do Açú	129

Imagem 21 - Pôr do sol dos Castelos do Açú	129
Imagem 22 - Nascer do sol dos Castelos do Açú.....	130
Imagem 23 - Nascer do sol dos Castelos do Açú.....	130
Imagem 24 - Ele e sua irmã, logo depois de subir a Isabeloca	136
Imagem 25 - Garrafão, no segundo dia da Travessia	138
Imagem 26 - Garrafão, no segundo dia da Travessia	138
Imagem 27 - Subida no primeiro dia.....	140
Imagem 28 - Subida do Elevador	141
Imagem 29 - Descida na chuva.....	142
Imagem 30 - Subida do Cavalinho	143
Imagem 31 - Chegando ao abrigo da Pedra do Sino.....	144
Imagem 32 - Saída do abrigo da Pedra do Sino.....	145
Imagem 33 - Mirante do Graças a Deus	156
Imagem 34 - Nascer do sol na Pedra do Sino com os Três Picos ao fundo	160
Imagem 35 - Durante a Travessia	160
Imagem 36 - Descanso durante a subida, no primeiro dia da Travessia.....	161
Imagem 37 - O Garrafão, no segundo dia da Travessia.....	163
Imagem 38 - Nascer do sol nos Portais de Hércules.....	165

Lista de siglas

APA: Área de Proteção Ambiental

CEB: Centro Excursionista Brasileiro

ESEC: Estação Ecológica

ICMBio: Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade

PARNASO: Parque Nacional da Serra dos Órgãos

PNMMT: Parque Nacional da Serra dos Órgãos

REBIO: Reserva Biológica

*A geografia não é, no fim das contas, uma certa
maneira de sermos invadidos pela terra, pelo mar,
pela distância, de sermos dominados pela montanha,
conduzidos em uma direção, atualizados pela
paisagem como presença da Terra?*

Eric Dardel, no livro *O homem e a terra*

Dos caminhos até aqui

Pensar as relações estabelecidas entre as mais diferentes pessoas e a Travessia Petrópolis-Teresópolis, surgiu para mim, de forma natural, a partir de experiências pessoais. Nasci em Teresópolis e cresci frequentando o Parque Nacional da Serra dos Órgãos (PARNASO). Perdi a conta de quantas vezes fui lá com professores da escola, o que me fez desde que me lembre, sentir a sensação de “estar em casa” quando sentia o cheiro da Mata Atlântica e olhava todo aquele verde da vegetação, com toda a sua variedade e diferentes texturas. Gostava de caminhar pelas trilhas olhando para o chão de pedras e terra, procurando o melhor lugar para pisar. Me divertia muito com isso!

Lembro que antes disso, bem pequena, percorrer grande parte da estrada que liga Teresópolis à Nova Friburgo, quase pendurada na janela do carro, admirando as montanhas. Elas me fascinavam com seu tamanho e com seus diferentes tons de cinza, me fazendo sonhar em subir cada uma. E tudo que fazia era ficar em silêncio, observando e traçando mentalmente quais seriam os caminhos em sua superfície que teria que fazer para poder subir. Eu tinha uns sete anos nessa época. Fui saber que isso era possível, subir uma montanha, quando ouvi falar do Mozart Catão. Na época, ele, montanista teresopolitano, tinha subido o Everest e eu achava o máximo. Isso despertou ainda mais meu interesse pelas montanhas. E o tempo passou.

Quando saí da cidade para fazer minha graduação, retornando nos finais de semana ou quinzenalmente, aquele sentimento de pertença se tornou mais forte. Agora então, estudante de Geografia, descobri que a sensação que sentia ao ver de dentro do ônibus o Escalavrado, o Dedo de Deus, a vegetação e seu cheiro entrando pela janela, tinha nome, eu estava no meu Lugar. Além disso, olhar aquelas montanhas que me foram sempre tão familiares e saber que sua formação estava relacionada à diversos eventos termotectônicos que haviam corrido há 4600 milhões de anos, me deixava ainda mais encantada e confiante em meu caminho. Desde então, passei a conduzir minhas atividades acadêmicas dentro de perspectivas que abordassem as relações do ser humano com a natureza, pois isso iria permitir que eu sempre pudesse voltar para casa. Havia uma montanha em especial que durante a graduação, chamava de minha: a Pedra da Ermitage. Olhava para ela todo dia, da janela do quarto. Conversava, admirava o modo como ela ficava quando o sol batia depois de uma chuva ou com neblina, esperava a lua cheia

sair de trás dela. Até hoje faço isso, confesso. Mas nessa época, no terceiro período da graduação, já estava decidida a estudar montanhas, ainda que não soubesse exatamente o que.

Foi um percurso longo, no qual primeiro, estudei a propagação de voçorocamento em Magé, cidade próxima à Teresópolis. Aprofundi aí, meu conhecimento em geomorfologia e hidrologia de encostas mas, me incomodava o fato de estar trabalhando com uma abordagem na qual, o ser humano era considerado um “fator antrópico”. Afinal, que ser humano era esse? Então, subi a serra e nos meus trabalhos de especialização e mestrado, nos quais tive como área de estudo o Parque Natural Municipal Montanhas de Teresópolis (PNMMT). Nesse momento, passei a avaliar o papel do Estado e das Organizações Não-governamentais no processo de delimitação e criação desta Unidade de Conservação. O ser humano então, deixou de ser um “fator antrópico” e se mostrou múltiplo, diverso e portador das mais variadas intencionalidades sobre o espaço geográfico.

Em seguida, em consequência de uma inquietação pessoal diante dos eventos extremos que atingiram a região Serrana do Estado do Rio de Janeiro em janeiro de 2011, que resultou em uma perda enorme de vidas, realizei um levantamento dos condicionantes geomorfológicos e uma análise geoecológica da área do PNMMT. Nesse momento, o que me incomodava era o fato de, além das encostas e fundos de vale ocupados por moradias (irregulares ou não, esta é uma discussão que surgiu após janeiro de 2011), parte do parque também foi atingida por deslizamentos. Tais fatos, me levaram a questionar a delimitação desta unidade de conservação feita à época de sua criação, assim como, refletir sobre as políticas públicas de habitação no município.

Após esses trabalhos, me afastei um pouco da vida acadêmica e me dediquei à sala de aula como professora de ensino fundamental. Atividade que exerço ainda hoje e que me ajuda a pensar sempre em uma Geografia acessível, com a qual seja possível dialogar e permear os mais diversos caminhos. Na escola ou fora dela, através de uma troca de conhecimento enriquecedora com toda a comunidade escolar e que ajude a pensar a Geografia que se pratica no dia-a-dia.

Quando comecei a pensar um trabalho de doutorado, estava vivendo um momento de luto diante da morte de meu avô. Voltar meu pensamento e minhas energias para pensar o meu lugar e as relações que construo constantemente com

ele, me surgiu como um processo de cura. Me coloquei então aberta ao mundo que sempre me fez bem, em trilhas, na montanha, sentindo o cheiro do mato e envolta à isso tudo me despedi e pude caminhar com mais leveza. Estava onde deveria estar e, percebendo o quanto me senti afetada por esse ambiente, nunca para mim, fez tanto sentido pensar a geografia como possibilidade. Me colocar diante da natureza e me permitir sentir.

Embora muitas vezes as pessoas não se deem conta da percepção geográfica que possuem dentro de si, ao se lançar em uma experiência de imersão na natureza, como é a Travessia Petrópolis-Teresópolis, elas se colocam diante de atravessamentos, tais como os que vivenciei e, nos quais, a natureza e a paisagem podem ser compreendidas para além de um objeto contemplativo. A Travessia Petrópolis-Teresópolis está no meu lugar, onde me perco e me reconheço, dentro da área do Parque Nacional da Serra dos Órgãos, na região serrana do Estado do Rio de Janeiro. E, do mesmo modo que me sinto atravessada por ela cada vez que coloco meu corpo em seus caminhos, pretendo agora pensar estes atravessamentos em outras pessoas. Analisar as diferentes experiências, percepções e emoções de quem se relaciona com a Travessia ou, em algum momento, a percorreu.

1

Introdução

As montanhas representam um aspecto da natureza que desafia o controle humano. Por conta disso, ao longo da história, as respostas emocionais diante de sua imponência e intemporalidade foram diversas. Surgiram concepções da montanha relacionadas ao medo, ao sagrado, à sua apreensão estética, científica e descritiva. Seu ambiente passou a ser utilizado para fins recreativos, com a prática de esportes como o *trekking* e o montanhismo e, ainda, como um lugar de refúgio, propício para a cura para mazelas. Todas estas relações estabelecidas com a montanha, são recorrentes em culturas distintas.

O surgimento das discussões acerca das montanhas por diferentes áreas de estudos, está relacionado ao relatos de viagens feitos por naturalistas. Com a facilidade de deslocamento que foi se estabelecendo ao longo do tempo, estes começaram a realizar longas viagens, de modo que por volta de 1700, os relatos se intensificaram. Logo, as montanhas passaram a abarcar também um propósito científico, uma vez que muitos dos grandes naturalistas eram geólogos, geógrafos e botânicos, como os alemães Alexander von Humboldt e Carl von Martius. A ciência contribuiu então, para questionamentos acerca de uma visão cartesiana da estética da natureza, a qual identificava beleza apenas nas formas geométricas perfeitas, de modo que as montanhas com suas formas irregulares, passaram a ser apreciadas. Um exemplo disso é que, por ser objeto de estudo de diferentes áreas do conhecimento, muitas leituras existem sobre as montanhas. Ainda hoje, geólogos e geomorfólogos estão em busca de uma categorização do relevo. Na Geografia, a montanha está presente em discussões para além de seus aspectos físicos, mas também em questões relacionadas à dinâmicas da paisagem, lugar e percepção, relacionando-a às experiências espaciais de cada pessoa.

Debates sobre uma Geografia que pensasse para além da abordagem positivista, ocorriam na Geografia Cultural, principalmente sob a influência da Escola de Berkeley, com o pioneirismo do geógrafo Carl Sauer (1889-1975). Suas reflexões propostas sobre a historicidade da ação humana nas paisagens, foram fundamentais durante a renovação das correntes de pensamento geográfico ocorrida na década de 1970. E, é justamente neste período de renovação que a Geografia Humanista assim como a Geografia Cultural, surge como uma subárea da Geografia

Humana, colocando o ser humano e sua existência como pontos centrais em suas abordagens. Desta forma, as experiências de cada indivíduo com os lugares tornam-se elementos importantes para a análise geográfica, à medida que valoriza suas subjetividades intrínsecas.

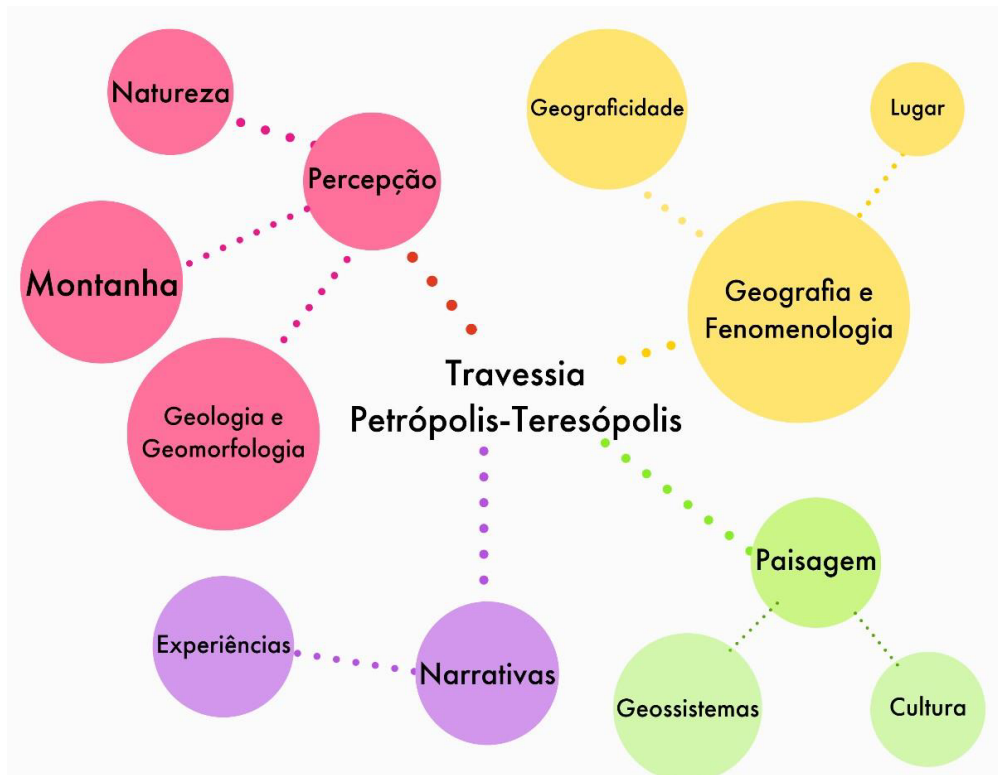
Ante essa oposição à uma Geografia positivista e buscando ampliar ainda mais os horizontes em seus debates sobre como se estabelecem as relações intersubjetivas que surgem das experiências no mundo, os geógrafos humanistas recorrem a Fenomenologia. Eles buscam assim, ampliar os horizontes, à medida que a experiência dos indivíduos com o lugar também são importantes para a análise geográfica. Com o auxílio de princípios da corrente filosófica da fenomenológica, como a intencionalidade, a redução, a corporeidade e o *dasein*, por exemplo, o lugar passa a ser pensado na Geografia a partir da experiência geográfica, que irá se refletir na sensibilidade e no senso de lugar. Contribuições importantes para pensar essa apreensão da subjetividade na geografia são encontradas nos trabalhos de geógrafos como Eric Dardel (2019[1952]), Yi-Fu Tuan (2012a, 2013), Augustin Berque (1985, 2012) e Edward Relph (2019) que buscaram pensar a paisagem através da sensibilidade e das reflexões sobre o lugar. Essa abordagem humanista da Geografia no Brasil, encontramos esta contribuição nos trabalhos de Lívia de Oliveira (2017, 2019), Werther Holzer (2003, 2004, 2012 e 2019) e Eduardo Marandola Jr. (2010, 2021), que nos ajudam a pensar a apreensão da subjetividade na Geografia.

Diante da imersão do ser humano no mundo, cabe falarmos também da paisagem, que é um conceito muito complexo na Geografia. Isso ocorre, diante das diferentes abordagens relacionadas à ela ao longo do tempo. Uma definição mais simplista e cartesiana, a coloca como “tudo o que o olhar alcança” (Santos, 2012). Esta definição no entanto, nos leva à alguns questionamentos como: olhar de quem? De onde? Questões como essas precisam ser respondidas para que então, a paisagem possa ser melhor definida para além de uma mera descrição do que se vê. Ainda que os olhares sobre uma mesma paisagem não sejam os mesmos, a medida que nunca partem de um mesmo ponto de vista, entendemos que as paisagens só podem ser concebidas a partir de uma real experiência do lugar. Caso contrário, teremos simplesmente o espaço geográfico. São necessários os atravessamentos causados no homem pela paisagem à medida que este se lança no mundo, como colocou Dardel (2019).

Nesse sentido, é importante estarmos atentos pois muitas vezes, ocorre uma naturalização da paisagem por parte de quem a experiencia, ou seja, ela é apenas observada sem que haja uma reflexão sobre as dinâmicas que levaram à sua formação e configuração tal qual vemos hoje. Aqui, como estamos falando de um ambiente de montanha, entendemos que as estruturas geológicas não devem estar relacionadas a um tempo estático, pois são parte integrante de um todo maior, a paisagem. Logo, cabe à Geografia, estimular a percepção geográfica de modo que auxilie às pessoas a refletir sobre a paisagem e os aspectos que a compõem. Estes, embora evidentes, muitas vezes passam despercebidos pelo olhar.

Pensando nos atravessamentos e emoções causados no ser humano ao experienciar a paisagem, o objetivo desta tese é evidenciar e problematizar sobre a importância da percepção por parte das pessoas na construção da paisagem e da geograficidade, utilizando como área de estudo a Travessia Petrópolis-Teresópolis que está inserida em um ambiente montanhoso, dentro do Parque Nacional da Serra dos Órgãos (PARNASO). A intenção é investigar como a ciência geográfica pode auxiliar na compreensão das relações estabelecidas entre as várias formas de sensibilidade espacial e como essa percepção se reflete no modo como as pessoas se relacionam com a Travessia. Para isso, vamos buscar entender suas motivações, conhecer sua percepção sobre o modo como se relacionam com a natureza e registrar aspectos desta experiência que para elas são importantes. Uma mapa mental/conceitual da pesquisa está representado na figura 1.

Figura 1: mapa conceitual da pesquisa.



Elaboração: a autora (2022).

A hipótese debatida aqui é que pensar a natureza na modernidade e sua consequente mercantilização, tem sido insuficiente diante da necessidade de se vivê-la de modo integrado, como sujeitos. Logo, a potência da Travessia está no fato de fazer com que as pessoas se percebam natureza. Isso vai ocorrer através da experiência da paisagem e do caminhar. Por isso, no capítulo **“Naturezas e Montanhas: uma Geografia da percepção”**, é construído um caminho reflexivo sobre como foram estabelecidas ao longo do tempo, as relações do ser humano com a natureza e as montanhas através de uma fundamentação teórica e conceitual. Esta, nos leva a pensar sobre a capacidade que o ambiente de montanha tem de modificar a percepção que as pessoas têm da natureza e sobre o quão importante esta percepção é não apenas na construção da paisagem ou da natureza. Como podemos pensar a Geografia a partir do que as pessoas sentem? Qual a capacidade dos cheiros, da visão, das sensações nos levarem de volta aos lugares da experiência?

A medida que a experiência de montanha provoca uma resposta emocional nas pessoas, o capítulo três, **“Geografia e Fenomenologia”**, abordamos por meio de uma revisão bibliográfica a relação estabelecida entre a concepção fenome-

lógica e a Geografia, tendo como base as formulações de filósofos como Merleau-Ponty, Husserl e Heidegger. Temos então, uma possibilidade de reflexão das experiências nas quais o ser humano é percebido no mundo individualmente, ainda que parte de um todo maior. Logo, a fenomenologia será concebida como uma tentativa de descrição direta das experiências com o mundo tal como ele é: palco das nossas manifestações possíveis.

Para, a partir daí, pensar o lugar como o lócus da experiência existencial. O mesmo é feito no capítulo seguinte, **“O olhar sobre a paisagem na Geografia”**, no qual ainda que tenhamos como base o enfoque da abordagem da Geografia Humanista na discussão sobre a paisagem, apresentamos esta também sobre a perspectiva Geossistêmica. Isso ocorre diante da percepção a escolha de apenas uma abordagem, é insuficiente para dar conta das diferentes apreensões da paisagem, uma vez que a pensamos subjetivamente, como uma experiência fenomenológica.

No capítulo intitulado **“A Travessia Petrópolis-Teresópolis: as primeiras conquistas”**, apresentamos os relatos das primeiras incursões na Travessia, que datam da década de 1920. Em seguida, é feita uma caracterização dos aspectos geológico-geomorfológicos da Travessia, e, também um relato de experiência da Travessia por parte da pesquisadora, evidenciando assim, a possibilidades de múltiplos olhares sobre um mesmo lugar.

Para estabelecer os atravessamentos existentes entre as montanhas, a paisagem, a natureza e a Geografia pelos quais as pessoas passam ao experienciar a Travessia, precisamos saber suas motivações. O que faz com que se coloquem nesta imersão na montanha, sujeitas ao frio, ao sol, ao cansaço, enfrentando o medo, subidas íngremes e descidas que exigem bastante de seus corpos, muitas vezes carregando peso nas costas? Por isso, em **“A Geograficidade da Travessia Petrópolis-Teresópolis: as narrativas pessoais na construção da paisagem”**, trazemos inicialmente um breve debate acerca da metodologia utilizada, de entrevistas narrativas. Entendemos que é de grande importância a descrição direta das experiências com o mundo no qual nossas manifestações são possíveis, de modo que esta pesquisa empírica auxilia na compreensão das diferentes experiências de apreensão geográfica da paisagem.

São apresentados então, relatos de experiência sobre esta imersão na paisagem da Serra dos Órgãos, de diferentes pessoas que realizaram a Travessia.

Montanhistas, guias, pessoas que não estão habituadas à longas caminhadas ou ambiente de montanha, trilheiros, geógrafos, biólogos. Pensar as relações estabelecidas entre pessoas tão diferentes e a Travessia Petrópolis-Teresópolis é pensar em uma geograficidade, ou seja, “uma relação concreta que liga o homem à Terra (...) como modo de sua existência e de seu destino” (Dardel, 2019, p. 2). Assim, a importância da percepção está não apenas na construção da paisagem ou da natureza. Como podemos pensar a Geografia a partir do que sentem? Qual a capacidade dos cheiros, da visão, das sensações remeterem estas pessoas aos lugares da experiência?

A experiência de imersão na natureza, as coloca diante de atravessamentos nos quais a natureza, a montanha e a paisagem podem ser compreendidas para além de objetos contemplativos. Através dos relatos das relações que são estabelecidas por elas e o modo como pensam a paisagem e a sua própria existência através de distintas formas de sensibilidade espacial, esperamos contribuir para os debates relacionados à importância da percepção geográfica na valorização da Geografia e da Geomorfologia que se vivencia e que se ensina.

2 Naturezas e montanhas: uma geografia da percepção

2.1 A natureza

Cresci brincando no chão, entre formigas. De uma infância livre e sem compara-mentos. Eu tinha mais comunhão com as coisas do que comparação.

Porque se a gente fala a partir de ser criança, a gente faz comunhão: de um orva-lho e sua aranha, de uma tarde e suas garças, de um pássaro e sua árvore. Então eu trago das minhas raízes crianceiras a visão comungante e oblíqua das coisas. Eu sei dizer sem pudor que o escuro me ilumina. É um paradoxo que ajuda a po-esia e que eu falo sem pudor. Eu tenho que essa visão oblíqua vem de eu ter sido criança em algum lugar perdido onde havia transfusão da natureza e comunhão com ela. Era o menino e os bichinhos. Era o menino e o sol. O menino e o rio. Era o menino e as árvores.

Manoel de Barros, no livro *Menino do Mato*.

Uma vez que esta tese tem como tema a percepção dos indivíduos diante da paisagem e das montanhas, cabe um breve debate sobre a natureza, pois todas estas categorias estão sujeitas à diferentes interpretações. Em seu livro *A Natureza* (2000), Merleau-Ponty coloca que o sentido da palavra natureza deriva da palavra latina *nasco*, nascer, viver e, do grego, de um verbo que faz alusão ao vegetal, de modo que ela vai existir por toda parte em que há vida que tem um sentido. Ela é o nosso solo, não aquilo que está diante, mas o que nos sustenta (Merleau-Ponty, 2000, p. 4).

Nesse sentido, pensado a natureza como onde há vida ou o que nos sustenta, podemos imaginar que para muitos a relação de si com a natureza, passou a ser repensada diante do período de isolamento social, decorrente da pandemia da Covid-19. Múltiplos que somos, nossa postura diante da situação à nós imposta, foi variada. Ou melhor, os diferentes contextos socioambientais nos quais vivemos, se impuseram de maneiras diversas para cada um. Algumas pessoas puderam se refugiar em meio ao verde, (sobre)vivendo em relação com uma natureza que foi fundamental para suas saúde física e mental. Isso porque, ao mesmo tempo, outras pessoas passaram o período de isolamento dentro de quadrados de concreto, sofrendo do que Luov (2016) chamou de déficit de natureza. Pensamos então, sobre

a importância do contato com a natureza e como sua ausência, evidencia ainda mais isso. Seja para lidar com questões pessoais relacionadas à saúde mental, seja pensado em nossa formação como ser humano, desde a infância, à medida que o contato com ela tem a capacidade de ampliar horizontes. Mas, que natureza é essa?

O fato é que muitas vezes a percepção da importância da natureza por parte das pessoas é difícil, pois a própria construção do que é natureza/natural é complexa de modo a ser (des)valorizada por estas, de formas diferentes. Logo, ao mesmo tempo que para alguns a natureza possui pouco ou nenhum valor; outros romantizam, valorizam determinados locais ou espécies como especialmente atrativas e importantes, chegando a estabelecer conexões espirituais com o mundo natural (Lourenço, 2019, p. 35) É possível percebermos, a partir de uma compreensão do espaço geográfico que abarque toda a sua singularidade e multiplicidade, o encontro de diferentes categorias, tais como natureza, sociedade e espaço tempo. A medida que adquirimos esta percepção, a apropriação da natureza pelo indivíduo insere-se em determinadas formações sociais e, esta natureza, torna-se uma categoria social. Logo, vai ser justamente a limitação existente nas relações entre os seres humanos, que vai determinar as relações e seus limites destes, com a natureza. Podemos fazer o exercício aqui, de resgatar algumas concepções de natureza para ajudar na reflexão desta relação (quase) sempre dicotômica entre ela e o ser humano.

Para tal, vamos partir de um contexto mais geográfico, no qual a natureza que concebemos, segundo Moreira (2009), é a nossa experiência sensível, cujo conhecimento organizamos através de uma linguagem geométrica matemática. Logo, não há uma distinção entre a natureza e os fenômenos naturais, uma vez que podemos ver a natureza no relevo, nas rochas, nos climas, na vegetação, nos rios e etc. Existe assim, um equilíbrio ambiental quando, entre as coisas inorgânicas, estão incluídas as vivas. Deste modo, a própria organização geográfica da natureza ocorre por meio do entendimento do processo de formação da totalidade e, tendo esta concebida como a soma de cada fenômeno, em uma cadeia lógica de sucessão casual e, desencadeando uma integração num sistema da natureza.

Diante da interação sociedade-natureza e da consequente problemática inserida nesta, cabe para Mendonça (2004), o uso do termo socioambiental, uma vez que é insuficiente falarmos de meio ambiente apenas do ponto de vista da natureza. Neste caso, a medida que estes termos aparecem entrelaçados, enfatiza-se

a importância do envolvimento da sociedade enquanto sujeito fundamental dos processos que envolvem a problemática ambiental atual. Assim, com esta conjuntura, surge a necessidade de se pensar uma natureza tecnificada e, não apenas, como decorrente de seus processos de auto-organização. Temos hoje, uma natureza que é decorrente do período Técnico Científico Informacional, e, conseqüentemente, há uma intervenção não apenas em suas formas, mas também em seus processos. Sobre esta instrumentalização da natureza, mas citando o materialismo histórico, Leff (2010) ressalta que esta aparece como os objetos de trabalho e os potenciais da natureza que se integram ao processo global de produção capitalista e, em geral, os processos produtivos de toda formação social, como um efeito do processo de reprodução/transformação social.

No livro, *Para onde vai o pensamento geográfico*, Ruy Moreira estimula o debate da geografia diante da fragmentação do olhar geográfico, que tem como consequência, o engavetamento das diferentes áreas de conhecimento, sem que haja uma interação direta entre elas. Assim, à medida que analisa os problemas que cercam a geografia moderna, traz à tona a crítica dos conceitos de natureza, ser humano e economia na geografia. Desse modo, ao traçar um breve histórico acerca da evolução do conceito de natureza, Moreira (2009) nos remete a teoria heliocêntrica de Copérnico (1473-1543) que revolucionou, ao evidenciar o entendimento do sistema solar. Logo, há um rompimento com a concepção de mundo da teoria geocêntrica de Aristóteles-Ptolomeu, no qual mudam as noções de estrutura e de localização das coisas do mundo. Na teoria geocêntrica, o mundo era dividido em sub-lunar (dos seres humanos) e supra-lunar (dos seres perfeitos, eternos e absolutos) e tinha a Terra como centro, de modo que a natureza era concebida como uma forma, uma destinação do mundo e do homem (Merleau-Ponty, 2000). Assim, com esta mudança na releitura da ordem geográfica do mundo, têm-se o nascimento da ciência moderna. Conseqüentemente, há a criação do método experimental por Francis Bacon (1561-1626), no qual os fenômenos tornam-se objeto do conhecimento por meio de uma investigação sistemática, a qual lhes confere objetividade.

Esta oposição entre ser humano-natureza e espírito-matéria também pode ser percebida na influência judaico-cristã. Porto-Gonçalves (2011) ao abordar esta questão, tem como base a afirmação cristã de que “Deus criou o homem à sua

imagem e semelhança” e, conseqüentemente, este é dotado de um privilégio. E continua:

Com o cristianismo no Ocidente, Deus sobe aos céus e, de fora, passa a agir sobreo mundo imperfeito do dia a dia dos mortais. (...) A assimilação aristotélico-platônica que o cristianismo fará em toda a Idade Média levará à cristalização da separação entre espírito e matéria (PORTO-GONÇALVES, 2011, p. 32).

Moreira (2009) aborda também a formulação cartesiana do espaço, na qual Descartes (1596-1650) organizou o mundo como um conjunto de corpos dispostos neste e distintos entre si por suas formas e posição na extensão circundante. Esta nova visão de mundo se consolida no século XVII, com a Lei da Gravidade, de Isaac Newton (1643-1727). A natureza então, passa a ser regida por uma lei própria, não sendo mais a morada de Deus e, passando a ser concebida como tudo o que se expresse por um conteúdo físico-matemático. Desta maneira, tudo o que não se repete e obedece a uma regularidade matemática, não é um fenômeno da natureza e, portanto, é separado dela.

Ao abordar a visão de Descartes, de uma natureza externalizada, Casseti (2004) enfatiza que esta foi recuperada no Iluminismo, buscando atender as expectativas do sistema de produção vigente. À medida que Descartes procura o “desencantamento do homem” e a busca da “feliz apatia”, separando o corpo da alma, ocorre uma dominação da natureza interna em prol da dominação externa da natureza. É de suma importância ressaltar, que o conceito de natureza externalizada teve origem na concepção mitológica de “natureza hostil”, que surgiu da submissão do ser humano aos mistérios da vida em seu estado mais primitivo. Além disso, visou ainda a legitimação da apropriação privada dos meios de produção fundada no princípio de “conhecer a natureza para dominá-la”, de Francis Bacon.

Visto isso, Moreira (2009) destaca que:

É, todavia, um mundo dicotômico. Nem tudo nele é movimento geométrico-mecânico. Descartes distingue *res extensa*, mundo das coisas corporais, de *res cogitans*, o mundo das ideias. Galileu Galilei distingue a natureza, o mundo das “qualidades primárias”, aquilo que é mensurável e quantitativo, da não-natureza, o mundo das “qualidades secundárias”, aquilo que não tem existência objetiva. E tanto um quanto o outro qualificam o mundo numa nova divisão dicotômica. (MOREIRA, 2009, p. 57).

Estamos diante, então, de um conceito de natureza que fechada, externalizada a tudo o que não é físico-matemático e preditivo, e que, conseqüentemente, determina o conceito de ser humano. Assim, à medida que não fazem parte do espaço um do outro, Natureza e ser humano se opõem, se excluem. É justamente dentro desta perspectiva cartesiana antropocentrista, que Porto- Gonçalves (2011) ressalta que a partir do momento que a natureza foi vista como recurso, o ser humano passou a dominá-la, uma vez que havia sido instrumentalizado pelo método científico.

Tais ideias de uma natureza externa ao ser humano foram levadas as últimas conseqüências, com a institucionalização do capitalismo, de modo que a natureza se define em nossa sociedade, como aquilo que se opõe à cultura. E esta passa a ser tomada como algo superior e que conseguiu dominar e controlar a natureza. Temos então, uma natureza que é coisificada, instrumentalizada para atender aos anseios do ser humano e seu bem-estar. Mas que natureza é essa? De que estamos falando afinal, já que sua apreensão pode ser múltipla?

Acerca desta construção cultural do conceito de natureza, Suertegaray (2004) faz duas leituras. Na primeira, é possível pensarmos as coisas externas ao ser humano, como a natureza e, na segunda, por conta da dimensão do humano, pensamos tudo aquilo que escapa a nossa interferência como natural. Neste contexto, Casseti (2004) evidencia a Geografia de forma dualizada, na qual Humboldt (1769-1859) está de um lado, como precursor da Geografia Física, apontando a influência das forças terrestres sobre o ser humano e Ritter (1779-1859), como precursor da Geografia Humana encontra-se do outro, abordando os efeitos da natureza sobre os povos.

Esta dicotomia da relação sujeito-objeto vai ser rompida, segundo Moreira (2009), com Kant, ao colocar o ser humano e os fenômenos dentro de uma mesma relação no mundo. A Natureza para Kant é um conceito que mantém o mundo como um conjunto de corpos organizados por leis físico-matemáticas, entretanto, elucidados pelos conceitos *a priori* da razão. Mendonça (2004) observa que a partir do momento em que ocorre esta interação entre o ser humano e os fenômenos no mundo, há um crescente envolvimento das suas atividades no meio. Isto porque, à medida que ele está socialmente organizado, temos mais um fator do que um elemento do ambiente, uma vez que existem relações de interdependência entre o ser humano e estes fenômenos do mundo.

É interessante pensarmos as interações entre o ser humano e a natureza, em outras perspectivas, com a contribuição da antropologia. Em *Jamais fomos modernos*, Latour (2019) faz uma crítica ao modo como a ciência vem sendo construída, separando natureza e cultura e, nos leva a refletir sobre as consequências disso na nossa forma de pensar. Para ele, a constituição da ciência na modernidade é consequência de um processo que separou a natureza, segregando-a, de modo que esta precisa ser explicada pela ciência, uma vez que os modernos partem do pressuposto de que a natureza não se explica. Por conta disso, Latour coloca que é necessário um retorno aos cosmos, uma vez que são diversos os saberes e não cabe apenas ao científico, de modo que jamais fomos modernos, porque jamais houve ciência sem magia e, jamais ignoramos a animação do mundo.

É necessário descolonizarmos o significado do conceito de natureza e o sentido da nossa relação com elas através de outras cosmologias, como a epistemologia dos povos latinos originários. Para Viveiros de Castro (2016), a divisão entre natureza e cultura não pode ser utilizada pra descrever dimensões internas a cosmologias não ocidentais. Segundo ele, na perspectiva multiculturalista ameríndia, há uma unidade do espírito e uma diversidade dos corpos, o que consequentemente, resulta em uma interpretação fenomenologicamente rica de suas noções cosmológicas. Logo, estas é que irão determinar as condições nas quais serão constituídos os contextos que se poderiam chamar natureza e cultura. Já nas cosmologias multiculturalistas modernas, em oposição à ameríndia, há uma unicidade da natureza, diante de uma multiplicidade de culturas. Um ponto convergente dentre uma multiplicidade de concepções está relacionado ao fim da diferenciação entre cultura e natureza. Ressalta que para os ameríndios, o referencial comum a todos os seres da natureza deve ser a humanidade enquanto condição e não apenas o ser humano.

Tal pensamento nos leva à outra contribuição na reflexão, proposta por Aílton Krenak (2020) em seu livro *Ideias para adiar o fim do mundo*. Para ele, nós, como sociedade, fomos durante muito tempo nos alienando do organismo que é a Terra, como se houvesse uma separação entre ela e nós, enquanto humanidade. “Eu não percebo onde tem alguma coisa que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo em que eu consigo pensar é natureza” (Krenak, 2020, p. 17). O que vem ocorrendo então é um distanciamento da humanidade deste organismo terra, de modo que os únicos que ainda se mantêm agarrados à ela são justamente

os que ficaram esquecidos nas beiradas do planeta. É a sub-humanidade, caíçarás, indígenas, quilombolas e, no entanto:

Deveríamos admitir a natureza como uma imensa multidão de formas, incluindo cada pedaço de nós, que somos parte de tudo: 70% de água e um monte de outros materiais que nos compõem. E nós criamos essa abstração de unidade, o homem como medida das coisas, e saímos por aí atropelando tudo, num convencimento geral até que todos aceitem que existe uma humanidade com a qual se identificam, agindo no mundo à nossa disposição. Esse contato com outra possibilidade implica escutar, sentir, cheirar, inspirar, expirar aquelas camadas do que ficou fora da gente como “natureza”, mas que por alguma razão ainda se confunde com ela. (KRENAK, 2020, p. 69-70)

Podemos observar que, conforme apontou Latour, esta distinção entre natureza e cultura nos leva, enquanto seres humanos, a um distanciamento equivocado da natureza, à medida que tudo é natural e cultural ao mesmo tempo. Há uma dificuldade de se entender o mundo como uma totalidade, conforme coloca Descola (2016) ao recordar Fernando Pessoa:

Vemos claramente que há montanhas, vales, planícies, florestas, árvores, flores e mato, vemos claramente que há riachos e pedras, mas não vemos que há um todo ao qual isso tudo pertence, afinal só conhecemos o mundo por suas partes, jamais como um todo (DESCOLA, 2016, p. 23).

A natureza deve então, refletir a nossa capacidade de nos maravilhar, de modo que o contato com ela, nos inspire a criatividade, demandando a percepção e o amplo uso dos sentidos (Ludov, 2016). Logo, pensando a Geografia para além da sala de aula, está no contato com a natureza a nossa possibilidade de se ampliar os horizontes, o tempo. E, dentre tantos lugares, escolhemos para fazer esse exercício a montanha, que possui a capacidade de nos fazer sentir pequenos, quando nos colocamos diante de sua grandiosidade. Temo a montanha então, como uma potência capaz de nos fazer repensar o tipo de relação que queremos estabelecer com a natureza.

2.2 A montanha

La montaña siempre es un espejo do que somos, un recorrido de la vida del hombre a la metáfora própria de la vida em su plenitude.

Anrubia e Pisonero

As montanhas, principalmente por conta de sua imponência física, sempre instigaram a razão e sensibilidade humanas. Acrescenta-se à isso, o fato de serem um elemento permanente no mundo do ser humano, de modo que estarão sempre desafiando o seu controle, quer ele goste ou não dela. Logo, ao longo do tempo e, principalmente em seu caráter simbólico, diferentes interpretações e atitudes dos seres humanos em relação à montanha, surgiram. Estas, podem ser entendidas como o reflexo do modo como foram estabelecidas culturalmente as relações entre o ser humano e a natureza, de modo que ainda que sejam decorrentes das racionalidades dos sujeitos, são compreendidas como produto de uma coletividade.

A ideia da montanha vista como algo assombroso, partilhada por gregos, romanos e chineses, está relacionada ao impacto causado pela grandiosidade de algo que não se podia apreender em sua totalidade e, por isso, era concebido como hostil. Imponente, desconhecida, com sons característicos da floresta, o ambiente de montanha à medida que despertava esses sentimentos de medo e aversão, também desafiava o ser humano com um desejo de dominação. É o que Tuan (2005) chamou de “paisagens do medo” pois as montanhas e florestas, ao contrário de inundações e nevascas, que podiam ser imaginadas como perseguidoras de suas vítimas, agrediam somente os que ousavam transgredir seus domínios.

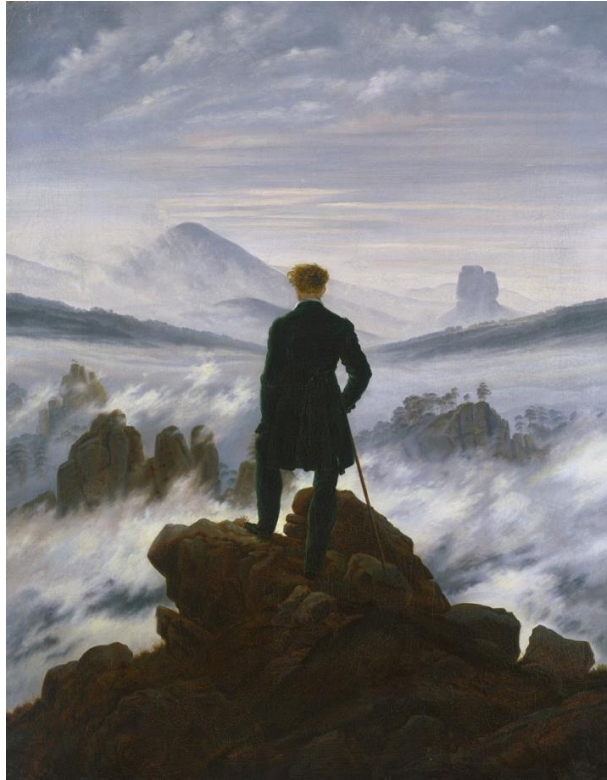
Por conta disso, de maneira ambígua, à medida que despertava o medo, também era atribuído às montanhas um caráter divino, sagrado. Esse, era partilhado pelos sumerianos, gregos, budistas, taoístas, germânicos e também estava presente na mitologia indiana. É atribuída à montanha uma simbologia espiritual, de modo que, alvo de adoração, em diferentes culturas tais como as mitologias grega e chinesa. Segundo Brito (2008), diferentes grupos antigos compartilhavam semelhanças em suas representações coletivas relacionadas à montanha no que diz respeito à alguns estados míticos ao longo do tempo. A mais antiga, estava relacionada a noção de Deus-montanha, na qual como personificação de deuses, a montanha era o alvo de adoração. Em seguida, ela passa a ser tida como uma

morada sagrada, residência de divindades. Começam a ocorrer então, sob forte influência do catolicismo, religiões evangélicas e orientais, peregrinações nas quais a subida das encostas muitas vezes representavam um sacrifício físico em busca de uma iluminação divina. A montanha assim, é um meio encontrado pelo ser humano para se conectar com os deuses, como uma passagem pela qual corre qual corre um fluxo entre a terra e o céu divino.

Logo, o costume de se colocar cruzeiros no alto das montanhas, além de um caráter de demarcação de território, está relacionado também ao controle simbólico e espiritual sobre elas. Ao mesmo tempo que em alguns lugares é atribuído à montanha o simbolismo de morada do mal, carregando em sua nomenclatura a referência à elementos associados a essa carga negativa, como a Agulha do Diabo e o Vale da Morte, no Parque Nacional da Serra dos Órgãos, no estado do Rio de Janeiro, em outros, há o predomínio de nomes que se relacionam ao simbolismo religioso. Temos então, o Dedo de Nossa Senhora, O Dedo de Deus, Pico do santo Antônio, Vale do Bonfim como exemplo, isso ficando ainda apenas na área do PARNASO. Além de compreendida como uma forma dessa demarcação simbólico-religiosa da montanha, ambos os tipos de nomenclatura também podem ser associados às dificuldades de percurso e ascensão por parte de montanhistas ao longo do tempo, o que nos mostra mais um aspecto das relações estabelecidas entre o ser humano e as montanhas.

Com o passar do tempo, surgiram novas sensibilidades em relação à montanha, por parte de muitas culturas. Sua imponência desperta então, um interesse pela apreciação estética das montanhas, diante de sua grandiosidade. Essa mudança de postura ficou evidente, por exemplo, na arte. As pinturas passaram a representar o ser humano em relação de igualdade com as montanhas e, que depois perderam espaço para o destaque dado a natureza, que assumiu o plano principal. Podemos observar um exemplo destas representações pictóricas na obra do pintor alemão Caspar David Friedrich (Figura 2), de 1817. Intitulada “*Caminhante sobre o mar de névoa*”, a pintura retrata um homem no topo de uma montanha, se colocando em uma relação de reverência à natureza, apreciando-a e, ao mesmo tempo, mostrando toda a sua insignificância e impermanência enquanto ser humano, diante da grandeza de uma natureza incontrolável.

Figura 2: Caminhante sobre o mar de névoa, de Caspar David Friedrich.



Fonte: artrianon.com

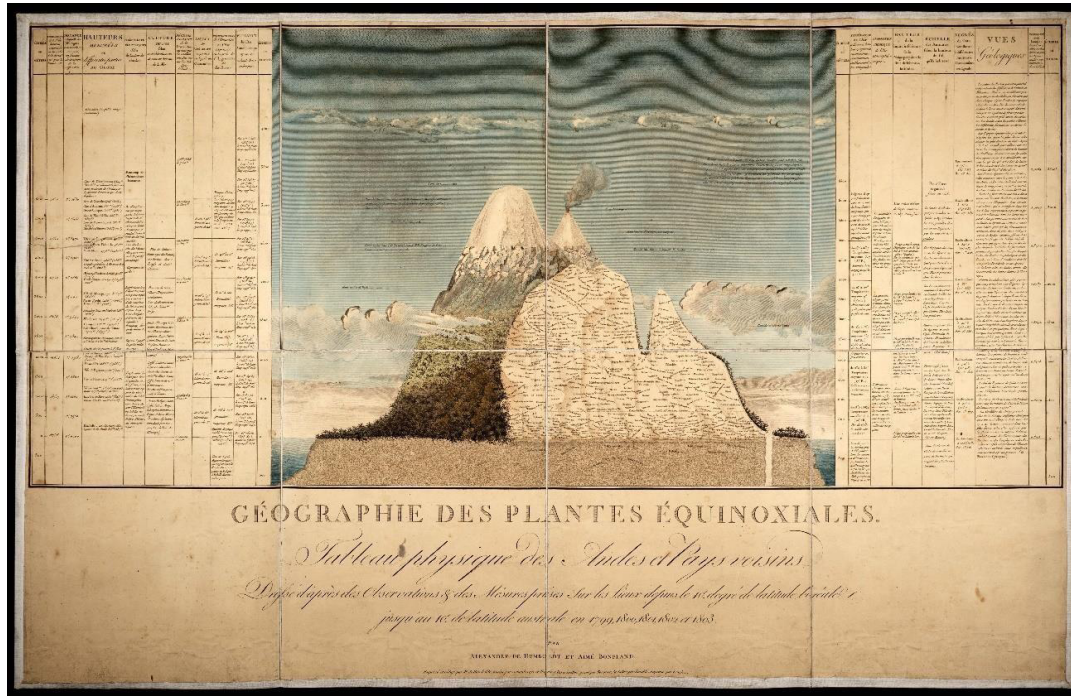
Ainda que na China a apreciação estética tenha surgido em IV d.C., no Ocidente, essa modificação vai ocorrer apenas na Idade Média, com a descrição de experiências diretas da natureza que mesclavam medo e reverência. Aspectos que até então atribuíam à montanha certa hostilidade, como a altitude e o perigo que sua morfologia representava, passaram a ser admirados. Temos nesse período, o rompimento com a ideia de uma paisagem cartesiana por parte de muitos escritores e pensadores, de modo que ao preferir o irregular e o inútil, possuíam para si mesmos uma beleza ao mesmo tempo maravilhosa e terrível (Tuan, 2012a, p.109). Tal como o poeta italiano Francesco Petrarca (1304 -1374) escreveu em suas cartas o relato da subida ao Monte Ventoux em 1336, a busca pela montanha passara refletir o desejo por uma experiência paisagística desinteressada, a busca por um lugar que proporcione o prazer e, do alto, as melhores vistas. Petrarca teria posto em evidência uma postura moderna do olhar direto sobre o mundo na qual, para Besse há “o caráter decisivo da experiência pessoal na determinação da verdade geográfica”, que ilustra “de maneira exemplar a transgressão constitutiva da

modernidade em relação a Idade Média. Ele ‘viu a natureza por ele mesmo’, diz Burckhardt” (Besse, 2019, p. 2).

Coube aos cientistas modernos, entre os séculos XV e XVIII, a possibilidade de se compreender por meio da matemática, das leis naturais ou consideradas divinas. E, é justamente esta possibilidade de se quantificar e explorar a obra divina que, assim como aponta Neta e Júnior (2020), aos poucos diminuiu a simbologia negativa em relação à natureza e despertou, conseqüentemente, o interesse pela montanha por parte de cientistas.

Entram em cena então os naturalistas, que logo estabelecem relações de prazer e de propósito científico e começaram a escrever também, relatos de viagens, que se intensificam por volta de 1700. As primeiras pesquisas com caráter exploratório nas montanhas, são realizadas por botânicos suíços e franceses e, ficam mais restritas às partes baixas e de mais fácil acesso. Em seguida geólogos e geógrafos passam a explorar cientificamente os pontos mais elevados, os quais os botânicos não haviam acessado.

Cabe aqui, destacarmos a importância para as ciências de um destes naturalistas, o alemão Alexander von Humboldt. Com sua visão holística da natureza, à sua época, ele se colocou contrário às perspectivas ocidentais colocadas por filósofos e botânicos, como Aristóteles, Descartes e Lineu. Estas, eram fundamentadas na centralidade do ser humano como dominador e possuidor, ao qual a natureza existia para servir. Suas percepções e sua forma de compreender a natureza, foram revolucionárias e são até hoje, fundamentais para compreensão do mundo, o qual para ele, era uma unidade em sua diversidade. Então, quando finalmente iniciou sua viagem pelo continente americano, os choques perceptivos que sofreu reforçaram suas ideias e posicionamentos diante da natureza. Ao subir o vulcão Chimborazo, no Equador, Humboldt pode aprimorar seu entendimento acerca da natureza. Logo, quando começou a escrever *Naturgemälde*, sua pintura da natureza, deixou claro que para ele, a natureza era concebida como uma unidade, à medida que nela, podia observar os elementos do meio natural e suas relações, em uma espécie de microcosmo (Figura 3).

Figura 3: A *Naturgemälde*.

Fonte: www.avhumboldt.de/

Ainda pensando essa concepção de natureza como unidade, sobre as montanhas, segundo Wulf (2019), estas

...enfeitiçavam Humboldt. Não eram apenas as exigências físicas ou a promessa de um novo conhecimento. Havia também algo transcendental. Toda vez que se postava em um cume ou alto espinhaço, se sentia tão comovido pelo cenário que sua imaginação o transportava ainda mais alto. Essa imaginação, dizia ele, aliviava as 'profundas feridas' que a 'razão' pura por vezes criava (WULF, 2019, p. 134)

Humboldt fazia uma leitura dos elementos da natureza, para entendê-la como um reflexo do todo. Assim, ele se colocava novamente contra as concepções estabelecidas até então. Os cientistas deveriam sair dos gabinetes e caminhar pelo mundo tal como os naturalistas. E de fato, muitos foram e são, até hoje, influenciados por suas ideias. Tal como, a autora que aqui escreve. Para seu fazer científico, eram importantes o observar e o sentir. A arte e a poesia se tornam então, fundamentais para dar conta da totalidade do mundo que é apreendida desta maneira.

Além de *Naturgemälde*, após sua viagem de cinco anos (1799-1804) pelo continente americano, ao retornar à Europa, Humboldt se viu envolto em seus

manuscritos sobre tudo o que havia visto, como por exemplo *O Ensaio sobre a geografia das plantas*, que trazia uma perspectiva que relacionava botânica e geologia. Este, assim como outros de seus escritos, foi considerado à época, revolucionário para a compreensão de natureza. Acrescenta-se à isso, os relatos das viagens de Humboldt, que foram fundamentais para instigar diferentes gerações que uniam entre outras coisas, ciência e poesia. Segundo Claval (2012):

Acompanhando Humboldt, os geógrafos alemães conservavam o hábito de guarnecer suas descrições objetivas com observações pessoais. É que essa é a época das filosofias da natureza, à maneira de Goethe: a contemplação da natureza leva à descoberta das profundas harmonias concedidas pelo Criador. Nas outras escolas geográficas, a descrição continua sombria. Os geógrafos do século XIX estão atentos à diversidade das paisagens. Seu papel é fazer com que seus leitores a descubram (CLAVAL, 2012, p. 247).

As montanhas passam a abarcar também este propósito científico, uma vez que muitos dos grandes naturalistas eram geólogos, geógrafos e botânicos. A ciência contribui então, para o rompimento com uma visão cartesiana da estética da natureza. Atrélada ainda ao conhecimento científico acerca das montanhas à época destas viagens naturalistas, desenvolvem-se teorias relacionadas ao poder de recuperação dos ambientes de montanha por conta de qualidade do ar em altitudes elevadas e esta, passa a ser também um lugar de refúgio.

Para além a exploração científica nas montanhas, durante o século XIX, muitos poetas do romantismo passaram a fazer o elogio à elas, diante de sua beleza sublime, que era a coisa na Terra mais próxima do infinito (Tuan, 2012a, p.108). Para os poetas românticos ingleses Samuel Taylor Coleridge (1772-1834), William Wordsworth (1770-1850) e Robert Southey (1774-1843) a obra de Humboldt servia como um grande estímulo e acreditavam que assim como os cientistas, os poetas deveriam sair de seu gabinete e caminhar ao ar livre para então compreender de fato a natureza. Sua influência se estendeu então, sobre nomes como Goethe (1749-1832), Darwin (1809-1882), Schelling (1775 – 1854), Thoreau (1817- 1862), Haeckel (1834 - 1919), Marsh (1801- 1882), John Muir (1838- 1914).

Entretanto, essa postura poética e de encantamento diante da montanha, levou a se pensar a experiência como desnecessária, sob a justificativa de que não era preciso ver realmente uma montanha para defini-la como sublime. Entretanto, ainda assim, à medida que foi havendo um avanço que facilitava as viagens, ocorreu uma

mudança de atitude em relação às montanhas. Se anteriormente elas eram concebidas como um lugar perigoso no qual, conforme aponta Brito (2008), historicamente heréticos e rebeldes em tempos de perseguição se escondiam, de modo que eram relacionadas a focos de resistência civil/militar. O maior acesso, permitiu que fosse estabelecida uma relação de familiaridade com as montanhas e, ao mesmo tempo em que foi se perdendo a feição de proibida, começou a haver um maior uso recreativo do ambiente montanhoso.

Os lugares marcados por paisagens naturais passam deste então, a ser buscados por habitantes de áreas urbanas como refúgio e descanso. Há atualmente, como observa Damiani (2019), uma mercantilização das relações sociais ali, assim como, mudanças no tempo-espço do lugar. Em seu livro *Pelo Espaço*, a geógrafa Doreen Massey (2008), ao abordar o conceito de lugar, reflete sobre, na modernidade, a importância da busca pela natureza a fim de reestabelecer uma contemplação da intemporalidade das montanhas. Se pensarmos a montanha a partir de todas as integrações espaço-temporais pelas quais ela passou e continua passando, conhecendo a história e a geografia que a fizeram estar no momento presente, o caminhar por ela pode se tornar uma experiência incrível.

Logo, a visão de mundo de Humboldt mostra-se mais uma vez inspiradora e necessária. Além de seu papel fundamental ao tornar a ciência acessível à todos e, mais uma vez, ao fazer isso atrelando à ela a arte, ele evidenciou o quão fundamental é o uso da imaginação. Ainda que sua importância tenha sido quase apagada para as gerações seguintes, que cresceram já com muito dessa sua concepção em seu dia a dia, as ideias de Humboldt permanecem precisas e relevantes atualmente. São considerações relacionadas aos problemas ambientais e à questões sociais, econômicas e políticas, que se refletem hoje também na produção de conhecimento do sul global através de importantes nomes como: Carlos Walter Porto-Gonçalves, Rogério Haesbaert e Ailton Krenak.

Então, partindo para abordagens nas quais uma perspectiva decolonial está inserida, podemos observar ao pensarmos cientificamente a montanha, que ainda hoje existem divergências entre geólogos e geomorfólogos na busca de uma categorização do relevo. Discussões sobre o que define uma montanha, são comuns na ciência, de modo que devemos valorizar as diferentes qualidades paisagísticas. É preciso fazer jus a outros à outros olhares culturais lançados sobre a natureza, a outros universos de significação, a outros conceitos e outras práticas (Besse, 2019,

p. 62). Por isso, é importante pensarmos assim como sobre a montanha, a própria paisagem a partir das experiências afetivas de quem as percebe. E, a partir dela constroem um sentido para a vida (Furlan, 2019, p. 230).

Um exemplo interessante, está relacionado aos processos geológico-geomorfológicos de formação das montanhas. Referindo-se ao artigo *La Science et le paysage*, do geólogo francês Albert de Lapparent, de 1903, Besse coloca que:

A paisagem conta, *sob* a fruição estética, uma *outra* história, ela desenvolve um *outro* sentido. Lapparent não evoca a história humana, mas a história da terra, a história geológica, da qual a paisagem é a expressão visível. Assim, como ele ainda diz: “às vezes a paisagens de uma graça infinita é dado o encargo de contar os grandes feitos dos cursos d’água” (BESSE, 2019, p. 63).

Vejam, a explicação científica e validada, do choque de placas tectônicas e posterior soerguimento de material epirogênico, também pode ser encontrada na mitologia Iorubá. Para os Iorubás, *Oqué* é o orixá das montanhas que fez com que estas surgissem das profundezas dos mares, dando abrigo para as pessoas e fazendo com que a Terra deixasse de ser uma imensa planície.

No princípio, Olocum reinava só no mundo.
 Olofim fez o mundo de água e Olocum o governava.
 No princípio, tudo era o mar, tudo era Olocum.
 E Olofim andava entediado com a vastidão sem fim das águas.
 Foi então que Oraniã, com a força que lhe dera Olofim,
 fez surgir do fundo do oceano o primeiro monte de terra,
 a primeira colina sobre as águas, a montanha Oquê.
 Oquê, que quer dizer montanha na língua dos antigos,
 surgiu das profundezas dos mares para o prazer de Olofim
 e desde então, além das águas, passou a existir a terra de Oquê.
 Assim nasceu Oquê, o orixá do monte,
 e sobre o monte a vida do homem foi possível.
 [...]
 A terra tremeu e se agitou.
 Oquê foi crescendo e crescendo,
 até numa montanha transformar-se,
 levando consigo, no seu cimo, todo o seu povo.
 [...]
 Agora a Terra já não era uma vastíssima planície.
 Morros, colinas e serras faziam parte deste mundo.
 (PRANDI, 2019, p.192-193)

Saindo do continente africano e vindo para o outro lado do Oceano Atlântico, temos aqui na América, outras cosmovisões sobre a montanha que se encontram com a Iorubá em alguns aspectos, ainda que contadas de outras maneiras. O livro

Popol Vuh, um manuscrito antigo e importante da cosmovisão Maia, traz um relato sobre a criação do mundo. Nele, havia apenas céu e mar, imóveis e silenciosos. Existiam também o Criador, o Formador, Tepeu e Gucumatz, A-que-Concebe, O-que-Gera, e que estavam na água, radiantes que eram, por natureza, grandes sábios, grandes pensadores (Popol Vuh, 2022). No céu, existia o *u Qux Cah*, o Coração do Céu, que assim se diz o nome do deus. Tepeu e Gucumatz refletiram bastante de modo que se iluminou para eles o que seria o ser humano e, começaram a criação da vida. Diante da escuridão, o Coração do Céu formado por *Caculhá Huracán* (Raio Huracán), *Chipi-Caculhá* (Raio Pequenino) e *Raxa-Caculhá* (Raio Repentino) e foram até Tepeu e Gucumatz conceber o alvorecer. Após dizerem algumas palavras, a terra se criou:

Para a terra nascer, disseram apenas: Terra!, e a terra surgiu no mesmo instante. Assim como nuvem, como névoa, a terra foi surgindo, desdobrando-se, e então as montanhas despontaram da água, e num instante se tornaram grandes montanhas. E foi somente por sua natureza prodigiosa, por sua agudeza, que se deu forma a montanhas e vales – em cujo leito súbito irromperam florestas de ciprestes e pinheiros. Isso alegrou Gucumatz:

– Foi bom você ter vindo, Coração do Céu; e você, Huracán, e você, Raio Pequenino, e você, Raio Repentino! (POPOL VUH, 2022, p. 121)

Para os indígenas do povo Pemon, que vivem nas proximidades do Monte Roraima, localizado na tríplice fronteira entre Brasil, Guiana e Venezuela, a montanha também representa a ancestralidade. Para eles, as montanhas em forma de mesa que fazem parte do Parque Nacional Canaima, são chamadas de *Tepuys*. Estes eram tão sagrados para os mais antigos, que em respeito aos moradores das montanhas, que eram seus deuses, os antepassados que se foram do plano terrestre, não se podia apontar com o dedo ou olhar diretamente para eles. Quando queriam subir os *Tepuys*, rezavam primeiro para a montanha. Na cosmovisão dos Pemon a montanha é sagrada e, quando os *Tepuys* estão cobertos por nuvens, os espíritos que ali habitam, como o Imawari ou Macoi se incomodam e fazem trovejar. Logo, não se pode gritar nas proximidades, pois isso incomoda os deuses, que choram, e então chove.

Já para os Yanomami, os *Xapiri*, que são os guardiões invisíveis da floresta, espíritos ancestrais que vivem nos topos das montanhas. Para eles, a montanha é morada e foi criada por *Omana*, o espírito ancestral que criou a terra. Em um momento de desespero para proteger seu filho, Omana fugiu e apagou suas pegadas

plantando atrás de si folhas de palmeira *hoko si* que, uma após a outra, transformaram-se em picos rochosos. *Omana* então se assentou sobre a montanha para firma-la sobre o solo e os *xapiri* morarem. Por isso, para os Yanomami elas não estão na floresta à toa.

A casa do pai de minha esposa fica aos pés de um maciço rochoso que chamamos *Watoriki*, a Montanha do Vento. Essa montanha é também a casa de *xapiri* antigos, que lá vivem em grande número: espíritos do vendaval *Yariporari*, espíritos arara, espíritos japim *ayokora*, espíritos galo-da-serra, espíritos macaco-aranha e macaco prego, espíritos anta, espíritos veado e espíritos suçuarana e onça pintada. Graças a esses *xapiri*, o vento e a chuva descem das alturas para espalhar-se por toda a floresta, tornando-a fresca e úmida. Aqueles de nós que não são xamãs, do mesmo modo que os brancos, não percebem nada disso. Os espíritos são invisíveis para seus olhos de fantasma e eles só veem os animais de caça de que se alimentam. (KOPENAWA E ALBERT, 2020, p. 118)

Todas essas diferentes visões e, que ao mesmo tempo são tão semelhantes, reforçam a ideia de Krenak (2020), que questiona o apagamento de narrativas de povos originários sobre a montanha, assim como o distanciamento que está sendo estabelecido entre a humanidade e o seu lugar. Diante da imposição de uma narrativa globalizante e superficial que insiste em contar uma mesma história, os únicos núcleos que ainda ponderam sobre a necessidade de se manterem agarrados a essa terra, são justamente os que estão esquecidos nas beiradas do planeta: indígenas, caiçaras, quilombolas, aborígenes. Todos aqueles a quem Krenak chama de sub-humanidade. Por isso, são apresentadas algumas cosmovisões da montanha, dentre elas, a do próprio povo Krenak:

Tem uma montanha rochosa na região onde o rio Doce foi atingido pela lama da mineração. A aldeia Krenak fica na margem esquerda do rio, na direita tem uma serra. Aprendi que aquela serra tem nome, Takukrak, e personalidade. De manhã cedo, de lá do terreiro da aldeia, as pessoas olham para ela e sabem se o dia vai ser bom ou se é melhor ficar quieto. Quando ela está com uma cara do tipo “não estou para conversa hoje”, as pessoas já ficam atentas. Quando ela amanhece esplêndida, bonita, com nuvens claras sobrevoando a sua cabeça, o pessoal fala: “Pode fazer festa, dançar, pescar, pode fazer o que quiser”. (KRENAK, 2020, p. 17-18)

Por isso, narrativas citadas por ele, como a da senhora de um território dos Hopi que, no início do século XX conversava com sua irmã, uma pedra ou, de povos da Colômbia, do Equador ou andinos que estabelecem também relações de afeto e chegam a fazer festa para as montanhas, não devem ser apagadas. Todas as relações

estabelecidas entre o ser humano e as montanhas, carregam um histórico de sabedoria e aprendizado muito diverso e que deve ser preservado, uma vez que nenhum saber é mais importante do que outro, sejam eles científicos, ancestrais, místicos, religiosos, recreativos, artísticos, medicinais.

3 Geografia e fenomenologia

*Estudara nos livros demais.
Porém aprendia melhor no ver, no ouvir,
no pegar, no provar
e no cheirar.*

Manoel de Barros, *Memórias Inventadas*.

A fenomenologia pode ser compreendida como uma filosofia dos mundos vividos, da experiência humana, conforme aponta Holzer (1998) e, surge diante da crise do subjetivismo e do irracionalismo, datadas do final do século XIX e início do século XX. Para a fenomenologia, continua o autor, se uma ciência não retorna a atitude primitiva do questionamento, não se desenvolve enquanto ciência. Por conta disso, as crises são importantes para que sejam possíveis a revisão, por parte das ciências, de seus conceitos fundamentais e, assim, progredirem posteriormente. Nesse sentido, a fenomenologia é, para Heidegger (1973, p. 499) a possibilidade do pensamento - que periodicamente se transforma e só assim permanece – de corresponder ao apelo do que deve ser pensado.

Para além de uma crise da filosofia, alguns filósofos, como Edmund Husserl (1859-1938), apontam ser também uma crise das ciências do homem ou, das ciências, meramente. Diante de questionamentos acerca dos fundamentos e alcance da ciência positivista, como o alcance de suas leis ou o sentido de sua objetividade, o modo de percepção original irá surgir como um conhecimento fundamental, no qual, os fenômenos podem ser percebidos. Afinal, o que dizer do sujeito concreto, em sua vida psíquica imediata e em seu engajamento histórico, que o pensamento objetivo não consegue explicar? (Dartigues, 2013, p. 15).

A fenomenologia é concebida então, como uma outra forma de fazer ciência, que pensa o mundo de uma forma privilegiada, à medida que não possui um único método. Partindo do entendimento que, ao contrário da ciência positivista, não existe apenas um meio de se fazer ciência, a fenomenologia se propõe a criar métodos específicos para cada estudo, pautados em uma visão holística da relação entre o ser humano e a natureza.

Pautada no estudo dos fenômenos e de como estes aparecem à consciência, a fenomenologia irá conceber o fenômeno como acessível a todos, de modo que são

as experiências do comum que irão permitir, por meio de uma intuição originária, que este seja identificado. Ou seja, a consciência daquilo que é dado, a própria coisa, só existe se for em relação ao mundo. E será, através de sua essência que o fenômeno terá atribuído a si, uma visão de sentido. Lyotard (2017) enfatiza que a essência, ou seja, o *eidós* do objeto, é aquilo em que a coisa própria se revelou, de modo a voltar às próprias coisas.

Em outras palavras, o *eidós* é o modo como se apresenta o objeto para uma consciência, como ele é para ela. Logo, é a pura possibilidade que nos permite distinguir o fenômenos. Quando fazemos esse exercício com a Travessia Petrópolis-Teresópolis, temos nesta a essência como uma pura possibilidade, pois, mesmo que cada indivíduo a perceba de uma maneira, sabe-se o que a distingue de uma outra trilha. Logo, vemos que a intuição da essência se distingue da percepção do fato: ela é a visão do sentido ideal que atribuímos ao fato materialmente percebido e que nos permite identifica-lo (Dartigues, 2013, p.20).

Sobre a percepção, além de pontuar algumas de suas características, tais como o conhecimento de um sujeito corporal ou, o mundo exterior, organizado em sua totalidade e com sentido, Chauí (1995) ao abordar a psicologia da forma e a fenomenologia, coloca que:

não há diferença entre sensação e percepção porque nunca temos sensações parciais, pontuais ou elementares, isto é, sensações separadas de cada qualidade, que depois o espírito juntaria e organizaria como percepção de um único objeto. Sentimos e percebemos formas, isto é, totalidades estruturadas com sentido e significação (CHAUÍ, 1995, p. 121).

Holzer (2012), ressalta que foi Edward Relph em 1970¹, o primeiro a colocar as possibilidades de a fenomenologia ser um suporte filosófico capaz de unir os geógrafos que se ocupavam com aspectos subjetivos da espacialidade, mas que não queriam ser identificados como comportamentalistas. Segundo ele, a ideia era desenvolver uma bagagem filosófica que levasse à aproximações humanistas na geografia. O método fenomenológico seria utilizado para fazer uma descrição rigorosa do mundo vivido da experiência humana e, com isso, por meio da

¹ “An inquiry into the relations between phenomenology and geography”. *Canadian Geographer*, 1970, 14 (3), pp. 193-201.

intencionalidade, reconhecer as “essências” da estrutura perceptiva (Holzer, 2012, p. 169).

Logo, a abordagem que relaciona Geografia e Fenomenologia parte das experiências nas quais o ser humano é percebido no mundo individualmente, ainda que parte de um todo maior, através de uma visão holística da relação entre o ser humano e a natureza. Por isso, fenomenologia será concebida aqui, como uma tentativa de descrição direta das nossas experiências com o mundo tal como ele é: palco das nossas manifestações possíveis. É o ser (*sein*) aí (*da*) no mundo, *dasein*, nas palavras de Heidegger (1889-1976), onde o “aí” tem uma dimensão de exterioridade, à medida que somos lançados no mundo. O *dasein* é para Heidegger, um ente cuja existência é ontologicamente fundamental, ou seja, é constitutiva da essência: uma existência contingente, temporal, mundana, finita, cujo sentido é ser-para-a-morte (Giacioia Jr. 2013, p.63). Holzer (1998) enfatiza, que a Geografia é fundamental para a compreensão do *dasein* pois é o “aí”, a base sobre a qual experimentamos o tempo e sem a qual a história não pode acontecer. A fenomenologia do *dasein* parte então, de nós mesmos, pois nossa existência se dá tanto como *da* quanto *sein* e, à medida que somos colocados em situação, nos é revelada a existência da relação espaço-tempo.

Os relacionamentos estabelecidos no *dasein*, o ser-o-aí no mundo, são colocados de diferentes maneiras e podem ser objetivos, de trato/lida cotidiana ou éticos. Deste modo, correm através de uma relação entre sujeito e objeto posta como totalidade dos objetos presentes para um sujeito do conhecimento; do modo como os objetos são colocados como utensílios, e como lidamos com eles de maneira pragmática e, na relação pessoal com a qual estabelecemos um cuidar de poder ser no mundo e ser-com-os-outros, respectivamente. Logo, o ser-no-mundo é estar aberto para uma mundanidade, é ser-com, compartilhando através das relações estabelecidas nos planos dos objetos, de lida e, como pessoas.

Essa abordagem, foi criticada por parte da ciência, principalmente os racionalistas, que a julgavam desinteressante por priorizar as experiências pessoais, subjetivas. Deste modo, caberia à ciência uma discussão estritamente racional, na qual o ser humano seria tratado como uma classe, uma população, um recurso. Sobre estas críticas por parte dos racionalistas, diante da subjetividade da análise fenomenológica, Husserl defendeu que a impulsão filosófica deve surgir das coisas e dos problemas e não, da filosofia. Caso contrário, ao não considerar a importância

da intuição, pode-se acabar perdendo em especulações à medida que, a natureza de um fenômeno é confundida com a descoberta de suas causas exteriores. Ao nascer sobre o solo da experiência comum, a filosofia poderia então, começar a ser mais do que uma experiência acabada, como são as “visões de mundo”, um assunto que diz respeito a todos ainda que singular e, portanto, contestável, da individualidade genial (Dartigues, 2008, p.13).

Do mesmo modo, Relph (2019) coloca que para Husserl o positivismo decapita a filosofia, o que significa que:

a ciência empírica deixa de fora sentimentos, emoções, experiências e tudo que é humano. A ciência espacial, pode-se dizer, achatava a geografia, reduzindo-a a uma única dimensão. Isso deixa de fora a história, a estética, a poesia e a maioria das conexões que as pessoas têm com as regiões, cidades e ambientes naturais (RELPH, 2019, p. 19).

O filósofo francês Maurice Merleau-Ponty (1908-1961), em seu livro *Fenomenologia da Percepção* (2018) enfatiza que na fenomenologia a racionalidade é extremamente proporcional às experiências nas quais ela se revela, de modo que o mundo fenomenológico não é o ser puro mas a interseção das experiências dos diversos indivíduos. Por isso, a separação de subjetividade e intersubjetividade é inconcebível. O mundo fenomenológico não é a explicitação de um ser prévio, mas a fundação do ser (Merleau-Ponty, 2018, p.19). Nesse sentido, para Milton Santos (1996), a fenomenologia aparece como instrumento fundamental dentro da geografia.

Através das coisas, dos objetos, isto é, da configuração geográfica. A fenomenologia permite passar do universal ao particular, sem cair no risco de uma interpretação “coisista”, empiricista, indo além da coisa, do objeto, da materialidade do espaço. A dicotomia entre objetividade e subjetividade também pode ser balizada, tanto pela noção de estrutura como pelo uso de um método fenomenológico que inclua o que estou chamando de Geografia Existencialista, isto é, abrangente do Ser e do Existir, e não se contente com um enfoque individualista e fragmentário, de onde o movimento do mundo como um todo e da sociedade como um todo é excluído. Trata-se de compreender a produção da particularidade como realização da existência. A sociedade global seria apenas a essência, enquanto a existência seriam os lugares, na sua condição particular e cuja cristalização provisória, incluindo matéria e espírito. (SANTOS, 1996 p. 04)

É justamente buscando superar essa dicotomia que Berque (1985) colocou que a modernidade separa o subjetivo e o objetivo. De forma ambivalente, para Haesbaert (1997) essa separação carrega também o fenomênico do físico; o simbólico e o ecológico; a sensibilidade e a razão; a poesia e a ciência. A poesia nessa perspectiva, carrega a possibilidade de se despertar o sentimento do belo ao ser capaz de romper com a linearidade e a funcionalidade do mundo moderno capitalista. Haesbaert (1997) ressalta o quanto a poesia pode ser revolucionária por conta de seu caráter lúdico. Ao permitir a possibilidade da imaginação ela torna-se transgressora, à medida que não pertence à lógica e ao mundo do compra-venda.

Então, essas abordagens que relacionam geografia e fenomenologia surgem como uma possibilidade de se repensar as estruturas formais do fazer científico. Merleau-Ponty (2018) defende que cabe à fenomenologia olhar para os sujeitos da pesquisa pensando o ser humano não como um objeto, mas como um indivíduo sensível, de modo que a ciência transmita em sua visão, descrições diretas da experiência, tal como ela é. Essa perspectiva de transmitir um relato do mundo vivido, foi formulada posteriormente pelo geógrafo Eric Dardel, com a ideia de *geograficidade*, na qual a afetividade do ser humano em relação à Terra ocorre através de seu desejo de ser e estar no mundo.

Ao refletir sobre a inserção do ser humano no mundo a partir de um espaço geográfico fenomenologicamente determinado, Dardel se recusava a aceitar que a geografia fosse vista como uma disciplina científica, nos moldes positivistas. Então, pensou a inserção do ser humano no mundo e a descrição desse mundo vivido, no qual o físico e o humano são percebidos e interpretados, por quem os experiência. Para ele, o rigor da ciência não perde em nada ao confiar sua mensagem a um observador que sabe admirar, selecionar a imagem justa, luminosa, cambiante (Dardel, 2019, p. 3). Nesse sentido, a *geograficidade* é uma possibilidade de se compreender a experiência geográfica, fenomenologicamente. Essas diferentes maneiras de sentir e conhecer os ambientes, de se relacionar com o mundo considerando sua diversidade de paisagens para o autor, só é possível através de uma relação concreta que liga o ser humano à Terra, entendida como o lugar de vida. É o ser no mundo, nas palavras de Merleau-Ponty (2018). A geografia ligada ao real, na qual é impossível apagar a subjetividade do sujeito. É necessário, no entanto, compreender a paisagem como uma *geograficidade* original, na qual tem-se a Terra como um lugar, base e meio no qual se estabelece a totali-

dade do ser humano. Entendendo que a paisagem é um desdobramento da pluralidades das experiências humanas que ocorrem no espaço geográfico, este espaço material diz respeito às escolhas humanas, assim como à uma espacialização corpórea, como as concepções de distância e direção. Isso ocorre conforme se dá a compreensão do espaço como uma experiência do vivido na qual há uma ligação interna que une todos os elementos, uma vez que seu uso é estabelecido conforme a escala da realidade humana.

A geografia não é, de início, um conhecimento; a realidade geográfica não é, então, um “objeto”; o espaço geográfico não é um espaço em branco a ser preenchido a seguir com colorido. A ciência geográfica pressupõe que o mundo seja conhecido geograficamente, que o homem se sinta e se saiba ligado à Terra como ser chamada a se realizar em sua condição terrestre. (DARDEL, 2019, p.33)

Uma vez que este espaço geográfico, para Dardel, mais do que a superfície terrestre é um espaço material, alguns de seus elementos serão estabelecidos por meio de uma experiência primitiva, a qual ele compreende como uma resposta de realidade geográfica a uma imaginação criativa. Temos então um exercício de decomposição deste espaço em elementos que, segundo Holzer (2019) extrapolam os níveis de compreensão de uma ciência rigorosamente objetiva. São os espaços que ao serem decompostos, são colocados por Dardel como telúrico, aquático, aéreo e construído. Sobre estas designações, Holzer afirma que:

telúrico, responsável pelas noções de espessura, solidez e plasticidade; aquático, que coloca o espaço em movimento e fixa os limites que o circundam; aéreo, elemento invisível porém presente, ao mesmo tempo permanente e mutante. O espaço construído também é considerado e, além dele, a paisagem. (HOLZER, 2019, p.147)

À medida que o espaço construído reflete a obra humana, ligada aos seus habitats em diferentes escalas, temos a paisagem como um produto histórico, resultado da inserção do ser humano em todos estes espaços. Entretanto, para que o relato do mundo vivido seja possível, é necessário pensarmos a experiência. Tuan (2013) ressalta que experiência é um termo que abrange as diferentes maneiras por intermédio das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade. Partindo da etimologia da palavra “experiência” da raiz latina *per*, de “experimento”, “experto” e “perigoso”, o autor observa que para experienciar no sentido ativo, é necessário

aventurar-se no desconhecido. Ou seja, lançar-se no mundo. Logo, para Tuan, segundo Holzer (2003) na perspectiva humanista, a experiência é definida como a totalidade de meios pelos quais nós chegamos a compreensão do mundo. Ou seja, através da sensação (sentimento), percepção e concepção (Holzer, 2003, p. 117).

A medida que o indivíduo sensível se lança no mundo, cabe a abordagem fenomenológica a busca pela valorização das experiências vividas. Para tal, cabe a descrição do mundo por parte de quem o vive, como fundamentação para se compreender a realidade e, conseqüentemente, a essência. Assim, para Damiani (2019) a fenomenologia irá unificar intencionalmente os diversos pareceres empíricos sobre um objeto único e,

assim, pretende ganhar o sentido do objeto, que sobrepuja a esfera dos dados sensíveis. Chega-se à transcendência ou unidade intencional dos sucessivos pedaços de um único objeto. O olhar não se concentra numa única direção e acaba por ganhar o livre horizonte dos fenômenos, purificados transcendentalmente. O sentido do mundo não deixa de ser o sentido que eu dou ao mundo, mas nos termos de uma subjetividade transcendental, do eu que tem o mundo como visado, numa inclusão intencional (DAMIANI, 2019, p. 154).

Nessa busca por uma melhor apreensão do mundo, o corpo, e todos os seus sentidos, também são fundamentais pois, é por meio da corporeidade que serão estabelecidos os sentimentos do ser humano com os lugares. Ao afirmar que “sou meu corpo”, Merleau-Ponty (2018) evidencia que não se separa o pensamento do corpo e que é, através de nossas manifestações corporais que nos revelamos para o mundo e que este vem para nossa interioridade. Muitas vezes, utilizamos para isso a fala e a escrita, de modo que a poesia, nessa perspectiva, é uma forma de se modular a existência. Logo, ele busca assim, romper com a ideia de um espaço único e absoluto, propondo um espaço como superfície da existência, apreendido por meio da experiência perceptível. Esquivando-se das estereotípias comuns quando se põe em causa corpo, espaço e tempo, Merleau-Ponty (2018, p.205) vai preferir dizer que o corpo é no espaço. Para Lima (2014), tal proposição, aparentemente simples, está para muito além de meramente admitir que o corpo é espaço ou que o corpo está situado no espaço. Dela deriva a proposição segundo a qual a indissociabilidade entre tempo e espaço, expressos respectivamente em seus correlatos ontológicos ser e estar, apresenta-se como formas elementares da existência.

Podemos conceber assim, o corpo como uma finalidade, à medida que o espaço só existe se o corpo também existir e por ele se movimentar. “Reconhecemos no corpo uma unidade distinta daquela do objeto científico. Acabamos de descobrir uma intencionalidade e um poder de significação” (Merleau-Ponty, 2018 p. 237). Deste modo, construímos o espaço a partir de nossa corporeidade, nos lançando intencionalmente no mundo. Para Holzer (1998), o corpo representa a transição do “eu” para o “mundo”. O corpo constitui o ponto de vista do ser-no-mundo. Ele coloca o homem como existência (p. 50). É o que Silva e Arruda (2021) colocam como corpo de experiência geográfica, o qual este corpo que vive, se movimenta e sente o/no espaço, de modo a criar espacialidades que irão constituir suas atmosferas emocionais, suas respostas emocionais à esses deslocamentos espaciais do corpo.

Os movimentos espaciais do corpo nos contam suas histórias, porque o que eu sinto me faz construir conhecimentos sobre mim e sobre o mundo. A consciência corporal exige a auto-percepção. Nesse sentido, o espaço de ação, constituído pelos múltiplos movimentos do corpo, revela que estamos em constante (inter)relação, sendo o movimento, ao mesmo tempo, performance e comunicação (SILVA E ARRUDA, 2021, p. 131).

Nesse sentido, é através da corporeidade que as espacialidades se constroem. O corpo é um caminho para uma (re) educação do ser e estar no mundo e nas geografias que tecemos (Silva e Arruda, 2021, p. 125). Logo, visto que a experiência corporal também é uma experiência espacial, a intencionalidade desempenha um papel fundamental na fenomenologia, pois ela diz respeito a como eu me deparo com o mundo, como o ser se volta para as coisas. Ao afirmar que toda consciência é consciência de alguma coisa, Husserl estava colocando, que toda consciência é intencionalidade. O mundo é incluído na consciência, de modo que o “ser-no-mundo” passa a ser um modo de existência a partir da inserção do ser humano neste. Ou seja, só é consciência quando dirigida a um objeto, *intentio*. Não há assim uma separação de sujeito, concebido através da consciência e, objeto, mas, uma correlação no entendimento destes. Não é porque eu penso ser que estou certo de existir, mas, ao contrário, a certeza que tenho de meus pensamentos deriva de sua existência efetiva (Merleau-Ponty, 2018, p.511).

A essa busca em romper com a oposição entre sujeito e objeto, Lencioni (1999) chamou de *intencionalidade da consciência*, pois é considerada a percepção que vem das experiências vividas. Ou seja, toda intencionalidade é sempre a consciência de alguma coisa que realiza atos e ter em vista conteúdos ou significações: “perceber é sempre perceber alguma coisa, imaginar é sempre imaginar alguma coisa, dizer é sempre dizer alguma coisa, pensar é sempre pensar alguma coisa” (Chauí, 1995). Deste modo, é por meio das vivências, do modo como nos percebemos e sentimos o mundo através do corpo, que construímos nossoeu.

Logo, temos a análise intencional, visto que o objeto só pode ser definido em sua relação à consciência, ele é sempre objeto-para-um-sujeito (Dartigues, 2008, p.22). Cabe esclarecer com a análise intencional, como é constituído o sentido do ser (*Seinssin*) do objeto. Isso, por que a intencionalidade é um objetivo, mas é igualmente uma doação de sentido (Lyotard, 2017, p. 39). A partir da apreensão do pensamento de Husserl, Heidegger idealizou a intencionalidade como uma dimensão constitutiva estrutural da consciência, do *cogito*, na qual a experiência é capaz de adquirir uma dimensão de sentido para a consciência. Então, pensando a intencionalidade tomada em sentido psicológico, Lyotard coloca que esta

expressa precisamente a insuficiência intrínseca do corte entre a interioridade e a exterioridade. Dizer que a consciência é consciência de alguma coisa, é dizer que não há noese sem noema, *cogito* sem *cogitatum*, mas também não há *amo* sem *amatum*, etc.; em resumo, encontro-me entrelaçado com o mundo (LYOTARD, 2017, p. 69).

Lima (2014) ao conceber a intencionalidade como um atributo da necessidade humana, alerta que assim como um fenomenólogo, um cartesiano poderia também afirmar que não é pelo fato de pensar, que algo existe. Para o autor, a evidência dessa existência é passível de dúvida, uma vez que deriva da aparência apreendida pela experiência sensível. Logo, à intencionalidade pode ser atribuído um sentido prático, diante da necessidade humana. Ora, se toda consciência é consciência de alguma coisa, a gênese desse sentido deriva da experiência vivida prática e efetiva com as coisas. Está aí o motivo do qual, para Merleau-Ponty, a consciência não permanece pura pois, ao apreender o objeto, há um retorno para si. Segundo Lima:

Como as coisas aparecem o tempo todo para a consciência, inferindo-se, dessa apropriação, uma intencionalidade, decorre uma ininterrupta reelaboração da unidade de sentido que talvez tenha escapado a Husserl. Uma vez que não podemos nos isolar do mundo, seria impossível atingir uma redução completa e definitiva, e disso se infere também a impossibilidade de se apreender a essência (LIMA, 2014, p.87)

Desta forma, a intencionalidade está relacionada ao modo como eu me coloco com o mundo, do ponto de vista tético, supondo a existência da consciência ou do que se afirma como ela. Ou seja, através das relações estabelecidas entre minha multiplicidade subjetiva como sujeito, *noense* e, os múltiplos significados aos quais apreendo os objetos, *noema*. Logo, ao contrário do posto por Husserl, a intersubjetividade não pode então, se anteceder às representações objetivas das coisas. É através dela que o lugar irá se construir, com as relações estabelecidas entre os sujeitos e o mundo vivido, assim como compreendeu Dardel.

Então, temos na intencionalidade o que possibilita a redução fenomenológica, que irá permitir a descrição da relação sujeito-objeto, tal como posto por Lyotard (2017). Para o filósofo, toda redução tem por objeto toda a transcendência, ou seja, todo o em si, de modo que o seu primeiro resultado irá nos levar a dissociar nitidamente o mundano /natural e o sujeito não mundano. Para ele,

o sujeito da redução ou Eu Puro é evidente a si mesmo de uma evidência apodíctica, o que significa que o fluxo de vivências que o constitui, enquanto se aparece a si mesmo, não pode ser posto em questão, nem na sua essência, nem na sua existência. (...) a certeza de ser do Eu não garante a certeza do conhecimento do Eu; mas é suficiente para opor a percepção transcendente da coisa e do mundo em geral e a percepção imanente (LYOTARD, 2017, p. 31).

Logo, estabelecido o Eu empírico, temos a atitude fenomenológica a partir do desdobramento do Eu, por meio do qual se estabelece a essência, como consciência da alguma coisa e,

é porque a consciência é intencionalidade que é possível efectuar a redução sem perder o que é reduzido: reduzir é, no fundo, transformar todo o dado em face-a-face, em fenómeno, e revelar assim os caracteres essenciais do Eu: fundamento radical ou absoluto, fonte de toda a significação ou potência constituinte, nexos de intencionalidade com o objeto (LYOTARD, 2017, p. 37).

Cada vez mais utilizada nos estudos da paisagem contemporânea, a melhor fórmula da redução é sem dúvida aquela que lhe dava Eugen Fink, o assistente de Husserl, quando falava de uma “admiração” diante do mundo (Merleau-Ponty, 2018, p.10). E, durante essa “admiração”, cabe ao exercício de redução fenomenológica separar o conhecimento vivido, afim de compreender como o mundo se constitui tendo como ponto de partida a interpretação da experiência. Reaprendemos então a ver o mundo, pois ao pensar as experiências no mundo de modo a fugir das ideias estabelecidas pelo senso comum, construímos nosso conceito de lugar na intersubjetividade.

Será preciso:

despertar a experiência do mundo tal como ele nos aparece enquanto estamos no mundo por nosso corpo. Mas, retornando assim ao contato com o corpo e com o mundo, é também a nós mesmos que iremos reencontrar, já que, se percebemos com o nosso corpo, o corpo é um eu natural e como que o sujeito da percepção (MERLEAU-PONTY, 2018, p.278)

Assim, são estabelecidas as nossas relações com o lugar de vida. Neste, os espaços vividos são então, entendidos como um meio pelo qual as relações ocorrem e não, como um palco destas. Somos colocados então, segundo Merleau-Ponty (2000) em um universo inteiramente diferente, que vai nos fazer ver nesse mundo um sistema de correlações *noema-noese* e reduzir a natureza ao estado de noema. A redução irá então, para Serpa (2019), desnudar paulatinamente as ações da consciência para tornar conhecida suas essências em seu caráter noemático. Estas, ao serem experienciadas conscientemente por cada indivíduo, tenderão a ressaltar a consciência humana em uma perspectiva universal, à medida que em muitos casos irão mostrar elementos comuns nas essências experienciadas.

Diante desse retorno as “coisas mesmas” ao se considerar as experiências que as pessoas têm com o mundo, Holzer² ressalta a importância de se pensar na linguagem como fundamento da redução. A medida que temos na redução um modo de se nos aproximarmos do mundo vivido das pessoas, a todo tempo estamos fazendo a redução fenomenológica. Pois, se pensamos, estamos exercitando a redução e a transformando em linguagem para que possamos identifica-las. Logo,

² Em aula dada em 26/11/2020, na disciplina Ambiente e Cidade/O futuro do habitar. Do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Fluminense.

reduzimos as coisas através de nossa corporeidade e, atribuímos assim, o significado que elas têm para nos mesmo.

Ao discorrer sobre a redução, Sauer (1998) ressalta que toda paisagem é uma individualidade, tal como a relação com outras paisagens e suas formas, de modo que nenhum vale é exatamente igual a outro vale; nenhuma cidade, uma réplica exata de outra cidade (Sauer, 1998, p. 24). Logo, apresenta uma visão crítica ao exercício de redução por parte dos geógrafos, na qual para ele, fica evidente a importância da escolha dos fenômenos e qualidades da paisagem que interessam e podem ser úteis para quem a observa:

A descrição não é uma cena individual, mas um somatório de características gerais. Referências a outros tipos de paisagem que são introduzidas por implicação. (...) Sua importância é uma questão de julgamento pessoal. (...) que funciona na escolha dos atributos a serem representados. Tudo que pode ser esperado é a redução do elemento pessoal pela concordância com uma 'forma predeterminada de pesquisa', o que será lógico (SAUER, 1998, p. 27).

Podemos então, nos apropriar do exercício da redução fenomenológica para estudar a paisagem. Ao lançarmos um olhar sobre o real, a paisagem é constituída a partir de um ponto de vista que foi escolhido. Por isso, a redução irá nos mostrar que esta é concebida através de uma relação entre sujeitos que intersubjetivamente relacionam objetos que as constituem como universais. Para ver o mundo e apreendê-lo como paradoxo, é preciso romper nossa familiaridade com ele, pois essa ruptura só pode ensinar-nos o brotamento imotivado do mundo. E, o maior ensinamento da redução é a impossibilidade de uma redução completa (Merleau-Ponty, 2018, p.10), pois nada é externo ao indivíduo, a paisagem ou o mundo, à medida que se constituem a partir deste.

3.1 O lugar das experiências existenciais

Toda vez que dou um passo o mundo sai do lugar.

Siba Veloso

Pensando neste modo como sujeitos e objetos se relacionam, encontramos no lugar um espaço de solidariedade entre si e os objetos. Milton Santos definiu o

espaço geográfico como formado por um sistema de objetos e um sistema de ações, unidos em um conjunto indissociável, de modo que, a totalidade dialética da natureza do espaço é composta por subespaços. Cada um destes, compostos por uma tecnosfera, o mundo dos objetos e, uma psicofera, o mundo das ações e do pensamento. E, à medida que os objetos naturais são considerados os híbridos, cada lugar se define tanto por sua existência corpórea, quanto por sua existência relacional (Santos, 2008, p.159). Pensando o corpo como referência no espaço fenomenológico, temos o espaço primitivo, no qual se constroem as categorias espaciais, como lugar e paisagem (Holzer, 2012).

Na Geografia, o conceito de lugar, a partir da segunda metade do século XX, sentiu os reflexos das reformulações vividas pela própria ciência geográfica, que passam a ressaltar então, sua subjetividade. A medida que a Geografia estabeleceu um diálogo com a fenomenologia, a natureza do espaço passou a ser concebida como uma forma que transcende a sua simples materialidade, quando entendida como resultado de processos de adaptação (Alves e Scarlato, 2019, p.144), deixando de ser assim, apenas resultado de processos conduzidos por causa e efeito. Logo, partindo de uma relação dialética, podemos falar sobre a perspectiva existencial, na qual a percepção do meio geográfico por parte do ser humano irá, através da subjetivação da natureza se refletir nas suas decisões acerca de seu comportamento espacial. Nesse lugar estabelecido como meio geográfico e espaço vivido, há movimentos nos quais se desenvolvem as experiências existenciais e, conseqüentemente, a intersubjetividade resultante dessas relações, que permitirão o surgimento de identificação entre as pessoas e os lugares, em uma totalidade.

A partir da década de 1970, a Geografia Humanística concentrou-se no mundo vivido geográfico, atrelado às ideias dos fenomenólogos, de essência. Desatrelado do senso comum, aqui temos o espaço como experienciado e o lugar como centro de significados no espaço e na paisagem (Damiani, 2019, p.154). O lugar compreende então, uma dimensão cultural-simbólica que irá envolver questões relacionadas à identidades, intersubjetividades e trocas simbólicas que influenciarão na elaboração das imagens e dos sentidos do lugar. O espaço deste modo, não é separado de nós pois projetamos nele nossa personalidade e, somos ligados à ele por relações emocionais. Desenvolvemos sentimentos profundos e extremamente pessoais pelo lugar, assim como a imagem que projetamos deste, também será única, marcada pela Topofilia.

Tuan (2012a) conceitua Topofilia como o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico. Estes se diferem em intensidade, sutileza e modo de expressão. Para que esse elo se desenvolva, são necessários estímulos externos aos sentidos do ser humano, que têm como resposta, sua percepção em relação ao ambiente no qual está inserido. Esta resposta ao meio ambiente pode ser tanto tátil, quanto estética. Sendo estética, ela pode variar do efêmero prazer que se tem de uma vista, até a sensação de beleza, e, enquanto tátil, é o deleite ao se sentir o ar, a água, a terra. Para ele, mais permanentes e mais difíceis de expressar são sentimentos que temos para com um lugar, por ser o lar, o lócus de reminiscências e o meio de se ganhar a vida (Tuan, 2012a, p. 136).

Para compreender as atitudes de uma pessoa diante do meio ambiente, é necessário conhecer a história cultural e a experiência de determinado grupo em seu ambiente físico. Desta forma, ao pensarmos que os conceitos de “cultura” e “meio ambiente” se superpõem no mesmo modo que os conceitos de “homem” e “natureza”, devemos considerar que os primeiros oferecem aspectos complementares no que diz respeito ao caráter da percepção e atitude ambiental. Por conta disso, Tuan apresenta uma diferenciação de percepções existente entre o visitante e o nativo, uma vez que focalizam aspectos diferentes do meio ambiente. Segundo o autor:

Em geral, podemos dizer que somente o visitante (e especialmente o turista) tem um ponto de vista; sua percepção frequentemente se reduz a usar os seus olhos para compor quadros. Ao contrário, o nativo tem uma atitude complexa derivada de sua imersão na totalidade de seu meio ambiente. O ponto de vista do visitante, por ser simples, é facilmente enunciado. A confrontação com a novidade, também pode leva-lo a manifestar-se. Por outro lado, a atitude complexa do nativo somente pode ser expressa com dificuldade e indiretamente por meio do comportamento, da tradição local, conhecimento e mito. (TUAN, 2012a, p.96)

Além disso, devido a capacidade de adaptação do ser humano, classificações como belo ou feio, tendem a desaparecer à medida que ele aprende a viver no mundo. Desta forma, é o visitante mais uma vez, que percebe os méritos e defeitos de um ambiente, os quais já deixaram de ser visíveis ao residente. Entretanto, para Tuan, devemos considerar que o prazer visual da natureza varia em tipo e intensidade, podendo ser um pouco mais do que a aceitação de uma convenção social. Não há assim, então, a união do ser humano com a natureza e, deste modo o

olhar do visitante inserido dentro de práticas turísticas, reflete uma utilidade social apenas benéfica economicamente. Desse modo, as atitudes em relação ao meio ambiente, estão condicionadas à evolução das sociedades e suas culturas ao longo do tempo, reflexo de uma estreita ligação entre o meio ambiente natural e a visão do mundo, à medida que esta é o reflexo dos ritmos e limitações do meio ambiente natural.

Também refletindo acerca do lugar como dotado de significado e carga simbólica aos quais se associam imagens muitas vezes conflitantes entre si, Souza (2013) enfatiza que ainda que o lugar seja espaço vivido, imagens de lugar também são criadas de fora pra dentro. Ao mesmo tempo, as imagens do lugar, são entendidas como uma ideia, um sentimento que se expressa por representações e que, podem se modificar, sem que ocorra a modificação do espaço, em sua materialidade. Os lugares merecem, segundo o autor, ser entendidos como imagens espaciais em si mesmas. O lugar não existe pela materialidade e, por isso, não deve ser assimilado ao substrato espacial material. “Os lugares só existem pela e na “topofilia” (ou pela “topofobia”³, tanto faz). Sem os sentimentos e as imagens que se produzem e reproduzem na comunicação e nos discursos, o que há é o substrato material, não o lugar (Souza, 2013, p. 117- 118).

Pensando essa relação do homem com o mundo que o cerca, Dardel observou uma relação intersubjetiva na qual o lugar é entendido então, como uma extensão da existência humana. O modo como há este entendimento, foi chamado por Tuan (2013) de sentido do lugar, o qual, as experiências corpóreas dos indivíduos, dão visibilidade ao lugar. Ou seja, este sentido do lugar “remete-se à apreciação visual ou estética, e também pela audição, olfato, paladar e tato, que exigem um contato próximo e uma longa associação com o ambiente” (Holzer, 2003, p. 120). Voltamos então, à importância das experiências humanas no mundo vivido, assim como, suas intenções para com ele.

É justamente essa sensação de familiaridade que a experiência nos proporciona que torna o espaço um lugar. O espaço é vivido, a acabamos desenvolvendo uma consciência do mundo vivido na qual observamos a *geograficidade*, segundo Holzer (1998) como essência da Geografia no âmbito das

³ A definição de “Topofobia” está em direta oposição à de “Topofilia”. Tuan, descreve topofobia como um momento no qual as experiências com os lugares e paisagens geram algum sentimento conflituoso e negativo nos sujeitos em relação à estes.

ciências fenomenológicas, a qual irá definir a relação do ser-no-mundo. Nesse mesmo viés, temos a ontologia do lugar, do geógrafo Armando Corrêa da Silva, que aborda a construção do lugar pelo sujeito ao longo de sua experiência de modo que a realidade não pode ser apenas um dado objetivo, mas sim, uma percepção do meio ambiente enquanto experiência vivida e sentida. O lugar se cria e produz no campo do indivíduo e, também, socialmente, em situação, à medida que os sujeitos se posicionam no mundo.

Logo, é importante considerarmos que o sentido de lugar irá implicar o sentido de vida e, conseqüentemente o sentido de tempo. Assim, o lugar não é apreendido como uma forma ou uma matéria e, tampouco, como um intervalo ou vazio espacial. A concepção atual de lugar é de tempo em espaço; ou seja, lugar é tempo lugarizado, pois entre espaço e tempo se dá o lugar, o movimento, a matéria (Oliveira, 2019, p.5).

Em outra contribuição sobre o sentido do lugar, Souza (2013) enfatiza a conceituação de John Agnew e Ulrich Oslender, na qual este se refere:

às maneiras como a experiência e a imaginação humanas se apropriam das características e qualidades físico-materiais [physical characteristics and qualities] da localização geográfica. Ele [o conceito de sense of place] captura as orientações subjetivas que derivam do viver em um lugar particular como um resultado de processos sociais e ambientais interconectados, criando e manipulando relações flexíveis com o espaço físico-material [physical space]. As abordagens fenomenológicas do lugar, por exemplo, têm tendido a enfatizar os modos como os indivíduos e as comunidades desenvolvem ligações profundas com os lugares por meio da experiência, da memória e da intenção (ULRICH-OSLENDER apud SOUZA, 2013, p.113).

Alguns aspectos importantes do lugar são descritos por Relph (2019) com o intuito de fomentar os caminhos para se pensar este conceito. Dentre os que acreditamos que podem contribuir para nossa análise estão: lugar como reunião; fisionomia do lugar; raízes e enraizamento; interioridade; lar; nós e, sentido do lugar.

Diante de uma falta de definição no uso da palavra lugar, o autor concebe o lugar como reunião quando diante de indivíduos ou uma comunidade, estes se conectam com o mundo através de lugares que têm uma identidade específica. Quando este agrupa qualidades, experiências e significados em nossa experiência imediata, e o nome se refere a lugar de uma reunião específica e única. Ou seja,

quando pensa o lugar como reunião, este diz respeito à particularidade e conectividade com a qual experienciamos o mundo, de modo que é inescapável ao ser:

Um lugar especial é a reunião que, em sentido geográfico, reúne a fisionomia de lugar, atividades econômicas e sociais, história local e seus significados. Em sentido mais psicológico, reunião integra nosso corpo, o estado do nosso bem-estar, a imaginação, o envolvimento com os outros e nossas experiências ambientais (RELPH, 2019, p. 29)

Abordando também o sentido do lugar, Relph (2019) relaciona este à capacidade de se apreciar lugares e apreender suas qualidades. No que diz respeito à fisionomia do lugar, este é um aspecto no qual a forma do lugar, com seus elementos tanto naturais quanto construídos, fica mais evidente para quem vê de fora e, contribui assim, na compreensão das diferenças entre os lugares. Já o lugar como interioridade, ao contrário do viés apresentado por Souza, no qual as imagens do lugar são construídas de fora para dentro, está relacionado à familiaridade de quem conhece o lugar de dentro para fora. Esta, é diferente de como faz um turista, um visitante ou observador.

Do ponto de vista da experiência cotidiana, o autor concebe o lugar a partir da teoria rizomática de Deleuze e Guattari, que sugere que podemos ter raízes em vários lugares simultaneamente, mantendo-nos conectados, em uma transitoriedade nos lugares. Seguindo essa abordagem, o aspecto de lar, diz respeito ao lugar no qual as raízes são mais profundas e fortes, onde se conhece e é conhecido pelos outros, o onde se pertence (Relph, 2019, p. 24) e o qual a ausência leva à saudade. Entretanto, enfatiza que mais que o enraizamento ou a familiaridade, mais do que a distinção e apreciação de fragmentos da geografia, o lugar se estende em suas ligações com o ser e nossa própria existência. O lugar é um microcosmo (Relph, 2019, p. 31), no qual em nossas experiências cotidianas, nos relacionamos com o mundo, ao mesmo tempo que o mundo se relaciona a gente.

O último aspecto do lugar apresentado pelo autor e que nos parece interessante abordar, é o de nós. Este, segundo ele, surge diante da crítica as ideias humanistas por parte de geógrafos como Doreen Massey e David Harvey. Eles argumentavam que a ideia de

lugar como “locais de nostalgia”, que eram limitados, autênticos e de algum modo entendido como eterno. Argumentaram que tais locais são excludentes, além de ser manifestações provincianas de tudo o que é radical, o que os geógrafos socialistas radicais abominavam (RELPH, 2019, p. 21).

Logo, propõem uma visão alternativa na qual os lugares eram considerados nós particulares de interação das redes social, econômica e política global que estão associados à um sentido global de lugar e podem, contribuir para se pensar o lugar como prática de resistência diante das tentativas diversas, neoliberais ou não, de erodi-lo. Nesse sentido, o concebermos o lugar como nós em rede, não nos limitamos a uma só raiz, uma vez que se permite uma visão menos estreita e limitada dos lugares.

4 O olhar sobre a paisagem na Geografia

*Diego não conhecia o mar. O pai, Santiago Kovadloff,
levou-o para que descobrisse o mar. Viajaram para o Sul.
Ele, o mar, estava do outro lado das dunas altas,
esperando.*

*Quando o menino e o pai enfim alcançaram aquelas
alturas de areia, depois de muito caminhar, o mar estava
na frente de seus olhos. E foi tanta a imensidão do mar, e
tanto o seu fulgor, que o menino ficou mudo de beleza.
E quando finalmente conseguiu falar, tremendo,
gaguejando, pediu ao pai:
- Me ajuda a olhar!*

Eduardo Galeano, no Livro dos abraços.

O cientista grego Ptolomeu (90-168 d. C), propôs uma Geografia compreendida como “a representação pelo desenho (*graphè*) da parte conhecida da Terra em sua totalidade e das coisas a elas conectadas” (Jacob, 1991, p. 128 apud Gomes, 2017, p.73). Essa imagem gráfica da Terra, era obtida pelo desenho de elementos figurados que estavam exatamente localizados conforme uma grade construída pelas coordenadas geográficas. Uma vez localizados, era possível desenhar estes elementos com localização precisa, tal como, sua posição, forma e tamanho. Esta imagem, permitia pensar uma ordem sobre o mundo, de modo que foi denominado de quadro geográfico esse conjunto de procedimentos e artefatos gráficos. Também na Antiguidade, os Estoicos reuniram-se em torno de alguns fundamentos, tais como: unidade, sistema, contemplação e harmonia. Com a apreensão da relação existente entre eles, conceberam o cosmos como a racionalidade que permite a compreensão. Por isso, partindo da unidade, o desafio estava em pensar toda a diversidade do mundo em conjunto, numa ordem, de modo que tem-se na construção da imagem a partir do olhar colocado abstratamente em posição elevada, uma das características que mais se destacam no estoicismo.

O conceito de paisagem, conforme aponta Claval (2012), surge nos países baixos, no século XV, sob a forma de *landskip*. Esta, era entendida então como uma forma de pintura, na qual eram retratados fragmentos da natureza, de modo que a paisagem era o que se via através das janelas das salas onde se pintava. A paisagem concebida desta maneira, é uma das consequências da revolução que o uso da perspectiva introduz (Claval, 2012, p. 246), que trouxe profundidade aos elementos

presentes nas pinturas de paisagem. A pintura da paisagem, por partir de um ponto de vista, de uma escolha, reflete para Claval uma dimensão subjetiva na base de uma representação que se deseja ser o mais fiel possível da realidade. Logo, aparecem nesse contexto, as ideias de quadro como um pedaço de natureza, no qual os personagens possuíam um papel secundário, de modo que a paisagem pode ser compreendida como um instrumento do raciocínio geográfico a partir do qual se constroem maneiras de ver e pensar o mundo.

O fato é que, diante de uma argumentação em torno do conceito de paisagem de modo genérico, de que esta representa “tudo o que o olhar alcança”, devemos nos aprofundar e atentarmos às representações destas paisagens, independente do meio utilizado para isto, pois nelas estão imbricadas diferentes intencionalidades. Temos então uma questão que nos parece fundamental: não cabe mais ao geógrafo estudar apenas a paisagem como uma realidade objetiva. Ele preocupa-se

com a maneira como a paisagem está carregada de sentido, investida de afetividade por aqueles que vivem nela ou que a descobrem. O que faz as pessoas sonharem com as praias, com o sol, com os mares do Sul e os coqueiros? Com os picos cobertos de neve, com a pureza cristalina do gelo, com o perfume revigorante dos abetos ou das especiarias? Com os grandes e longínquos horizontes nos quais, por vezes, se descobrem campos de altitude? O que impulsiona os ascetas a se retirarem para o deserto? Por que eles procurariam meios tão hostis à vida? por que a mesma fascinação é encontrada em muitos jovens citadinos? (CLAVAL, 2012, p. 265)

Cosgrove (2012) sobre o desenvolvimento da perspectiva simbólica na descrição da paisagem, reforça sua importância como um modo de ver o mundo, para além de sua redução meramente ao mundo que nós vemos. A paisagem é então, para ele, uma construção, uma composição deste mundo que irá variar conforme o observador, carregando assim o olhar, a intencionalidade das emoções. Ao apresentar a descrição física da Terra, Kant classificou-a como um conjunto de coisas que poderiam ser o resultado de dois tipos de procedimento, lógico e físico (Gomes, 2017). Podemos relacionar esta classificação à visão geográfica da natureza, proposta pelo geógrafo Armando Corrêa da Silva que, na segunda metade do século XX, afirma que a natureza ao flutuar no espaço geográfico, pode ser compreendida por duas visões opostas de particularidade localizada ou de um todo geral.

O procedimento lógico de Kant, tem como base a similaridade entre os indivíduos e vai de encontro a ideia de particularidade localizada, apresentada por Silva (1991), que diz respeito à uma visão presente nos recortes espaciais da paisagem, em uma relação concreto-empírica. No segundo procedimento, o qual Kant chamou de físico, as coisas (no caso, plantas, pois o exemplo é trazido da classificação de plantas proposta pelo naturalista sueco Carlos Lineu), são classificadas a partir de uma perspectiva descritiva relacional, com base na interação. Logo, remete à visão da natureza como um todo geral, de Silva (1991), abarcando a totalidade das coisas que nos cercam, em uma relação concreto-abstrata. É um procedimento com uma abordagem sistêmica, que evidencia a importância da descrição na busca de um entendimento da maneira como os fenômenos se relacionam e se conectam. Consequentemente, as imagens aí, são fundamentais para que a descrição seja possível, assim como coloca Gomes:

A importância das imagens na construção dessa forma de pensar ‘física’ ou, diríamos nós, geográfica teria sido assim afirmada desde sua primeira formulação com Kant. As imagens possuem a capacidade de mostrar aos olhos do observador aquilo que ele habitualmente olha, mas não vê (GOMES, 2017, p.27).

Mesmo assim, até a segunda metade do século XVIII, a descrição da paisagem era uma tarefa difícil. Faltavam palavras para descrever as formas de relevo e tipos de rocha, por exemplo. Era necessário traduzir toda uma fisionomia, que, diante da insuficiência de palavras, passaram a ser ilustradas com gravuras.

Pensando na paisagem como algo cartografável, temos sua divisão fisionômica proposta por Carl Troll (1899-1975), biogeógrafo alemão, que a conceituou como uma síntese geográfica. Deste modo, a paisagem seria concebida como interface ser humano/natureza na qual a crosta terrestre se torna mais do que uma superfície que se oferece ao observador e que, para Claval (2012), permite que a vida se aloje ali, de modo que esta possa ser formada por ambientes. Isto, transforma de modo significativo a as maneiras de analisá-la, o que nos leva à uma visão vertical do geógrafo. Muitas vezes generalizante, esta visão torna a paisagem mais cartografável, de modo que, ao ser reproduzida em uma carta geográfica, diferencia as paisagens em naturais e culturais, conforme o grau das transformações promovidas pelas sociedades.

Temos então, diante das diferentes maneiras de se ler a paisagem, que são colocadas em questão pelos geógrafos entre o final do século XIX e o início dos anos de 1970, a ampliação do horizonte nas discussões acerca da paisagem. “Fizeram com que se tomasse consciência das relações íntimas que unem os aspectos físicos, os componentes biológicos e as realidades nos ambientes sociais que os homens construíram” (Claval, 2012, p. 262). Por conta disso, cabe agora pensarmos a paisagem a partir dos olhares geossistêmico e cultural, a fim de compreender alguns dos diferentes entendimentos deste conceito tão complexo para a Geografia e, conseqüentemente, ainda tão discutido.

4.1 O olhar geossistêmico sobre a paisagem

E pensar esse espaço geográfico é a tarefa mais fundamental que os professores de Geografia devem realizar junto com seus alunos. Porque só compreendendo essa dinâmica espacial é possível exercitar a cidadania, ao relacionar lugares e fenômenos, paisagens e pessoas, processos sociais e transformações naturais.

Manoel Fernandes, no livro *Aula de Geografia*.

Ao abordar a visão dualista da Geografia sobre a paisagem, natural e cultural, Vitte (2007) ressalta o quanto seu desenvolvimento ocorreu impregnado pela ideologia do mercado, como o grande portador da racionalidade econômica e sociopolítica, tal como ocorreu com o processo de evolução do conceito de natureza, que de uma função mítica passou a ser considerada um recurso econômico. Acrescenta-se à isso, o fato de que a definição de paisagem cultural é resultado da ação das sociedades sobre a natureza e que, possui a capacidade de alterar os ritmos e processos ecológicos.

Dito isso, é importante destacar o papel do geógrafo alemão Siegfried Passarge (1866-1958) na formulação do conceito de paisagem. Em 1913, foi ele o primeiro a utilizar o conceito de paisagem na Geografia Física, baseando-se para isso, em seu uso ao longo do século XIX. Logo, as primeiras noções de interação entre os componentes da paisagem começaram a surgir durante o período do desenvolvimento biogeomorfológico, a partir da conceituação de fisionomia e funcionalidade, feitas por Carl Troll no início do século XX. A natureza passou a

ser vista a partir de uma função mais integradora, assumindo uma conotação de lugar ou território. Ross (2009) aponta que está na noção de “paisagem ecológica”, introduzida por Troll no final da década de 1930 e na ampliação do termo e conceito de ecossistema, por Transley nas décadas de 1940/1950, o suporte teórico para o Geossistema.

A cultura, entendida como a junção de aspectos políticos, econômicos e sociais, foi incorporada por Sauer (1998) na discussão de estrutura da paisagem. Embora ainda contextualizada em uma abordagem naturalista, a paisagem estava então relacionada às questões específicas de cada lugar, de modo que os processos que ocorriam não poderiam ser lineares. Logo, para ele definiu a paisagem como o conceito unitário da Geografia e, embora esta devesse acompanhar as mudanças da paisagem, seu foco estava na superfície terrestre. Sua identidade é baseada então nas relações que ela estabelece com outras paisagens, constituindo assim, um sistema geral.

Os objetos que existem juntos na paisagem existem em inter-relação. Nós afirmarmos que eles constituem uma realidade como um todo que não é expressa por uma consideração das partes componentes separadamente, que a área tem forma, estrutura e função e daí posição em um sistema e que é sujeita a desenvolvimento, mudança e fim. Sem essa visão de realidade da área de suas relações só existem disciplinas específicas, e não a geografia como é geralmente entendida (SAUER, 1998, p. 22).

Cabe ainda, um adendo acerca do papel da diversidade, uma vez que diferentes processos ocorrem dentro da paisagem, não se limitando a sua forma e refletindo assim, a importância do viés cultural na discussão dessas paisagens. Segundo ele:

uma forma da Terra na qual o processo de modelagem não é de modo algum imaginado como simplesmente físico. Ela pode ser, portanto definida como uma área composta por uma associação distinta de formas, ao mesmo tempo físicas e culturais (SAUER, 1998, p. 23).

No Brasil, na mesma época, o geógrafo Aziz Ab'Saber (1924-2012) recuperou o termo fisiologia da paisagem, onde esta era compreendida como o

resultado de uma relação entre os processos passados⁴ e os atuais⁵. A geomorfologia moderna, a fim de entender os processos morfoclimáticos e pedogenéticos atuais, buscava uma compreensão da fisiologia da paisagem. É preciso considerar que nessa busca, as estruturas geológicas não devem estar relacionadas a um tempo estático. Devemos considerar a dinâmica do sistema, de modo que temos o clima como o responsável pela reprodução de condições não climáticas nesse sistema. Logo, a contribuição de Ab'saber representou uma importante reformulação metodológica e instrumental nas pesquisas geomorfológicas desenvolvidas no país. Ainda na década de 1960, o conceito de paisagem sofreu modificações, perdendo o seu caráter até então descritivo. Os métodos sistêmicos e quantitativos surgiram e teve início o processo de desenvolvimento da Ecologia da Paisagem. O enfoque sistêmico é apontado como necessário por Bertalanffy (2006), diante do surgimento de problemas de totalidade, interação dinâmica e organização. Por isso, com a intensificação da necessidade de uma melhor integração entre as correntes espacial e funcional, a partir da década de 1970, surgiu a concepção sistêmica. De acordo com Rodriguez (2007) essa concepção está atrelada a pressupostos como: processos, formas, organização, função, inter-relação, interdependência e estruturas, nos permitindo assim, abordar níveis de relações. Porém, antes de problematizarmos o conceito de Geossistema, é interessante fazermos uma diferenciação entre ele e o conceito de ecossistema.

A Teoria Geral dos Sistemas, do biólogo austríaco Ludwig von Bertalanffy (1901-1972), e a percepção da paisagem como uma categoria de análise integradora, constituíram a base metodológica na qual o conceito de Geossistema foi pensado em 1977 pelo geógrafo e geobotânico russo Viktor Sotchava (1905-1978). O Geossistema foi fundamentado na relação do ser humano com o meio no qual ele está inserido, tendo como base, classes hierarquizadas do meio natural. Embora os geossistemas sejam fenômenos naturais, todos os fatores econômicos e sociais, influenciando sua estrutura e peculiaridades espaciais, são tomados em consideração durante seu estudo e suas descrições verbais ou matemáticas (Sotchava, 1977). Deste modo, é constituído por complexos policêntricos e há

⁴ Entendemos como processos passados, os responsáveis pela compartimentação regional da superfície.

⁵ Entendemos que os processos atuais respondem pela dinâmica atual da paisagem.

conexões com a totalidade e seus aspectos funcionais, em uma relação de dependência mútua.

Além disso, foram estabelecidas por ele, três ordens dimensionais do geossistema a partir de uma diferenciação de escala: planetária, regional e tipológica. Na caracterização desse meio natural, convergem dois princípios, o da homogeneidade e o da diferenciação. Eles atuam concomitantemente, onde as estruturas de classe homogêneas são chamadas de geômeros e as de estrutura diferenciada são chamadas de geócoros. Percebe-se assim, uma mudança de postura por parte dos geógrafos. Deslocam-se de uma posição passiva e uma Geografia analítico-descritiva para uma Geografia preocupada com a aplicação dentro de um discurso de desenvolvimento que leve em conta a conservação e preservação da natureza (Ross, 2009).

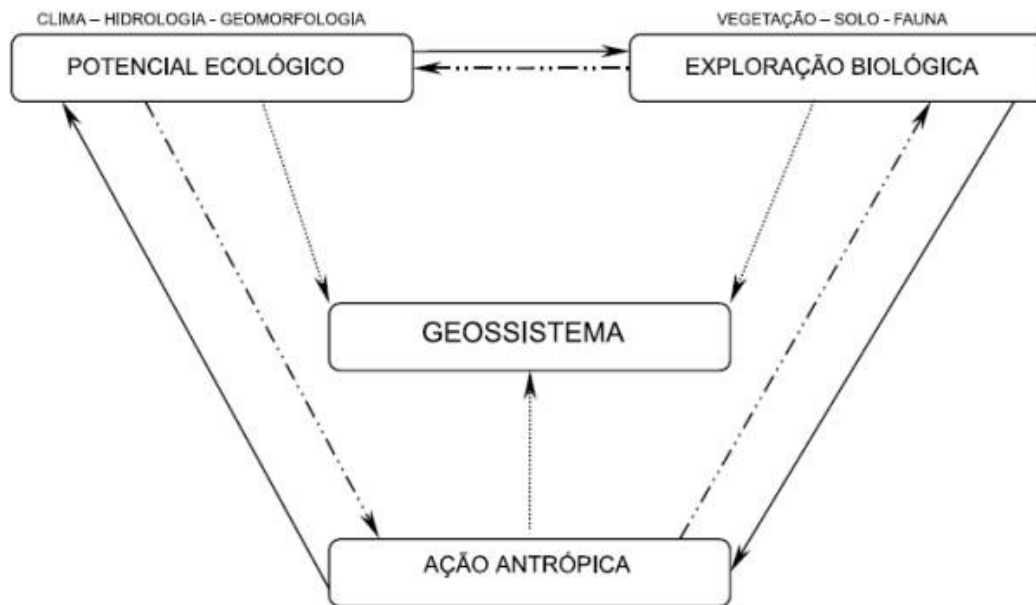
Já o conceito de ecossistema, desenvolvido em 1935 pelo botânico inglês Arthur Tansley (1871-1955), tem uma conotação biológica, na qual as conexões ocorrem apenas entre os organismos, estruturados em complexos monicêtricos. Posteriormente, foram estabelecidas relações entre os geossistemas e a Geoecologia da Paisagem e entre os ecossistemas e a Ecologia da Paisagem. Mas, ainda fazendo um adendo sobre a visão ecológica, Bertalanffy (2006) a classifica em superficial e profunda. Assim, a visão superficial para o autor é antropocêntrica, à medida que a natureza é vista como mercadoria, na qual há uma atuação negativa do ser humano que reforçanda a separação entre ele e a natureza. Na visão profunda, todos os seres vivos têm o mesmo valor sendo, portanto, ecocêntrica. O autor aponta ainda, que a Teoria Geral dos Sistemas surgiu diante da perda do enfoque mecanicista na ciência, que negava a totalidade. Baseado na concepção organística, básica na biologia, afirma que:

É necessário estudar não somente partes e processos isoladamente, mas também resolver os decisivos problemas encontrados na organização e na ordem que os unifica, resultante da interação dinâmica das partes, tornando o comportamento das partes diferente quando estudado isoladamente e quando tratado no todo. (BERTALANFFY, 2006, p. 55).

Para o biogeógrafo francês Georges Bertrand (1971) ressalta que o geossistema é o resultado da combinação de fatores geomorfológicos (natureza das rochas e dos mantos superficiais, valor de declive, dinâmica das vertentes...),

climáticos (precipitações, temperatura...) e hidrológicos (lençóis freáticos epidérmicos e nascentes, pH das águas, tempos de ressecamento do solo...). Logo, esses fatores correspondem ao “potencial ecológico” do geossistema. Na estrutura funcional do geossistema (Figura 4), Bertrand (1971) demonstra que por conter dados instáveis que variam no tempo-espço, o geossistema vai atingir o seu estado de clímax quando houver um equilíbrio entre o potencial ecológico e a exploração biológica.

Figura 4: Estrutura funcional do geossistema.



Fonte: Bertrand, 1971

A importância da abordagem holística sistêmica para o geógrafo brasileiro Antônio Christofolletti (1980), está no que diz respeito à compreensão das entidades ambientais físicas. Para ele, é importante a abordagem dos sistemas complexos. Estes, definidos como sendo compostos por grande quantidade de componentes interatuantes, capazes de intercambiar informações com o seu entorno condicionante e capazes também, de adaptar sua estrutura interna como sendo consequências ligadas a tais interações. Logo, são classificados em sistemas fechados, os quais dadas às condições iniciais não sofrem perda, tampouco recebem energia ou matéria com o ambiente que os circundam e, sistemas abertos quando há constante troca de energia e matéria, tanto recebendo como perdendo.

Podemos observar, que a Teoria Geral dos Sistemas atendia a uma secreta tendência de várias disciplinas uma vez que os problemas de totalidade apareceram

em vários ramos da física moderna. Fazendo uma ressalva acerca da noção de totalidade, Sansolo (2007), enfatiza a importância da escala para compreensão dos lugares, à medida que só se compreenderia o lugar, com suas especificidades, através da contextualização da sua condição em diversas escalas espaciais. Logo, a relação das partes com o todo e o fato de um sistema nunca estar por isso, isolado como critérios gerais do pensamento sistêmico, nos leva a uma Teoria da Complexidade na Geografia. O objeto da Geografia passa a ser compreendido como sendo o estudo da organização espacial, resultante da interação de dois subsistemas, o geossistema e o sistema sócio-econômico-cultural.

Partindo da concepção geossistêmica, a última etapa de conceituação da paisagem está relacionada à inter-relação dos aspectos estrutural-espacial e dinâmico funcional das paisagens. A Geoecologia da Paisagem surgiu então, da necessidade por parte da ecologia de se incorporar fundamentos teóricos e os resultados das investigações da ecologia (ecossistêmicas), do planejamento e gestão ambiental e territorial à sua análise. Deste modo, o conceito de paisagem foi incorporado, causando uma reconceitualização da ecologia. Os primeiros fundamentos da Geoecologia foram propostos pelo geógrafo russo Vasily Dokuchaev (1846-1903), no final do século XIX. Ao desenvolver a Teoria da Paisagem Geográfica, ele utilizou não apenas um método clássico de análise paisagística, mas uma abordagem verdadeiramente ecológico-paisagística ao incluir, em seus estudos da utilização da natureza, o homem e a sociedade (Vicens, 2012).

A proposta da criação de uma ciência da Ecologia da Paisagem, data da primeira metade do século XX, por Troll. Mas, a partir dos anos de 1970, com a consolidação da concepção ambiental, viu-se a necessidade de integrar as correntes espacial (geográfica) e funcional (ecológica) ao estudar a paisagem Rodrigues (2001). Deste modo, o termo foi redefinido para Geoecologia. Por analisar funcionalmente a paisagem, não são estudadas apenas as propriedades dos geossistemas em seu estado natural, mas sim, as interações existentes com os sistemas sociais e culturais, em uma dimensão sócio-ecológica.

4.2

O olhar cultural sobre a paisagem

*O rio que fazia volta atrás de nossa casa era a imagem
de um vidro mole que fazia uma volta atrás de casa.
Passou um homem depois e disse: Essa volta que o rio
faz por trás de sua casa se chama enseada.
Não era mais a imagem de uma cobra de vidro que
fazia uma volta atrás de casa.
Era uma enseada.
Acho que a palavra empobreceu a imagem.*

Manoel de Barros, no Livro das Ignorâças.

Para abordarmos a paisagem na Geografia, outros enfoques além do geossistêmico são necessários. Por isso, cabe agora refletirmos sobre a paisagem a partir de uma perspectiva cultural. Ao pensar a cultura e as condições histórico-sociais intrínsecas a paisagem quando esta é representada por exemplo, por meio de pinturas e fotografias, podemos trazer à tona o problema das relações e da integração entre natureza e sociedade (cultura) e entre o “natural” e o “social” (e o “cultural”) no espaço (Souza, 2013, p.50). Surgem então, novos usos do termo paisagem, tais como paisagem urbana e rural, que reiteram a preocupação de não reduzir a paisagem à um olhar vertical. Nesse contexto, o olhar do geógrafo de forma mais ativa, busca evitar a simplificação da visão vertical, com a combinação de todos esses diferentes olhares para analisar a paisagem.

Nesse sentido, em consonância com a abordagem sistêmica e tendo como pilar o naturalismo, Humboldt trouxe uma abordagem mais científica da paisagem, embora concebendo-a por uma ótica descritiva e morfológica. Para ele, a planta tem o papel de grande integradora da Geografia, de modo que podemos perceber esta relação quando ao olharmos as paisagens. Percebemos plantas que buscam na água os sais minerais e, à medida que fazem isso, se integram com o sol. Deste modo, é possível estabelecermos diferentes descrições e narrativas, através de culturas visuais das mais variadas. Não é concebível a existência de um único ponto de visão ou proporção diante da necessidade de se expor e examinar o mundo. Logo, os mapas passam a fazer parte dessa cultura visual, na qual a observação é essencial como fonte do conhecimento que, é tido como uma atividade complexa.

Podemos falar então, das experiências de mundo que serão difundidas nas pinturas da paisagem. A constituição destas experiências seriam elaboradas através

de um conhecimento estabelecido em grande parte por meio da observação do mundo concreto e, também da sensibilidade do observador. Humboldt com sua *Naturgemälde*, a chamada pintura da natureza (ou quadro), tal como vimos no capítulo 2, desenvolveu um instrumento imagético que permitiu um raciocínio geográfico, à medida que multiplica os pontos de vista da paisagem, a fim de fornecer uma imagem mais fiel à realidade (Claval, 2012, p.248). Esse raciocínio acontece à medida que a pintura de um quadro sintetiza imagens que representam um conjunto de informações geográficas bem similares as de um mapa, como a localização, por exemplo, o que permite a conexão entre vários elementos que atuam em um mesmo fenômeno. Logo, a paisagem deixa de ser um quadro sem vida de modo que surge a ideia de ver na paisagem a interface entre o ser humano e a natureza e, conseqüentemente, transforma as maneiras de análise desta. Ainda assim, Claval (2012) alerta que essa liberdade que o geógrafo tem de se deslocar para multiplicar os ângulos, não elimina sua dimensão subjetiva. A representação será sempre o resultado do olhar que se colocou sobre a paisagem.

Os quadros proporcionam igualmente uma visão geral e em conjunto do que os especialistas conhecem com detalhe, indo de encontro aos procedimentos apresentados por Kant na descrição física da Terra e, proporcionando as dimensões de particularidade e totalidade. Essa visão, para Humboldt é estabelecida no momento em que a pintura, mais do que ensinar a olhar, por meio da contemplação e transformação, atinge a sensibilidade. Temos então, a linguagem visual, na qual é estabelecida uma forma de pensar. E, também, o chamado *Quadro Físico*, apresentado por Humboldt em 1807, como um memorial descritivo da imagem, no qual os textos eram complementares, sempre referidos à imagem. A pintura propriamente dita une o “mundo visível ao mundo invisível” (Humboldt, 1848, p.104, v.II apud Gomes, 2017, p.53). Logo, o quadro se torna um instrumento que permite compilar, organizar e analisar um conjunto de coisas que pertencem a um mesmo sistema, uma vez que delimita o que é interno e o que é externo.

Podemos perceber a proximidade entre as ideias de Humboldt e Kant, ao observa-las a partir de um mesmo campo de análise que, ainda que não submetidos *a priori* a uma cronologia entre os autores, percebemos que a ideia de uma Geografia como apresentação do mundo, já havia sido concebida anteriormente. Gomes (2017) aponta que em sua obra *Cosmos*, Humboldt informa que esta palavra era usada desde Homero (século VIII a. C.) e, mostra uma aproximação entre os dois

sentidos desta, de ordem e ordenamento, firmado à época de Pitágoras (570- 501 a. C.). Ao recuperar essa expressão, *Cosmos*, Humboldt traçava simultaneamente linhas de conexão e de ruptura com o pensamento antigo (Gomes,2017, p.63).

Voltamos então, à Sauer (1998), que foi quem pensou a paisagem como um conceito chave para a geografia. Para ele, a tarefa da geografia era estabelecer um sistema crítico que envolvesse a fenomenologia da paisagem, de modo a captar em todo seu significado e cor a variada cena terrestre. Ou seja, ao pensar que o estudo das paisagens deveria começar com o estabelecimento de um sistema crítico delimitado pela fenomenologia da paisagem, Sauer propôs como método de estudo da relação do ser humano e o ambiente por ele formatado e transformado em habitat (Holzer, 2012).

Para Sauer, não havia espaço para um dualismo de paisagem, uma vez que a cultura estava sendo concebida como uma expressão geográfica composta por formas que faziam parte da fenomenologia geográfica. Esse olhar saueriano sobre a paisagem para além de uma cena real, de uma forma física vista por um observador, foi fundamental para as discussões que vieram posteriormente (Dardel, 2019; Besse, 2014), acerca da experiência fenomenológica da paisagem.

Diante de uma preocupação existente em torno da Geografia como uma ciência exata, em 1952 o geógrafo francês Eric Dardel, afirmou que era necessário superá-la. A paisagem deveria então ser experienciada, mais do que concebida apenas como um quadro a ser admirado. Para além do cientificismo defendido por Humboldt ou da mera descrição da paisagem, a geografia deveria ser entendida como um ato, uma vontade de correr o mundo, centrada na experiência humana; na qual ao corpo caberia o papel de construir conhecimentos geográficos encarnados (Silva e Arruda, 2021). De modo que, ao buscar fazer uma análise da relação fenomenológica que o ser humano mantém com a Terra a partir de sua inserção no mundo, Dardel observou uma relação que ligava este ser humano à Terra por meio da afetividade que era estabelecida com o lugar, em uma *geograficidade*. Desta forma, a paisagem não é, em sua essência, feita para se olhar, mas a inserção do homem no mundo, lugar de um combate pela vida, manifestação de seu ser com os outros, base de seu ser social (Dardel, 2019, p.32).

É necessário romper então, com a concepção de que a paisagem é definida como “o que a vista alcança” ou um “olhar de fora”, para que esta relação de

afetividade seja estabelecida. Assim sendo, ao abordar a distinção entre paisagem e geografia feita pelo neuropsiquiatra alemão Erwin Straus (1891-1975) em *Du sens des sens* na qual a paisagem estaria ao lado do sentir, enquanto a geografia estaria do lado da percepção, Besse (2019) enfatiza que mais do que um distanciamento, a paisagem necessita de participação, proximidade mais do que elevação. A paisagem pode ser ausência de totalização, é antes de mais nada a experiência da proximidade das coisas (Besse, 2019, p 80). Ela deve ser dada originariamente, livre de quaisquer objetivação, precedendo desta forma, toda orientação e referência, uma vez que ela é uma forma do ser humano ser invadido pelo mundo.

Logo, a paisagem “é o espaço do sentir, ou seja, o foco original de todo o encontro com o mundo. Na paisagem, estamos no quadro de uma experiência muda, ‘selvagem’, numa primitividade que precede toda instituição e toda significação” (Besse, 2019, p. 80). Por isso, é difícil objetivar a paisagem:

A paisagem é invisível porque, quanto mais a conquistamos, mais nos perdemos nela. Para chegar à paisagem, devemos sacrificar tanto quanto possível toda determinação espacial, objetiva. [...] Na paisagem deixamos de ser seres históricos, ou seja, seres objetiváveis. Não temos memória para a paisagem, nem temos memória de nós na paisagem. Sonhamos à luz do dia e com os olhos abertos. Somos subtraídos do mundo objetivo e também de nós mesmo. É o sentir (BESSE, 2019, p. 81).

Nesse viés, ao tratar a paisagem, Queiroz Filho (2019) o faz como um horizonte duplo, tanto conceitual quanto sensível, do dizer e do sentir e, por conta disso, a concebe como um estado de alma. Também questionando esta paisagem que pode ser apreendida apenas com a visão, ele questiona:

Como pensar a ideia de um sujeito que olha e de um objeto olhado quando consideramos, por exemplo, a sonoridade como elemento constituinte da nossa percepção e experiência? E quando consideramos o deficiente visual, ele não teria direito à “paisagem”? Somente esses dois aspectos já tencionam o conceito como resultado de passividade, de contemplação, de olhar que recebe exterioridade pronta” (QUEIROZ FILHO, 2019, p. 45).

Diante desta paisagem que vai para além do ver, a qual é atribuída uma qualidade do sensível, se faz necessário aumentar o que o autor chama de “horizontes imaginativos” e, conseqüentemente, repensar a concepção científica do mundo, para que a geografia possa ser definida como uma dimensão originária de

existência humana. Desse modo, Dardel indica a necessidade de se retornar filosoficamente ao mundo anterior à ciência, para que novos campos de pesquisa e informação possam ser levados em consideração como fontes de saber e significação geográficas, tais como as tradições literárias, filosóficas, religiosas e artísticas.

A paisagem vai existir então, para ele, em sua relação com um sujeito coletivo, ou seja, com a sociedade que a produziu, reproduz e transforma conforme certa lógica e que permite compreender a realidade para além desta dicotomia entre o subjetivo e o objetivo. Assim, para um melhor entendimento de sua concepção de paisagem, Berque (2012) utiliza os conceitos de paisagem-marca e paisagem-matriz. Ela é marca, porque expressa uma civilização através de formas que podem ser lidas e interpretadas por quem vê. E, matriz, pois oferece modos que possibilitam a percepção, concepção e ação da sociedade que dizem respeito à paisagem em seu ecúmeno. Para a geografia cultural, segundo Berque:

É preciso compreender a paisagem de dois modos: por um lado, ela é vista por um olhar, apreendida por uma consciência, valorizada por uma experiência, julgada (e eventualmente reproduzida) por uma estética e uma moral, gerada por uma política etc.; e, por outro, ela é matriz, ou seja, determina, em contrapartida, esse olhar, essa consciência, essa experiência, essa estética, essa moral, essa política etc. (BERQUE, 2012, p. 240)

A paisagem é composta então, por diversos espirais simultaneamente, diversas temporalidades. Tentar compreendê-la somente pelo viés cultural para nós, também é insuficiente, assim como é insuficiente apreender a paisagem apenas em sua abordagem geossistêmica. Diante das construções da paisagem a partir das sensibilidades múltiplas do ser humano e de como estas são afetados por ela, como pudemos ver nas experiências de Humboldt e Petrarca, por exemplo, cabe agora abordarmos a concepção desta a partir da experiência fenomenológica.

4.3

A paisagem como experiência fenomenológica

*Eu só não queria significar.
Porque significar limita a imaginação.*

Manoel de Barros, no livro *Menino do Mato*

Para pensarmos a paisagem como experiência fenomenológica, entendemos que as abordagens vistas acerca da paisagem, geossistêmica e cultural, são insuficientes pensadas isoladamente, ainda que expliquem a paisagem dentro de suas perspectivas. Sentimos que há a necessidade de extrapolá-las, diante das experiências espaciais na paisagem as quais a ciência não dá conta de explicar.

Influenciado pela obra de Dardel, o filósofo francês Jean-Marc Besse fez o exercício de olhar a paisagem. Para ele, durante muito tempo foi considerada satisfatória a ideia desta como um panorama natural, no qual o espectador, através de um ponto elevado, possuía uma espécie de domínio visual sobre o território. Era uma paisagem que nos remete à ideia de *wilderness*, a qual Diegues (2001) aponta que esta poderia ser descrita como uma reverência à natureza no sentido de uma apreciação estética e espiritual da vida selvagem. Sobre essa limitação do sujeito que apreende a paisagem à espectador, Lima coloca que:

A paisagem, tal como convencionalmente é interpretada, parece encerrada pela atividade individual do sujeito, como apreensão de mundo isolada e independentemente de tudo e de todos, referendando assim um princípio solipsista, segundo o qual a única realidade possível é a de um *eu* como sobrevôo de mundo (LIMA, 2007, p.65).

Hoje, diante da complexificação das relações com a paisagem, menos “natural” do que anteriormente, os objetos paisagísticos se ampliaram. Logo, existe uma polissemia e mobilidade do conceito de paisagem e, “essa situação teórica deve-se, em parte, à atomização profissional e acadêmica das diferentes ‘disciplinas’ que fazem dela seu campo de estudos e intervenções (Besse, 2014, p.11). Diante deste quadro, o autor propõe cinco possíveis “entradas”, cinco problemáticas paisagísticas que coexistem no pensamento contemporâneo. Tais questões não necessariamente se superpõem e, às vezes, se articulam.

A primeira delas, entende a paisagem como uma representação cultural e social. Ao defini-la como um ponto de vista, a concepção de paisagem vai sugerir uma teoria intelectualista da percepção, na qual há a necessidade de se “olhar mais de perto”, onde estão intrincados os olhares e valores de quem olha, não propriamente do mundo exterior. Uma paisagem mental, que adquire assim, uma dimensão da apropriação cultural do mundo, à medida que, esta interpretação da paisagem expressa uma forma de linguagem. Nessa perspectiva, a paisagem, seja

real ou representada, é entendida como uma expressão humana representada por códigos culturais determinados. Podemos imaginar então, uma “iconografia da paisagem”, que se aplica tanto para uma concepção estética da representação como uma concepção cultura mais abrangente (Besse, 2014, p.21).

Quando a paisagem é concebida como uma representação artística domundo tal como é visto pela janela, seja essa apenas parte de um quadro ou, às vezes, confundida com o próprio. A janela tem assim, o papel de mediadora entre sujeito e objeto, entre o interno e o externo. Ao mesmo tempo, cabe ao quadro transformar o lado de fora em paisagem, colocando a distância como condição indispensável da paisagem na história da pintura. Por último, a paisagem pode ser vista também como uma representação cultural, através da integração das dimensões ideológicas da construção como referente imaginário da identidade nacional. Há uma codificação nacional e política do olhar paisagístico (Besse, 2014,p. 19).

A segunda problemática paisagística, traz uma reflexão sobre a paisagem como um território fabricado e habitado. É a inserção do ser humano no mundo, através da geograficidade. Mais do que mera estética, a paisagem passa a ser concebida como um território produzido, do qual fazemos parte, que possui nossas identidades e satisfaz nossas necessidades existenciais. Incumbida de um valor paisagístico, considera-se, de acordo com Besse (2014), a soma das experimentações, dos costumes, das práticas desenvolvidas por um grupo humano nesse lugar. Logo, temos a “escrita paisagística”, na qual a paisagem é um espaço organizado e produzido dentro de um conjunto de práticas e valores os quais, de certa forma, ela simboliza. É uma obra coletiva das sociedades em um mundo híbrido, nem natureza, nem sociedade, mas o mundo humano tal como ficou na natureza ao transforma-la (Besse, 2014, p.34). Uma vez capaz de inserir a natureza no tempo histórico, a paisagem torna-se a forma pela qual as sociedades inscrevem suas memórias, através das rugosidades. É uma *acumulação desigual de tempos*, nas palavras de Milton Santos, em um processo contínuo de acumulação, é uma sem ser totalizante, é compósita, pois resulta sempre de uma mistura, um mosaico de tempos e objetos datados (Serpa, 2019, p.52).

Diante de uma paisagem que é produto do mundo vivido pelas sociedades humanas e não apenas percebida, temos a terceira problemática paisagística apresentada por Besse, relacionada ao ecúmeno. A ciência da paisagem irá se

desenvolver por meio de uma mediança, na qual paisagem e natureza devem ser pensadas em suas totalidades, para além do dualismo. A paisagem torna-se um meio, à medida que é fabricada por uma sociedade que se encontra em constante mudança, adquirindo deste modo uma concepção realista. É, portanto, um conjunto complexo e articulado de objetos da realidade material, com as representações que o acompanham (Besse, 2014, p. 39). É a paisagem híbrida, na qual estão articuladas natureza e sociedade e que não se restringe aos elementos naturais e humanos, em uma totalidade específica. Nessa conjuntura, temos a constituição dos quadros, com uma paisagem que possui uma temporalidade própria, evolutiva, atravessada por fluxos de matéria e energia da natureza.

A paisagem pode ser também percebida, como uma experiência fenomenológica. Para além de uma representação mental, como a ciência, a paisagem é experienciada à medida que há uma exposição do real entre o ser humano e o mundo que o cerca. Ela é o atestado da existência de um “fora”, de um “outro” (Besse, 2014, p.45). Assim, podemos falar em uma forma de geografia afetiva, na qual o mundo é o palco de um encontro concreto entre seus elementos sensíveis e o ser humano. Antes de serem concebidas como objetos a serem contemplados, as paisagem são atmosferas e, por isso, experiências, à medida que há o que Besse chama de exposição do real. É a nossa corporeidade enquanto experiência pessoal e, por isso, o modo como somos afetados fisicamente pelo mundo ao redor.

Mais do que reconhecer a existência de um “fora”, isso repercute todo o poder que os lugares têm sobre a imaginação, o que pode nos levar à uma desobjetivação da paisagem, pois esta não é um objeto apreensível pelo pensamento. Conseqüentemente, ao pensar a relação entre sujeito e objeto no que chama de *experiência radical da paisagem*, Besse (2014) ressalta que para além da experiência, a paisagem é mais este acontecimento, singular e sempre diferente, da exterioridade como tal, à qual a experiência expõe aqueles que se arriscam, numa confusão e uma tensão entre si e o mundo que, propriamente, arrebatam (p. 49). Logo, para nomear este tipo de experiência, o autor faz uso da palavra *horizonte*, pois para ele, este carrega uma potência de transbordamento do ser que se apresenta na paisagem, à medida que:

Esse termo tem um alcance ontológico tanto quanto epistemológico. Remete à parte invisível que reside em qualquer visível, a essa dobre incessante do mundo que faz do real, definitivamente, um espaço inacabável, um meio aberto e que não pode ser totalmente tematizado (BESSE, 2014, p. 50).

A última problemática paisagística proposta por Besse ocorre a medida que projetamos a paisagem por meio de um movimento que a descreve e inventa, sua projeção é realizada em um exercício de imaginar o real, fabricar, elaborar o que está presente e não se vê. Uma das formas de buscar essa requalificação do espaço, é através da caminhada, pois esta é capaz de levar a uma experimentação do mundo e, a questionamentos sobre a identidade dos territórios e o seu porvir. Então, ao relacionarmos estes dois objetos paisagísticos, o fenomenológico e o de projeção, podemos falar da experiência visual na qual a cidade, por exemplo, só pode ser conhecida por uma atividade do tipo etnográfico. A orientação irá ocorrer, neste caso, através da caminhada, da visão, do hábito e da experiência. Desta forma, é colocada em evidência a chamada prática gestual, em detrimento do uso de mapas, guias e outras ferramentas da cultura impressa. O espaço da cidade vivida pelo viajante é construído pelas suas caminhadas (Besse, 2014, p.184)

Berque (1985) coloca que no meio, entendido como dimensão física e ambiente, a paisagem deixa de ser considerada apenas um ‘dado’, uma forma objetiva do meio ambiente. Não é só, não mais, uma projeção, que seria o olhar subjetivo do observador. “A paisagem é um aspecto da relação fundamental que estabelece o sujeito como tal, em seu ambiente como tal”⁶ (Berque, 1985 p. 100). Deste modo, compreendida na dimensão do simbólico, do sensível, passa a haver um sentido do meio no qual este só existe através da experimentação de uma sociedade.

Nesse sentido, podemos falar da experiência da caminhada na construção de outros espaços para além dos urbanos, como é o caso da Travessia Petrópolis-Teresópolis. Afinal, temos uma reflexão sobre a dualidade, a pluralidade das relações que os seres humanos mantêm com o espaço e a paisagem, na hodologia. Apresentada por John Brinckenhoff, ela pode ser entendida como a ciência dos

⁶ *Le paysage, c'est un aspect du rapport fondamental qui institue le sujet en tant que tel, dans son milieu en tant que tel.* BERQUE, Augustin. Milieu, traje de paysage et déterminisme géographique. L'Espace géographique, v.14, n.2, p.9-104, 1985.

caminhos, das estradas, das viagens. Ela permeia sigilosamente, boa parte da reflexão moderna sobre o espaço, à medida que vai questionar o impacto das estradas e das viagens sobre a paisagem e o espaço; assim como a forma de percebê-los, vivê-los e pensá-los (Besse, 2014:184). Por conta disso, acaba sendo uma questão determinante na vida das pessoas, em seu futuro, à medida que nos leva a refletir sobre o modo como as pessoas se deslocam e reagem a esses deslocamentos.

Logo, temos a potência estruturante dos caminhos para a paisagem, na qual estes seriam então um elemento capaz de organizar o território de maneira que lhe dê um sentido. Por conta disso, Besse (2014) apresenta três questões importantes que se desdobram na condução do se pensar os caminhos para a paisagem. A primeira está relacionada à como caminhos e viagens contribuem para estruturar objetivamente, concretamente, as paisagens e os espaços. A segunda, em como contribuem para estruturar e orientar a percepção e a representação das paisagens e dos espaços. E, por último, em que uma reflexão séria sobre as estradas e as viagens contribui para estruturar certa forma de pensamento ou, até de pensamento filosófico, a respeito do mundo. Tais questões nos levam a pensar o caminho e a viagem não apenas como objetos de estudo, mas como pontos de vista sobre as coisas, as ideias e o mundo em geral. E, conseqüentemente, em que esse ponto de vista que parte do caminho, contribui para o pensamento e para a ação sobre as paisagens. Então, temos o espaço hodológico como o espaço vivido, praticado e relatado.

Pensando a complexidade das situações hodológicas, o autor distingue duas geografias, uma erudita e outra, originária. A geografia erudita é entendida como um conjunto de conhecimentos, discursos e técnicas. É um conhecimento do real, uma ciência dos espaços concretos, mas também simbólico, de ideias, imaginário, nos quais os grupos humanos têm de viver. A geografia é apresentada então como um tecido no qual se desenvolvem as existências humanas de forma que a subjetividade se encontra na localização, na distância. Na geografia originária, está a sensibilidade e o sentimento, a proximidade e o contato com o mundo e o espaço. Há nela, uma experiência e um uso que se desdobram no espaço. É o estar no mundo, a medida que a geografia é tanto vivida quanto pensada. Por não ser fechada, essa geografia originária, ainda que não subjetiva, também não se opõe à geografia erudita. Sua subjetividade é compreendida, na sua totalidade, espacial,

mobilizada pelo espaço, deslocada no espaço e atravessada por ele. Logo, está fora, no exterior, na estrada.

Temos aí na fronteira entre mundo material, no qual está inserido a atividade humana e mundo imaginário, que abre seu conteúdo simbólico à liberdade do espírito, o que Dardel chamou de geografia primitiva, interior, na qual a espacialidade original e a mobilidade profunda do homem designam as direções e traçam os caminhos para um outro mundo (Dardel, 2019, p. 5). A geografia se oferece assim, à imaginação e à sensibilidade.

É justamente diante da tentativa de aproximação com essa geografia vivida, que devemos nos questionar qual é o seu espaço e, para tal, precisamos refletir acerca do espaço hodológico. Besse aponta que no início do século XX, o psicólogo alemão Kurt Lewin formulou a teoria “ecológica” do comportamento humano, na qual o indivíduo era entendido como um objeto em situação com o seu meio ambiente. O comportamento humano estava então, em função das necessidades e representações da pessoa e do meio ambiente. Este, compreendido como um meio ambiente psicológico o qual, sua conduta na totalidade dos fatos, constitui o espaço vivido do indivíduo. Menos euclidiano e homogêneo, o espaço vivido é percebido aqui, como um espaço topológico, orientado e definido por valores e significações. Outra contribuição relevante é a de Serpa (2019), o qual coloca que a situação relativiza o singular e o universal, ou seja, a coisa absolutamente dada e a consciência intuitivamente dada. Logo, dessa relação estabelecida com o fenômeno, a qual Husserl chamou de intuição pura, o autor ressalta que as coisas são e estão dadas de modo essencialmente inseparável do fenômeno. Este é uma mediação resultante do caráter particular da situação e, conseqüentemente, a síntese do momento que foi vivido em sua plenitude.

A partir do entendimento de um campo psicológico organizado e de “regiões” mais ou menos atrativas do ponto de vista das significações ou valências afetivas que elas encarnam, a conduta individual então, vai ser orientada em relação à essas significações, ou seja, ao investimento psíquico. Não de uma significação objetiva, métrica de distância ou profundidade, mas sim, de experiência concreta no mundo, uma experiência da paisagem. Logo, a espacialidade hodológica vai construir um plano de percepção através da caminhada. Esse espaço em movimento não é preexistente ao caminho, mas sim, produzido na realidade efetiva e na caminha-

da e na forma como esta afeta as pessoas em relação à sua sensibilidade com o mundo.

Podemos então, pensar o espaço da paisagem não como um espaço objetivo, mas para além da percepção uma vez que, por ser movediço, encontra-se sempre aberto e passível de reformulações. Diante do modo como o corpo entende este espaço e o desenvolve por seus movimentos e situação, temos o meio ambiente comportamental. Aqui, as concepções de distância e direção estabelecem nossa relação com o mundo ao redor e marcam a paisagem como um ponto de união entre a nossa percepção e o que a paisagem realmente é. É o que Merleau-Ponty (2018) compreende como as relações orgânicas do sujeito com o espaço, a pegada do sujeito sobre o mundo, entendido como a origem do espaço. Um espaço espacializante, construído organicamente pelos movimentos do corpo e que, gera uma configuração temporal. A isso, Besse usa o termo do coreógrafo Rudolf Laban, de “homem motórico”:

A divisão do espaço em diferentes dimensões, direções e deslocamentos baseia-se na experiência do movimento corporal. O sentido espacial é de origem dinâmica. Para frente, à esquerda, à direita, são expressões que indicam movimentos em relação ao centro do nosso corpo. A ideia de dimensionalidade pressupõe um centro a partir do qual irradiam as seis direções. Os locais dependem da ação de estar situado em algum ponto em volta do centro. Mas a estabilidade dos objetos colocados em um lugar supõe ainda que tenham sido previamente transportados para o local de repouso atual. O próprio repouso é uma negação do movimento, um caso especial do dinamismo geral. Pelo menos, é assim que pensa e sente o homem motórico. (BESSE, 2014, p. 193).

Para o autor, será em Jean-Paul Sartre que encontraremos a melhor caracterização da realidade hodológica. O ser humano e o mundo são seres relativos e o princípio do seu ser é a relação (Besse, 2014). A medida que o mundo não é mais compreendido como um objeto absoluto, o que o define é ele ser mundo para/ou do ser humano. Seu surgimento está relacionado deste modo, ao cerne da existência do ser humano e, seus desdobramentos. O espaço hodológico que é, então, experimentado e praticado não é único, pois várias são as experiências humanas da espacialidade. Essa pluralidade dos mundos espaciais em relação com a pluralidade das atividades e culturas humanas, evidencia isso. Logo, podemos falar da integração da existência com o mundo. Ser é estar situado em um espaço e em

um tempo, a medida que esse estar, não implica estar fora da paisagem, mas ser parte, participar dela.

Também em uma reflexão acerca da ciência geográfica e sobre os modos como o ser humano se coloca diante do mundo e interpreta sua experiência, o geógrafo estadunidense John Wright (1891-1969) propõe a Geosofia. Caberia a esta, o estudo do conhecimento geográfico a partir de qualquer ponto de vista (Wright, 2014 p.14). Para ele, a geosofia histórica está relacionada à uma geografia praticada por todos nós, geógrafos ou não. Cabe aos geógrafos, explorarem as “terras incógnitas pessoais” ao estudo da imaginação que povoa a mente de todos nós, que levasse a geografia para além do plano acadêmico, que a sujeita aos métodos de análise objetivos (Holzer, 2012, p. 166). Devemos valorizar a imaginação e a subjetividade de nossas experiências no mundo, na paisagem uma vez que, um conhecimento geográfico de mundo é, antes de ser estudado, vivido. Logo, o conhecimento geográfico faz parte da nossa realidade e é construído cotidianamente.

Todas as ciências devem ser sábias, mas nem toda sabedoria pode ser rigorosamente científica. Além disso, a sabedoria envolve não apenas as ciências naturais e os estudos sociais, mas também as humanidades – as artes e letras – investiga não menos do mundo da experiência subjetiva e expressão imaginativa do que sobre a realidade externa. (WRIGHT, 2014. p.17)

Esta abordagem de Wright revela, para Marandola Jr. (2010) um esforço em direção à geograficidade, à medida que busca transcender o conhecimento produzido formalmente através de conceitos e categorias científicas, em direção a uma geografia essencial, revelada cotidianamente, por todos. Logo, a produção de conhecimento geográfico do mundo, a geosofia, ocorre a partir do momento que o ser humano se coloca aberto ao mundo, para que as experiências ali ocorram e ele então, possa interpretá-las.

A medida que esse espaço real do mundo é o engajamento humano no mundo, o corpo passa a ser concebido não como separado deste, não objetivo. O corpo se desvenda a partir de sua relação com o mundo, de modo que é necessário determinar a estrutura do espaço hodológico no qual ocorre essa relação. Ao fazer esse exercício, Besse (2014) coloca então que as qualidades espaciais são apreendidas por uma percepção ativa do mundo concreto, no espaço vivido. Neste, a localização

será referenciada a partir dos movimentos de uma existência, uma vez que há uma objetividade no espaço que orienta a ação. Deste modo, podemos falar sobre o que ele chamada de utilidade pois, partindo do pressuposto que, se existe um mundo do qual participo, sua ordem é uma ordem de utilidade.

Logo, o espaço hodológico é um sistema de relações e caminhos que constituem o mundo e que nos levam até as coisas. E, como essas coisas são um esboço de ações possíveis, ele entende como meios da ação os caminhos, os quais são portadores de possibilidades, de futuro. Esse espaço hodológico para Sartre, não corresponde, portanto, pelo que se pode entender, ao espaço abstrato da ciência e da metafísica clássicas. Esse espaço, ao mesmo tempo experimentado e praticado, é o espaço concreto da existência humana (Besse, 2014, p. 199).

Nessa reformulação das relações entre ser humano e espaço (1880-1940), vários campos consideravam o espaço como meio (de vida). Então, temos que repensar a relação do ser humano com o espaço, não pensado como neutro e, abrangendo todos os existentes. Logo, Besse percebe como necessária, a distinção entre espaço vivido e espaço euclidiano, tal como fez Dardel ao distinguir o espaço geométrico do espaço geográfico. O espaço vivido aqui, é aquele experimentado, qualitativo e heterogêneo. Já o espaço euclidiano é científico e, por isso, homogêneo, geométrico, quantitativo.

Entre os fenomenólogos, como Merleau-Ponty, essa distinção pode ser encontrada na oposição entre mapa e paisagem. De modo que o mapa abarca os aspectos científicos, euclidianos e, a paisagem, através de sua representação, está atrelada ao espaço vivido. Logo, temos o conceito de meio (*Umwelt*) utilizado para pensar o espaço qualitativo e orientado do mundo da vida (Besse, 2014, p. 201), que pode nos levar a pensar a territorialidade como um sistema de relações, uma pluralidade de espaços, meios e mundos nos quais se desdobra a existência. Tais espaços entretanto, não se superpõem, à medida que cada meio é entendido como uma unidade fechada em si, conforme a significação atribuída às suas partes pelos sujeitos desse meio.

Ficamos então diante de uma diversidade das formas de experiência do espaço e das suas representações que, de acordo com o autor, nos leva à uma perspectiva a qual Deleuze chamou de arte hodológica, a respeito da escultura:

À arte-arqueologia, que se afunda nos milênios para atingir o imemorial, opõe-se uma arte-cartografia, que repousa sobre “as coisas do esquecimento e os lugares da passagem”. Como a escultura, quando deixa de ser monumental para tornar-se hodológica: não basta dizer que ela é paisagem e que ordena um lugar, um território. Ela ordena caminhos, ela mesma é uma viagem (DELEUZE, 2019, p. 89)

Diante desta colocação, Besse indica que é importante enfatizar que:

...há uma arte hodológica, na qual a obra, seja ela uma escultura, prédio ou paisagem, torna-se mapa. Essa obra é, ao mesmo tempo, uma representação, uma concentração e uma intensificação do espaço e das experiências que podemos ter dela, mas também um conjunto de operações (BESSE, 2014, p.204).

Nesse sentido, há uma reflexão acerca do modo como pensamos a representação do espaço através do mapa hodológico. Na antiguidade, o mundo tal como os romanos conheciam, era representada no Tábua de Peutinger, na qual havia a representação de vários itinerários, por meio de redes de linhas e de indicações de percursos. Tem-se aí uma concepção de espaço linear, horizontal, diferente da visão Ptolomaica do mapa geométrico, na qual havia o teatro do espaço, na medida que se tinha uma visão vertical. Essa representação romana tem como ponto de partida uma visão horizontal, frontal, que progride ao longo do caminho e que surge como uma alternativa nas relações com o espaço. Essa visão atravessa épocas e culturas, assim como, fundamentos da relação que os seres humanos mantêm com o espaço e a paisagem (Besse, 2014, p. 206). É um espaço vivido, praticado, com prescrições a serem seguidas por um viajante e que se constrói como uma viagem. E, é justamente a disposição dos lugares uns em relação aos outros, que irá relativizar os percursos.

O autor apresenta como um exemplo de uma organização linear e sequencial na qual o espaço é construído ao longo do desenvolvimento do percurso, o Guia dos caminhos da França, de Charles Estienne que teve várias edições entre 1552 e 1568. Nele, a abordagem hodológica se dá através de listas de nomes e lugares, hierarquizada, indicando as distâncias a serem percorridas. O espaço, é dividido em unidades de deslocamento, representadas por léguas e referências, de modo a ser investido corporalmente e de maneira ritmada por indicadores imperativos. Em suma, um espaço a ser praticado, vivido, que se define por prescrições a serem

seguidas e ações a serem cumpridas pelo viajante, um espaço que se constrói com uma viagem (Besse, 2014, p. 207).

Posteriormente, no século seguinte, o cartógrafo francês Jean Boisseau, *La Guide* buscou desenhar os trajetos no fundo de um mapa da França. Os lugares são então, dispostos um em relação aos outros, de modo que os percursos são relativizados. Ler o mapa é, de certa forma, sair do espaço do percurso, deixar de habitar ele, a fim e contemplá-lo, por assim dizer, de fora (Besse, 2014, p. 207).

Outra contribuição na reflexão acerca do espaço hodológico, foi apontada por Michel de Certeau em seus estudos do espaço urbano, é a do espaço relatado. Mais do que vivido e praticado, temos no espaço relatado um percurso deste, um itinerário que se organiza em forma de relato. Esse relato é possível por duas maneiras: a descrição do mapa e a descrição do percurso. Na descrição do mapa, nos colocamos mentalmente frente a um quadro no qual está presente uma distribuição ordenada dos lugares, de modo que orientações do tipo “ao lado da igreja”, são possíveis. É a exposição de um saber em forma de quadro que nos coloca fora do espaço. Já a descrição do percurso apresenta uma série de operações e direções que devem ser tomadas de modo que há uma narração espacializante. O percurso movimenta os lugares de modo a criar possibilidades, e, em contrapartida ao mapa, nos traz de volta para o espaço. Logo, Besse (2014) conclui que o mapa apaga as práticas de espaço, o itinerário.

Diante destes dois modos de percepção do espaço, temos uma reflexão sobre o exercício de se olhar a paisagem. Dois diferentes olhares serão colocados sobre a paisagem, conforme se estabelece a relação com a espacialidade, em forma de mapa ou de relato. No mapa, temos um olhar aéreo, mais cartográfico, no qual visto de cima, o espaço geográfico fica achatado. A verticalidade do olhar contribui a transformar a paisagem em uma espécie de mapa dela mesma (Besse, 2014, p. 209). E, no itinerário, está presente um olhar frontal, o qual conserva a profundidade da paisagem, à medida que o espaço é compreendido como um quadro a priori da experiência. Há uma progressão dos itinerários, é o ir de encontro das coisas.

5

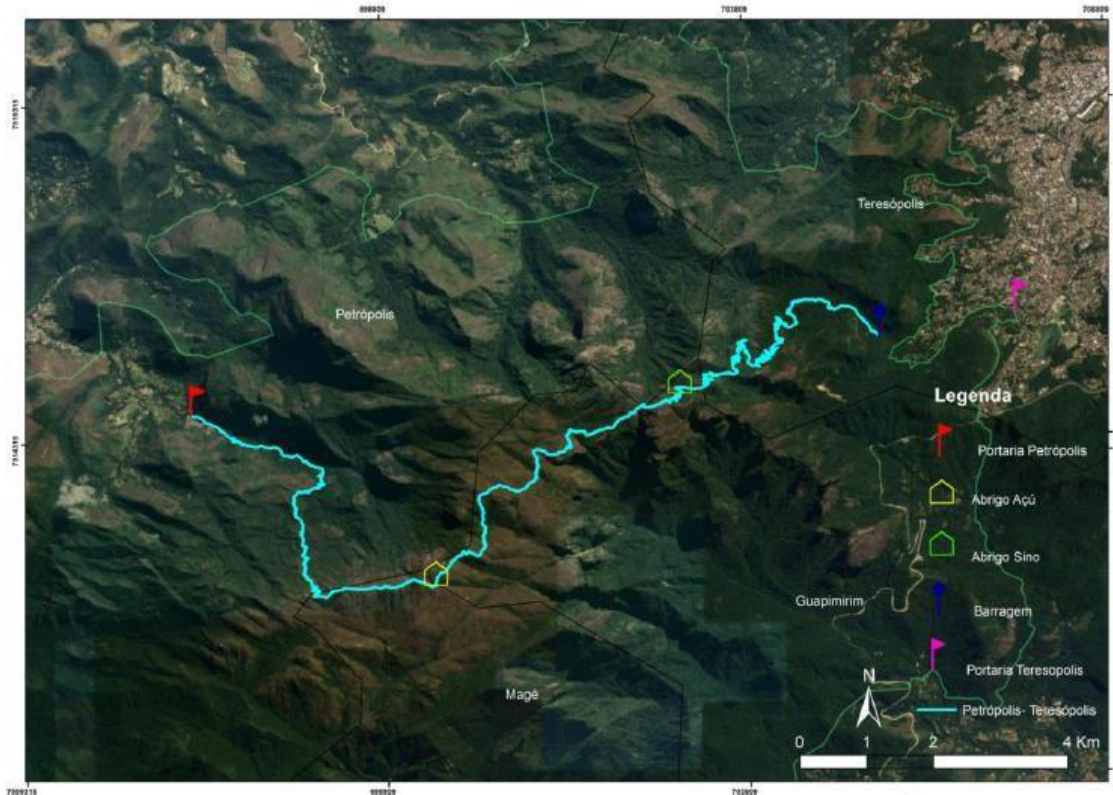
A Travessia Petrópolis-Teresópolis: sobre as primeiras conquistas e diferentes olhares

- Eu não viajo para chegar. Viajo para ir.

Eduardo Galeano, no livro *Filho dos dias*.

Considerada um dos principais atrativos do Parque Nacional da Serra dos Órgãos, a Travessia Petrópolis-Teresópolis é conhecida internacionalmente e, definida por muitos montanhistas, como uma das mais bonitas do Brasil. Por ser uma caminhada longa, de aproximadamente 30 quilômetros, sobre a parte alta da Serra dos Órgãos, na qual em alguns pontos a altitude é superior à 2.000 metros, costuma ser realizada em três dias (Figura 5). Quem realiza esse percurso, passa ao longo desses dias, por lajes de pedra, campos de altitude e alguns lances técnicos nos quais é necessário auxílio de um guia ou montanhista experiente. Todo esse trajeto é acompanhado, principalmente no segundo dia de caminhada, entre os Castelos do Açú e a Pedra do Sino, pela paisagem do complexo de montanhas da Serra dos Órgãos.

Figura 5: Travessia Petrópolis-Teresópolis.



Fonte: Pessoa, 2019.

A Travessia, está inserida no projeto de trilha de longa duração criado em 2013, que faz parte do Sistema Brasileiro de Trilhas de Longo Curso, intitulado “Caminhos da Serra do Mar”. Este, percorre diversos municípios e unidades de conservação que fazem parte do Mosaico da Mata Atlântica Central Fluminense e busca, segundo o ICMBio/PARNASO (2016), potencializar a conservação ambiental, destinando o território para práticas de uso público de maneira ordenada. Voltando um pouco, às primeiras subidas registradas na Serra dos Órgãos, segundo Lucena (2008), antes mesmo da criação do PARNASO, os únicos caminhos abertos na região do Parque eram a trilha da Pedra do Sino e a dos Castelos do Açú. A Pedra do Sino, foi conquistada pela primeira vez em 11 de abril de 1841, pelo botânico escocês George Gardner que, após chegar à pedra do Papudo, que pensava ser o ponto mais alto da Serra dos Órgãos, avistou a Pedra do Sino. Ele se dirigiu para lá sem grandes dificuldades, pois a trilha já havia sido aberta pela grande quantidade de antas que viviam nos campos de altitude.

Já em relação aos Castelos do Açú, o autor aponta que a primeira excursão do Centro Excursionista Brasileiro (CEB) que, fundado em 1919 e considerado o clube

de montanhismo mais antigo do Brasil, aconteceu em 19, 20 e 21 de abril de 1924. Lucena (2008), apresenta a transcrição do relatório:

EXCURSÃO AO MORRO DO AÇO (CASTELO) 19, 20, 21 ABRIL 1924

Compareceram os Srs. Carlos Jouan, J. Flora Nogueira, Kurt Kasser, Hanry Girardin, José Leite, Adhemar Graça, Bernarcchi, [texto ilegível] Frates, Armindo Martins, Herman Hupfeld e Carlos Off e Paulo [texto ilegível] (convidados)

Por uma noite chuvosa, partimos de Praia Formosa com o trem de 20:00h. todas os excursionistas estavam bem dispostos, e a vencer [texto ilegível] formada. Por entre animada conversa, prosseguiu a viagem até o final, que foi às 22:10h. dirigimo-nos para a garagem do Sr. [lacuna], que com boa vontade nos alojou. Depois, saímos pela cidade em sofrido passeio. Às 23:00h estavam todos bem alojados em confortáveis automóveis, mas não se podia dormir devido ao barulho de um automóvel que experimentava o motor. Com esse incômodo passamos três horas querendo, mas sem poder dormir. O Sr. Kasser propôs, e foi aceito, sairmos àquela hora. E, ante o luar magnífico que fazia, começamos a nossa 1ª etapa. Eram 3:00h. toma-se a Rua Benjamin Constant e segue-se as João Caetano, Monte Videu e Estrada de Caxambu. Por esta, segue-se sempre sem encontrar outros empecilhos, não ser os que ficam assinalados. A partida é da posição de O-E e a estrada, conquanto varia, segue sempre nesta rota. Às 3:40h encontramos uma caixa d'água. Às 4:00h avista-se o lugar chamado Cascatinha, às 4:20h uma ponte. Às 4:30h avista-se o Rio Pimbinha. Às 4:35h segue-se uma bifurcação: segue-se a NO (esquerda). Às 4:50h segue-se a NE. Às 5:30h encontra-se o Pomar do Banco Construtor Brasileiro. Aqui fizemos um sofrido lanche. Partimos às 6:40h na direção O-E. atravessa-se o rio quatro vezes, sendo duas por sobre pontes de madeira. Na quarta passagem, por uma pequena distração, seguimos caminho errado na direção S-SO. Assim, fomos ter à Pedra da Mataça, d'onde retrocedemos depois de uma subida de cinco horas. Às 14:15h encontramos o verdadeiro caminho. Aí, alguns associados, por estarem cansados, resolveram voltar, seguindo então a caravana, que foi até o fim da excursão, composta dos Srs. Adhemar Graça, C. Jouan, K. Kasser. H. Hupfeld e Armindo Martins, acrescida mais tarde com o Sr. Augusto Bernacchi. A direção O-E sempre foi mantida, variando contudo a estrada. O frio era horrível, o leito duro, mas o corpo cansado não demorou a dormir. As estrelas no céu pareciam brilhar com mais fulgor e a lua estava mais clara que na véspera. Passaríamos uma noite esplêndida se não fora o frio. Às 5:40h estávamos de pé. Fizemos o nosso café, e partimos às 6:40h para a final etapa da primeira jornada. A manhã era friíssima e, não obstante a marcha, o nariz de cada um era agora um alambique! O caminho é sempre de O para E. Às 7:50h pequena parada. A NE avista-se o castelo. Chegamos às 8:05h. logo à entrada o excursionista fica maravilhado ante tanta beleza! É deveras estupendo! Imaginem no cimo de uma elevada montanha quatro colossais pedaços de pedra colocados como se fora pequenos seixos, e por mãos humanas! Uma catedral frase do Sr. Kasser. Ao lado destas pedras há outras, e todas dispostas de tal maneira que dão abrigo a mais de duzentos homens. A vista de lá é das mais magníficas que tenho tido. Embora um pouco nublado, pudemos ver o Rio de Janeiro na direção S-SO. N-NE a Pedra do Cabeção. A S-SE Niterói, e a nossos pés a linda Guanabara se estendia imponente. Às 8:40h partimos. Às 9:45h chegávamos à Isabeloca onde fizemos um esplêndido almoço. Todos reconfortados e em perfeita disposição física, partimos para Petrópolis às 11:20h. Às 13:30h chegamos ao Pomar do Banco. Aí fizemos um lanche. Às 14:00h começou a chover. Partimos às 14:20h com alguma chuva. Às 14:50h já não chovia e a marcha prosseguia calma com todos bem dispostos. Às 16:15h chegamos a Petrópolis sem novidades. Felizmente, o trem

de 17:20h trouxe-nos para o Rio onde chegamos sem mais ocorrências. Armino Martins. (LUCENA, 2008 p. 63-64)

No relatório deste percurso, pode-se observar que, com o passar do tempo, além das modificações em alguns trechos, outros embora permaneçam no atual percurso da Travessia, mudaram de nome. Nos primórdios, a subida para o Açú tinha início no atual bairro do Caxambu, em Petrópolis. Após 1930, começou-se a subir pela antiga Fazenda Sampaio, no Vale do Bonfim, caminho utilizado até hoje. Seguiu-se então um período de muitas conquistas, como Escalavrado (1931), o Nariz do Frade (1933), o Garrafão (1934), o Dedo de Nossa Senhora (1934) e a Agulha do Diabo (1941) e, é justamente nesse contexto que acontece a conquista da Travessia Petrópolis-Teresópolis. Lucena (2008) aponta que embora não existam registros, a primeira vez que se tem notícia de sua realização pelo CEB foi em 1924 e, percorrendo o sentido Teresópolis-Petrópolis, teria sido feita não pela Serra dos Órgãos, mas por estradas e picadas. Já o percurso mais conhecido, de Petrópolis para Teresópolis, foi conquistado entre os dias 24 e 28 de março de 1932 por Albert Lang Sobrinho, Conrad Berk, Helio Vianna, Henrique Leser, Mario Barroso, Rudolf Dietrich, Morgan Thomas e mais um participante o qual não se tem informações. Foi então produzido um croqui (Figura 6) e um relatório, este, publicado na revista Brasil Excursionista em julho de 1932:

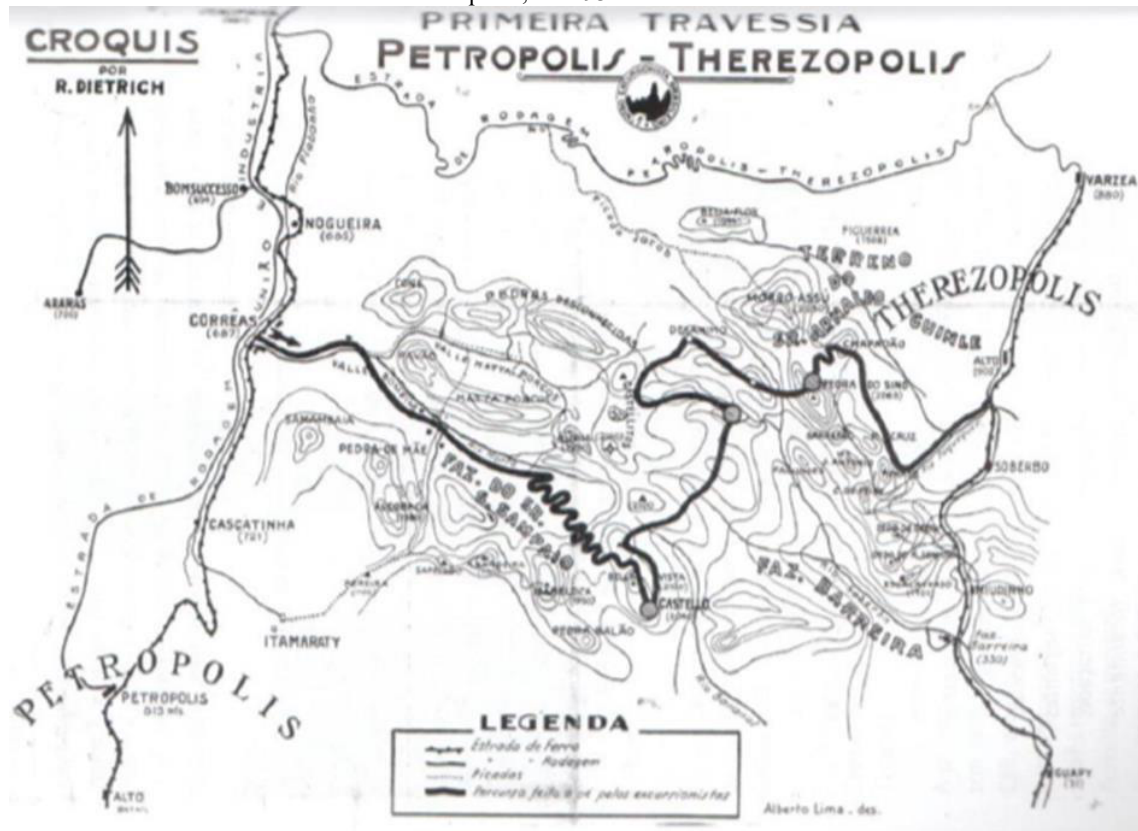
Em fins de março o Centro Excursionista Brasileiro realizou a travessia cujo traçado se vê no mapa ao lado e que representa, na história do excursionismo brasileiro, um notável acontecimento. Todas as excursões anteriores, empreendidas por particulares ou por agremiações, não haviam ainda conseguido percorrer esse trajeto de 65 quilômetros, todo ele seguindo pela linha de cumiadas que constitui a bordadura da extensa série de montanhas que é o painel de fundo da Baía de Guanabara.

Esse grande esforço exigiu o emprego de uma noite e três dias de constante caminhar, dois delas sem utilização de qualquer caminhos, tendo os oito excursionistas dele participantes, aberto a facção, picadas dentro das matas ou atravessado capinzais que formavam verdadeiras macegas de difícil transposição.

Na primeira noite, os excursionistas subiram todo o Vale de Bonfim, percorrendo das 23:30h às 5:30h os 25 quilômetros que vão de Correias, Poço do Imperador, em Petrópolis, aos Castelos, onde pernoveram em uma gruta, tendo-se elevado de 680 a 2.040 metros de altitude. Nos dois dias seguintes zig-zaguearam por vertentes e picos, como se vê no traçado, andando por regiões desconhecidas, totalmente inexploradas; acamparam no primeiro dia em frente ao mássico da Pedra do Sino, separados dele por profundíssimo vale, o das nascentes do Rio Soberbo. Contornadas estas no dia seguinte, foi afinal atingida a escarpa noroeste do Sino e galgado este ponto culminante de toda a Serra dos Órgãos, com altitude de 2.263 metros. No terceiro dia, depois de uma confortadora noite no abrigo de propriedade do DR.

Arnaldo Guinle, foi feito o restante do percurso; a descida para Teresópolis, mais 18 quilômetros. (LUCENA, 2008 p. 128-129).

Figura 6: Croqui da Travessia Petrópolis-Teresópolis desenhado por Alberto Lima por ocasião de sua conquista, em 1932.



Fonte: Lucena, 2008.

Podemos observar que no croqui, a rota de subida aos Castelos do Açú, partindo do Vale do Bonfim, visto que esta passou a ser utilizada na década de 1930. Ainda assim, a antiga trilha que partia de Caxambu, passando pela Fazenda do Pereira está marcada, de modo que podemos analisar as mudanças no percurso. Seguindo ainda o percurso utilizado atualmente, ao sair do Açú, foi seguido o caminho pelo Morro do Marco e o Morro da Luva, com o cruzamento dos Rios bananal e Soberbo. Entretanto, para seguir do Morro da Luva para a Pedra do Sino, à época o grupo passou pelo Morro da Pipoca, caminho que foi utilizado até 1940, quando a Travessia passou então, a seguir os contornos atuais. Podemos perceber, através da comparação deste primeiro percurso com o atual, que embora existam algumas mudanças, grande parte deste ainda está mantida, de modo que houveram poucas mudanças na paisagem que é contemplada ao longo da caminhada.

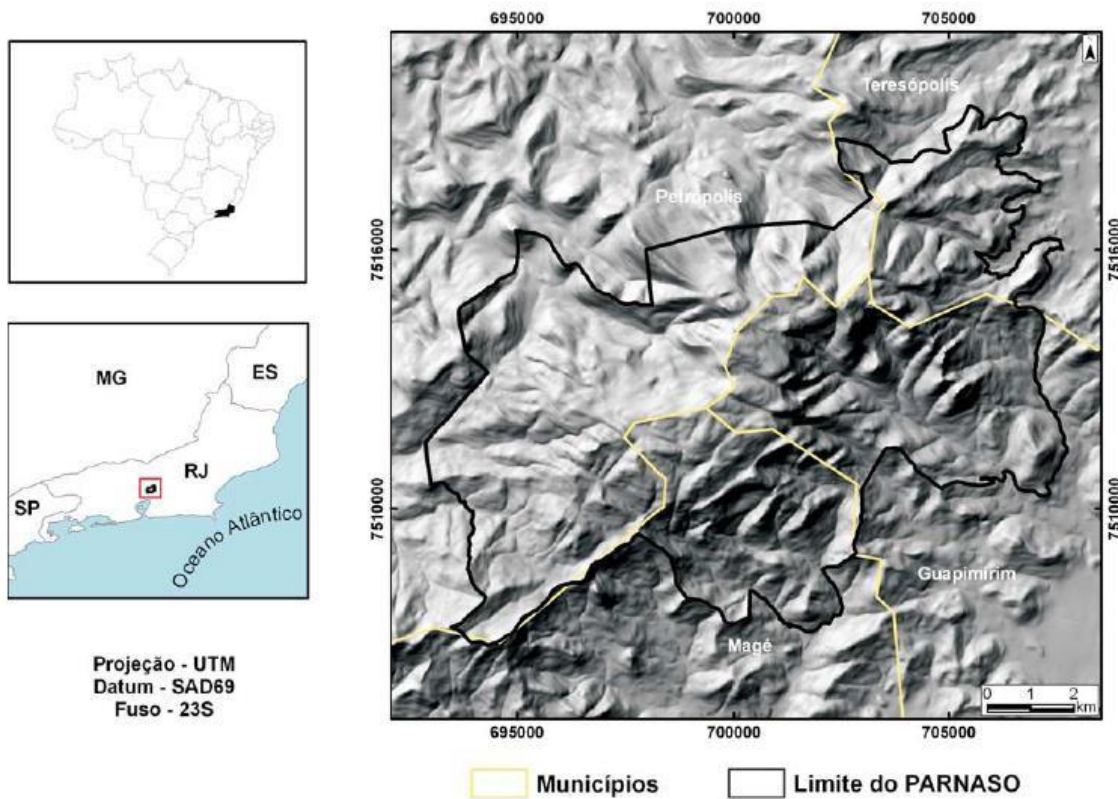
5.1 Uma leitura das rochas e formas (ou, visão geológico-geomorfológica) da Travessia

*El ojo que ve las piedras, el paisaje y el horizonte es a su vez, y al mismo tiempo, un ojo que ve narrativamente.
En el fondo, y de forma metafórica, se puede decir que toda "piedra" es un tipo de "piedra escrita" cuando comparece ante el ojo humano.*

Anrubia e Pisonero

A Travessia Petrópolis-Teresópolis, está inserida na área do Parque Nacional da Serra dos Órgãos (PARNASO) que, localizado na região serrana do estado do Rio de Janeiro, compreende os municípios de Teresópolis, Guapimirim, Petrópolis e Magé, totalizando uma área de 20.024 hectares (Figura 7). Abrangido por um trecho elevado da Serra do Mar, o PARNASO foi criado em 30 de novembro de 1939, sendo desta forma o terceiro parque mais antigo do país, antecedido apenas pelos Parques Nacionais de Itatiaia em 1937 e Iguaçu, também do ano de 1939. Parte de suas terras faziam parte da Fazenda dos Guinle, de modo que, inicialmente, era necessária autorização para acessá-lo. Lucena (2008) aponta que à época, muitas das montanhas ainda eram virgens e, quando tinham alguma denominação, esta é diferente da atual. É o caso do Garrafão, que era conhecido como Fagundes; o Santo Antônio, que era então chamado de Garrafão; o Papudo era Assú e a Pedra do Sino, conhecida então como Cabeção.

Figura 7: Mapa de localização do PARNASO.



Fonte: Martins *et al.*, 2007.

Dentre as variadas formas de percepção da paisagem, uma leitura de seus aspectos geológico-geomorfológicos, ainda que seja apenas mais uma dentre tantas experiências, tem aqui grande importância. Sauer (1998) coloca que

não podemos formar uma ideia de paisagem, a não ser em termos de suas relações associadas ao tempo, bem como suas relações vinculadas ao espaço. Ela está em um processo constante de desenvolvimento ou dissolução e substituição. Nesse sentido, foi uma apreciação verdadeira de valores históricos que fez os geomorfólogos ligarem a paisagem física atual ao passado em suas origens geológicas (Sauer, 1998, p. 42).

Pensar agora, o ambiente montanhoso no qual a Travessia está inserida, é também mergulhar nas leituras nas quais a “montanha fala” com os cientistas. E, assim como apenas a abordagem geossistêmica ou cultural são insuficientes aqui, para sozinhas pensar as experiências na paisagem, o mesmo ocorre com a geografia. Logo, na busca de compreender os atravessamentos causados pela Travessia, a geomorfologia surge como o que o espaço geográfico impõe para aquele que

caminha, sendo fundamental e determinante durante o percurso. Logo, retornamos aqui à intemporalidade das montanhas, tal como colocou Doreen Massey (2008).

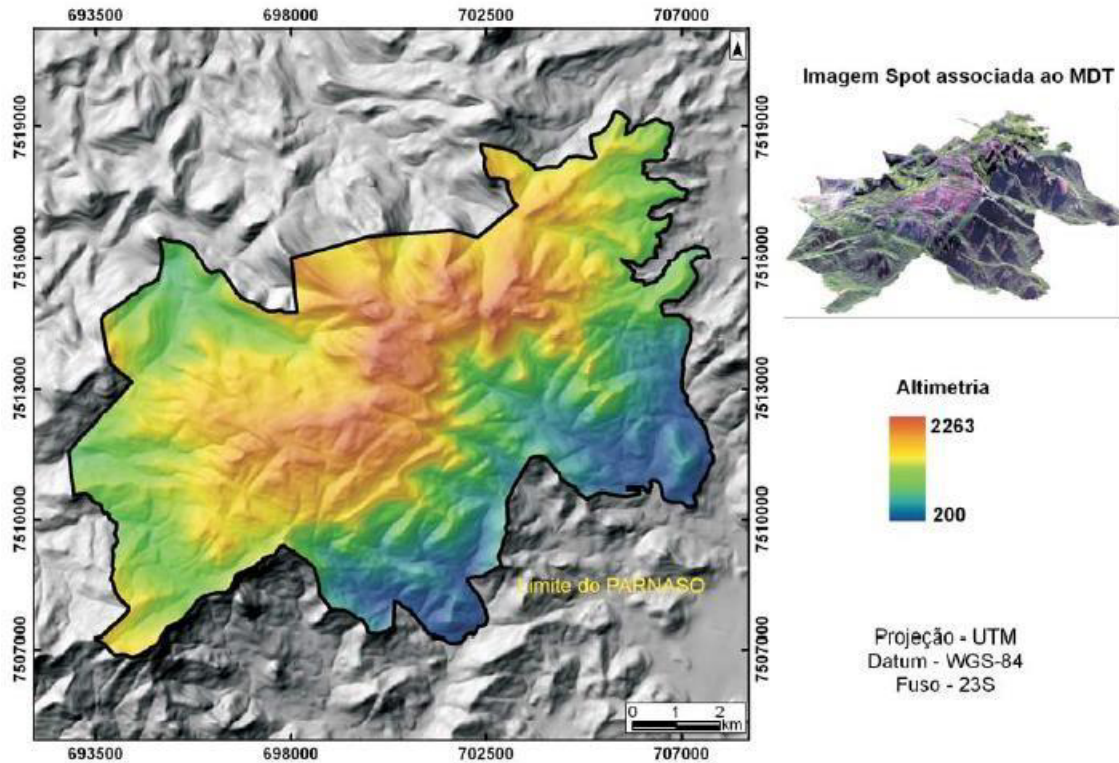
A formação da Serra do Mar está relacionada à diversos eventos termotectônicos que ocorreram no período Pré-cambriano, ou seja, acontecimentos relacionados à origem da Terra, há 4600 milhões de anos (Ma), nos quais ocorreram a formação de rochas metamórficas e, processos de granitização. O último desse ciclo de eventos, conhecido como Ciclo Tectônico Brasileiro, ocorreu no fim do período pré-cambriano, entre 700 e 450 Ma e resultou na colisão continental entre diversos núcleos continentais que formaram o supercontinente Gondwana do qual faziam partes núcleos que hoje compõe as placas sul-americana e africana. Este evento ocasionou o fechamento de diversos pequenos oceanos que existiam entre os núcleos (Shobenhaus et al., 1984).

Diante dessa colisão, formou-se uma grande cadeia de montanhas que metamorfozou e fundiu parcialmente os materiais envolvidos na colisão continental (embasamentos antigos, bacias sedimentares de margem passiva, arcos magmáticos, etc) compondo o embasamento rochoso ocorrente em todo o Estado do Rio de Janeiro, conhecido como faixa móvel Ribeira (Heilbron et al, 2014). Estas faixas sofreram intensos processos de metamorfismo e granitização que definiram cordilheiras intracontinentais que, após erodidas, resultaram na formação de planaltos sobre cinturões orogênicos (Schoebnhaus, 1984, Ross, 2009 e Freitas, 2007). Nesse cinturão orogênico jazem rochas de alto grau metamórfico, como gnaisses e granulitos, assim como granitos sin e pós-colinisionais.

Após a colisão, um longo período de estabilidade é interrompido por um evento de ruptura na plataforma sul-americana, resultando na abertura do oceano Atlântico entre 150 e 120 Ma, com efeitos até 45 Ma (Ricominni, 1989). Tem-se então, a formação das serras, soerguidas como horstes e baixadas repletas de bacias sedimentares, nos blocos abatidos como grábens. O trabalho erosivo se incumbiu de esculpir as formas remanescentes até hoje e, mais próxima à costa, a Serra do Mar é uma imponente barreira de escarpa de linha de falha que possui na qual está localizada a Serra dos Órgãos. A uma altitude que varia entre 200 e 2.275 em sua frente voltada ao litoral e uma vertente continental de relevo mais suave, comparativamente, está situado o PARNASO (Figura 8). Neste topo, marcando o divisor de drenagens em um pequeno planalto suspenso, entre a Baía de Guanabara

e o Vale do Rio Paraíba do Sul, estão os Castelos do Açú, ponto importante para montanhistas.

Figura 8: Modelo digital da região do PARNASO.



Fonte: Martins *et al.*, 2007.

Formado por grandes blocos de rocha dispostos à uma altitude 2200 metros, os Castelos do Açú (Imagem 1) possuem em seu interior, salões à céu aberto que para além de sua beleza e do impacto que geram por sua imponência, servem de abrigo. Historicamente, abrigar-se ali foi fundamental para o desenvolvimento do montanhismo na região. Tendo os Castelos do Açú como base, é possível aos montanhistas um lugar de pernoite e descanso protegidos do vento, para explorar as trilhas e montanhas da região durante o dia, assim como, fazer a Travessia Petrópolis-Teresópolis.

Imagem 1: Castelos do Açú.



Fonte: Gabriela Garcia.

Ainda decorrente desse *rifteamento* da borda atlântica brasileira, paralela à Serra do Mar, porém mais para o interior, ergue-se a Serra da Mantiqueira também como uma alto estrutural (Figura 9). Ambas são intercaladas pelos grábens do Paraíba e da Guanabara como baixos estruturais no contexto da região estudada (Riccomini, 1989; Asmus & Ferrari, 1978).

Figura 9: Estruturação do perfil esquemático das escarpas serranas ao longo dos blocos de falhamentos escalonados relacionados ao RCSB.

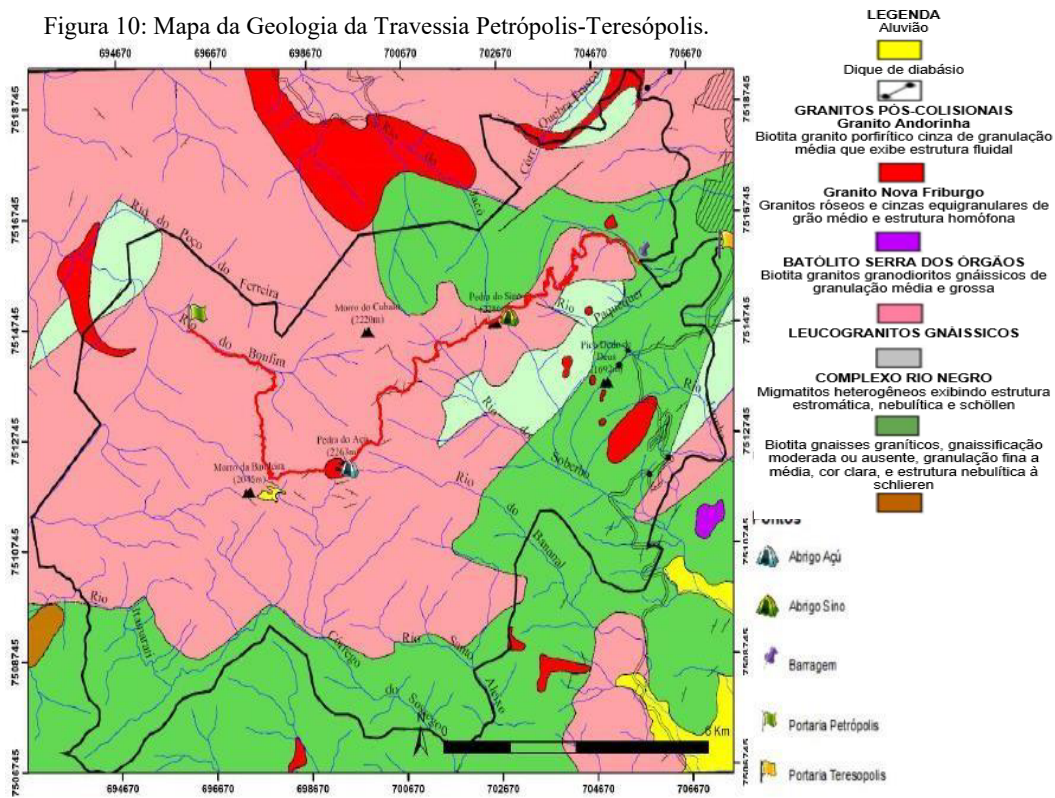


Fonte: Asmus & Ferrari (1978).

A Serra dos Órgãos é representada, portanto, por um alto estrutural em sua vertente continental, de modo que possui um relevo mais suave em relação à vertente oceânica, representada por um baixo estrutural, com uma ruptura brusca de escarpa de falha. Esta assimetria entre as duas vertentes é controlada pela organização litoestrutural, especialmente a direção e mergulho dominante das foliações das rochas pré-cambrianas e das zonas de falhas e fraturas (Martins et al., 2007). Deste modo, o PARNASO está inserido na Unidade Morfoescultural Cinturão Orogênico do Atlântico (Dantas et al., 2001), que após ser dividido nos Domínios Morfoestrutural do Planalto Atlântico e das Depressões Tectônicas Mesozóico-Cenozóicas, subdivide-se nas Regiões do Planalto e Escarpas da Serra dos Órgãos e na Região do Rife da Guanabara (Silva, 2003).

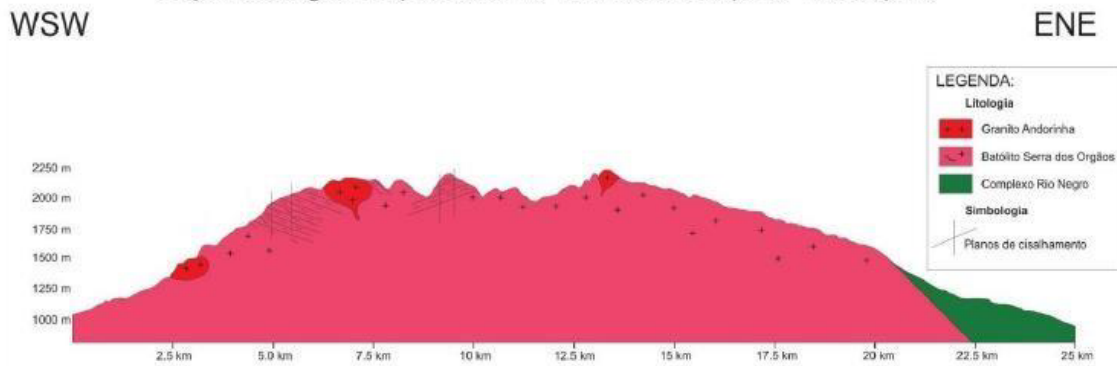
Por estar inserido no terreno da Faixa Móvel Ribeira, o PARNASO tem um relevo montanhoso, apresentando suas maiores elevações na faixa que acompanha a linha divisória dos municípios que corresponde ao divisor de bacias (Martins *et al.*, 2007). Podemos observar que a geologia da Travessia Petrópolis-Teresópolis é composta por ortognaisses e migmatitos do Complexo Rio Negro (aproximadamente 630 Ma), granitóides intrusivos do Batólito da Serra dos Órgãos (aproximadamente 560 Ma) e maciços graníticos pós-tectônicos - Granito Andorinha (aproximadamente 480 Ma), conforme podemos observar nas figuras 10 e 11:

Figura 10: Mapa da Geologia da Travessia Petrópolis-Teresópolis.



Fonte: Pessoa, 2019 (adaptado).

Figura 11: Seção Geológica da Travessia Petrópolis-Teresópolis.
Seção Geológica Esquemática da Travessia Petrópolis - Teresópolis



Fonte: Pessoa *et al.*, 2018.

Oliveira et al (2007) identificam na área do PARNASO duas unidades de paisagem: as Escarpas Serranas e o Planalto Serrano, que vão de encontro aos

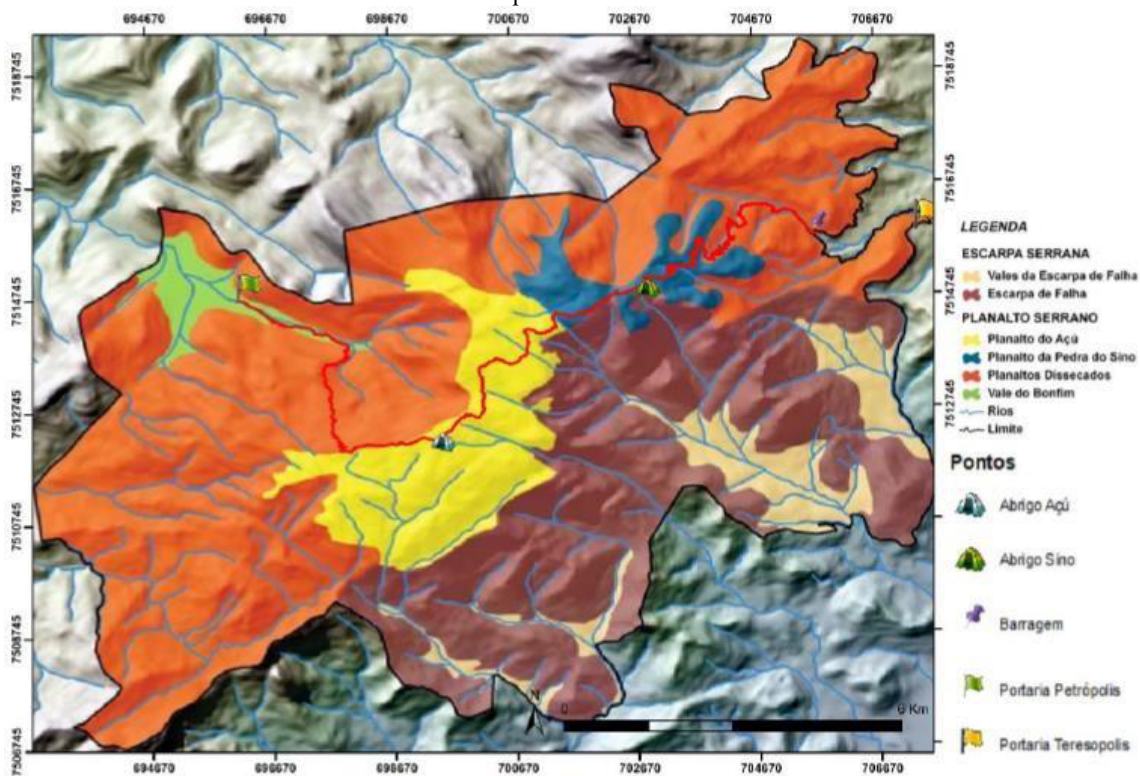
estudos descritos por Dantas (2000)⁷ e Silva (2002)⁸. As primeiras, inseridas na escarpa da Serra do Mar, possuem uma ampla extensão regional, atravessando praticamente todo o território do estado do Rio de Janeiro numa direção WSW-ENE, acompanhando o “*trend*” estrutural do substrato geológico (Oliveira *et al.* 2007). Durante a Travessia, podem ser observadas nos Vales da Escarpa de Falha e na Escarpa de Falha, com altitudes que variam de 200 a 2.263 metros e declividades predominantes que variam de 10° a 60°, com alguns pontos de desnível abrupto.

O Planalto Serrano, está situado no reverso da Escarpa Serrana e corresponde à parte soerguida da Serra do Mar, de modo que abrange as áreas de maiores altitudes, como o topo e a vertente continental, que mergulham mais suavemente para a calha do rio Paraíba do Sul. Localizado nas porções oeste, noroeste, norte e nordeste do PARNASO, suas altitudes variam de 910 a 2.263 metros, com declividades predominantes que variam de 5° a 45°, com pico de frequência na ordem de 25°. Pode ser observado em pontos como o Vale do Bonfim, Planalto do Açú, Planalto da Pedra do Sino e Planaltos Dissecados (Figura 12).

⁷ Dantas, M.E. (2000) *Mapeamento geomorfológico do Estado do Rio de Janeiro*. Brasília: CPRM. Escala: 1:250.000. CD-ROM.

⁸ Silva, T.M. (2002) *A Estruturação Geomorfológica do Planalto Atlântico no Estado do Rio de Janeiro*. 265 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Departamento de Geografia – IGEO/UFRJ, Rio de Janeiro.

Figura 12: Domínios geomorfológicos do PARNASO no contexto da Travessia Petrópolis-Teresópolis



Fonte: Pessoa, 2019 adaptado de Oliveira *et al.*, 2007.

5.2 Uma leitura de dentro (e dos atravessamentos) da Travessia

Assovia o vento dentro de mim.

Estou despido.

*Dono de nada, dono de ninguém, nem mesmo dono de
minhas certezas, sou minha cara contra o vento, a
contravento, e sou o vento que bate na minha cara.*

Eduardo Galeano, no Livro dos abraços.

Falar da Travessia Petrópolis-Teresópolis hoje, soa bem diferente do que havia imaginado que seria. Quando pensei em fazer um relato da minha experiência da Travessia para esta tese, imaginei que seria apenas mais um relato de experiência em montanha, de um caminho que já conhecia. O plano, era que ela fosse feita algumas vezes nos invernos de 2020 e 2021, mas antes disso, a pandemia da Covid-19 chegou e mudou os horizontes. Ou os tapou? Comecei a repensar as estratégias que iria utilizar então, com o impedimento de fazer a Travessia de forma segura e, depois, com o fechamento do PARNASO.

Em junho de 2021 tudo mudou, uma neblina que não permitia que qualquer horizonte fosse avistado, se dissipou um pouco. Tive a oportunidade então, por meio de uma autorização específica para esta pesquisa, de fazer essa caminhada tão bonita e importante para mim. Já estava há mais de um ano e três meses sem sair de casa e então, sem pestanejar, me joguei nessa chance única. Não havia percebido ainda, o peso que todo esse tempo de isolamento, teria nesse atravessamento.

A Travessia foi planejada para ser realizada em quatro dias. No primeiro dia, a subida da sede do PARNASO em Petrópolis até os Castelos do Açú. O segundo dia, ficou reservado para explorar os Castelos e seu entorno e, no terceiro dia, a caminhada do Açú até a Pedra do Sino. Após este último pernoite, a Travessiaseria encerrada com a descida da Pedra do Sino até a sede do PARNASO em Teresópolis. Bom, assim foi feito.

Sexta feira, 02 de julho de 2021.

Depois de uma semana corrida, com documentação e com os preparativos para a Travessia relacionados à alimentação e roupas, já que o Rio de Janeiro passava por uma onda forte de frio, fechei a mochila. Estava tudo pronto, era dormir e acordar bem cedinho no sábado e partir para aventura. A mochila estava pesada e, por um instante, me peguei pensando: o que leva uma pessoa a fazer isso? Que ironia, ri sozinha.

Sábado, 03 de julho de 2021.

8h20min. Passar pela portaria do parque com a mochila cargueira nas costas certeza que uma caminhada longa pela frente, foi libertador, por mais estranho que isso possa parecer. Essa sensação foi constante ao longo dos dias que vieram. Começar a caminhar pelo Vale do Bonfim (Imagem 2) em uma manhã fria, com o céu azul e um sol que fazia carinho na pele, me trouxe a certeza de estar no lugar certo.

Imagem 2: Vale do Bonfim.



Fonte: Gabriela Garcia.

Os primeiros quarenta minutos de caminhada foram tranquilos, até a cachoeira Veu da Noiva e então, após uma longa subida, chegamos, eu e o grupo que me acompanhava, na Pedra do Queijo. Sentia uma sensação de prazer em cada pisada com a bota no chão. Observei deslumbrada, a dança das folhas e dos galhos ao longo do meu caminhar. Senti o beijo do vento fresco em minha pele. Mais algumas descidas e subidas e chegamos ao Ajax, são duas da tarde. Lá, paramos para comer, encher as garrafas de água e descansar um pouco, pois o que vinha logo à frente, era a subida da Isabeloca. Percebo ali, no Ajax, que apesar da subida ter sido pesada e, da alça da mochila doer muito em meus ombros, a experiência me parece menos cansativa que a anterior, em 2017. Pode ser que esteja apenas sendo enganada pela memória, difícil saber. Durante esse momento de descanso, conversei um pouco com Otávio, que me diz o quanto acha bonito parar e olhar as montanhas lá no fundo, por entre a vegetação próxima à nós. “São as janelas da natureza”, digo e sorrio.

Subimos então a Isabeloca, caminhamos sobre um chapadão, campos de altitude e um trecho de charco (Imagem 3). O céu azul é a companhia do dia, assim como, a vontade de ver novamente os Castelos. A subida, cansativa, é recompensada por uma paz enorme e pela paisagem montanhosa ao redor. A sensação é de ser abraçada pelas montanhas com leveza. Toda a beleza que me

cerca é apreendida pelo olhar e, mesmo assim, meus olhos não dão conta de tudo. É preciso digerir aos poucos. Penso que essa sensação é um “estado de poesia”, como cantou Chico César.

Imagem 3: campo de altitude.



Fonte: Gabriela Garcia.

Barraca montada, o sol se põe e o frio aumenta. Os dedos da mão, doem de frio, preciso de luvas. O frio da montanha é diferente, afinal, ele assim como toda a experiencia deste e dos próximos dias, foi buscado.

Domingo, 04 de julho de 2021.

Noites frias costumam ser longas e, fez bastante frio. Imagino que a temperatura beirou os zero graus. O despertar deste domingo foi cedo, antes do sol. Subi com meu companheiro o mirante ao lado dos Castelos do Açú e, mesmo com o vento frio tentando nos expulsar de lá, aguardamos o nascer do sol, em seu tempo. O horizonte se forma, sem pressa e, admirando seu movimento, penso no astro Rei. “*Até o sol nascer amarelinho, queimando mansinho*”, me vêm à cabeça e sorrio. Sempre que me sinto assim, tão pertencente ao mundo, humanidade, músicas me acompanham mentalmente. Seja no caminhar, seja na espera que, por conta do frio, me pareceu longa.

Aproveito e observo como é bonita a composição que se forma com o desenho dos relevos das montanhas e das nuvens. Uma escala com diferentes tons de azul, cinza, verde e cores que não dou conta de descrever que parecem ter sido cuidado-

samente colocadas ali. É perfeito. Os raios de sol começam a surgir ao fundo, no horizonte, por entre as nuvens (Imagem 4). Esqueço do frio e a espera então, se transforma em um nascer do sol tão bonito que passa em um piscar de olhos.

Imagem 4: Nascer do sol dos Castelos do Açú.



Fonte: Otávio Leão.

É incrível como cada momento desses é único, ainda que com as mesmas montanhas ao redor. Para mim, os Três Picos se destacam neste amanhecer, envoltos em um mar de nuvens. Mais uma vez então canto e, agora, quem me acompanha nesse momento meu com o mundo, é Nelson Cavaquinho:

*“O Sol há de brilhar mais uma vez
A luz há de chegar aos corações
Do mal será queimada a semente
O amor será eterno novamente”*

Penso nos dias passados em quarentena, em que tanto desejei estar ali, me abastecendo da energia pura da montanha. Me conecto com os meus que já se foram e sinto que estou em um lugar sagrado. Esses versos em minha cabeça, soam como uma oração, que também me abastece de forças para seguir a vida quando voltar para a cidade. Desço do mirante, que é uma pedra redonda, a qual para subir utiliza-se uma corda que está amarrada à um corrimão para dar apoio, e volto para os

Castelos do Açú. Lá, encontro o grupo que me acompanha e Marcelo, que assim como eu diante do amanhecer, canta: “*Quando o sol, bater na janela do teu quarto*”. Acho bonito como a gente sempre associa esses momentos tão mágicos, à arte. Músicas, poesias. As pinturas, ficam por conta dos movimentos da natureza e se transformam e quadros únicos em nossa memória.

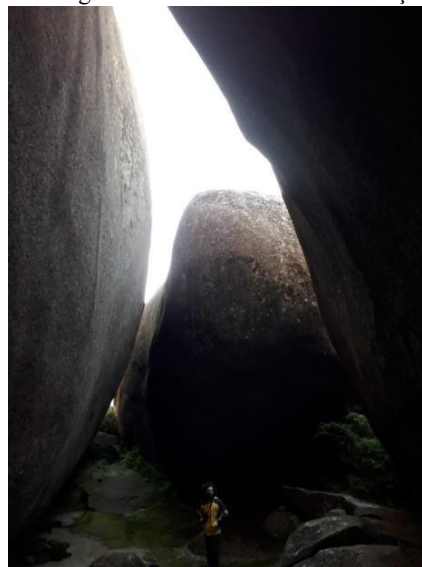
Entro no salão dos castelos. Os grandes blocos de rocha que formam os Castelos do Açú, se encontram de modo que, no espaço entre eles, um salão enorme surge diante de meus olhos (Imagens 5 e 6). Algo até então, para mim, inimaginável. Paredões lisos de pedra e o céu como telhado. Caminhar lá dentro, observar como cada rocha foi esculpida ao longo de milhares de anos, é uma experiência única. Volto para barraca para descansar um pouco e uma parte do grupo vai até o Morro do Cruzeiro, que fica em frete aos Castelos. Quando volta, meu companheiro me relata um fato interessante. Olhando do alto do Cruzeiro, eles se divertem observando as morfologias das montanhas, até que um deles, mostra para os outros uma pedra ao longe que lembra uma garrafa de *coca-cola*. Meu companheiro então, diz: “Agora não vou conseguir desver isso”. Conversamos em seguida, sobre como a Geografia tem essa capacidade de, uma vez que não conseguimos desver, fazer a gente *transver o mundo*, como diria Manoel de Barros.

Imagem 5: Castelos do Açú.



Fonte: Otávio Leão.

Imagem 6: Salão dos Castelos do Açú.



Fonte: Otávio Leão.

Após tomar café da manhã, o grupo decide ir aos Portais de Hércules, que fica próximo ao Açú, em um desvio do trajeto da Travessia. Saímos do Açú e após uma

descida, a subida íngreme do Morro do Marco, com trechos nos quais o corpo fica espremido entre as pedras, mostra o que nos aguarda no dia seguinte, com o mochilão nas costas. A caminhada de hoje, sem peso, é mais contemplativa e de descoberta e, acaba se tornando um descanso. Após descer do Morro do Marco, o caminho é à direita, bem marcado e com vários *totens* que indicam a direção. Saindo das pedras, caminhando no vale entre o Morro do Marco e o Morro da Luva, que nesse dia não foi preciso subir, a vegetação está alta por causa do pouco acesso por conta da pandemia. Em alguns momentos, há dúvidas sobre para onde seguir. O tempo, que até então era uma dúvida, pois havia fechado, coberto de nuvens, começa a abrir e é possível perceber um grande paredão à esquerda, chegamos aos Portais de Hércules.

São as nuvens que ditam essa nossa janela para a paisagem dos Portais, numa dança de abrir e fechar as cortinas. Quando abertas, é possível ver boa parte do Complexo da Serra dos Órgãos, como o Dedo de Deus, Agulha do Diabo, Escalavrado e a Pedra da Freira (Imagens 7, 8 e 9). Esta última, um alto residual em destaque, isolada, mostra por sua morfologia os processos erosivos que sofreu ao longo do tempo. Alguém do grupo, questiona: “*Como a Geografia explica isso?*”. É possível perceber então, como também somos capazes de explicar geomorfologicamente a paisagem, através da poesia. Me questiono se não é justamente esse encantamento proporcionado pelo ver poético, que nos ajuda a explicar o inexplicável. Se a poesia é capaz de romper com essa visão cartesiana do mundo, será possível fazer ciência com a poesia? Também ouço atenta do desenrolar do debate entre algumas pessoas do grupo sobre as nomenclaturas das montanhas, associadas à santos e ao diabo. Frutos de tantas e diferentes cosmovisões em torno das montanhas.

Imagem 7: Portais de Hércules.



Fonte: Marcelo Motta.

Imagem 8: Portais de Hércules.



Fonte: Luiz Moraes.

Imagem 9: Pedra da Freira.



Fonte: Marcelo Motta.

Após voltar para o acampamento, depois das conversas que ocorreram durante a caminhada, reflito sobre a importância da história oral para que as memórias não se percam. Histórias relacionadas à nomenclaturas de pontos importantes da Travessia e causos que, não passados de montanhistas para montanhistas, se perderão. Ainda mais hoje, em um momento em que as pessoas estão com acesso restrito às trilhas do parque e também, o frequentando menos. Mais do que nunca, as vivências precisam ser contadas, ouvidas, absorvidas, vividas e contadas novamente.

A noite hoje, é ainda mais fria que a anterior. O céu, com tantas estrelas, que os olhos se perdem sem saber em qual direção olhar. Seu brilho, ofusca as luzes das cidades, pequenas, que vemos lá embaixo. Temos o teto perfeito para essa noite de descanso, sonhando o amanhã.

Segunda-feira, 05 de julho de 2021.

O dia amanheceu junto com uma carga enorme de ansiedade para mim, afinal, este era o momento mais esperado e temido. É muito grande a vontade de estar ali, vivendo uma das paisagens mais bonitas que já vi e que, promete ser a companhia do dia. Apesar da sensação de casa que a Travessia me traz, o medo de altura e a memória de alguns lances, como o Elevador e o Mergulho, me impedem de relaxar completamente. Mas, logo me distraio com as crostas de gelo que durante a noite se

formaram sobre as barracas. Aproveito cada momento do ritual de tomarchá, desmontar a barraca, arrumar a mochila. Estou pronta para mais uma vez me jogar nos vales e picos que serão conquistados em breve.

9h26min. Mochila nas costas, fazemos novamente o mesmo percurso do dia anterior, subimos e descemos a encosta do Morro do Marco e, em seguida, após um riacho, ainda na mata, tem início a subida do Morro da Luva, que se torna íngreme à medida que começamos a caminhar em seus platôs (Imagem 10). Lamento o tempo estar nublado, impedindo que a caminhada fosse acompanhada pela vista indescritível das montanhas da Serra dos Órgãos, como foi possível ver no dia anterior, nos Portais de Hércules. Ainda assim, tem sua beleza. Afinal, o que é paisagem? Com o céu aos nossos pés, envolta à neblina, me vejo dentro dessa paisagem. Quer dizer, em alguns momentos, mal conseguimos ver uns aos outros (Imagem 11). Precisamos nos orientar pelo som, para continuarmos juntos, sem risco de alguém se perder. Vamos caminhando pouco a pouco, para permanecermos unidos. Fazemos parte de uma mesma paisagem que está ali e ainda assim é única, para cada um. Ela então é apreendida para além do que meus olhos podem ver, é ouvida no silêncio interrompido apenas pelos pássaros ou pelo canto do vento. E sentida, com o coração.

Imagem 10: Descida do Morro do Marco.



Fonte: Luiz Moraes.

Imagem 11: Caminhada em meio a neblina.



Fonte: Luiz Moraes.

Descemos o Morro da Luva e, caminhado pelo vale, seguindo o curso do rio, é possível ver em um paredão à frente, o que nos aguarda. Com trinta metros de altura, o temido Elevador tem vergalhões de ferro chumbados na rocha, formando um escada de “infinitos” sessenta e poucos degraus. A mochila volumosa e pesada me deixa com mais receio. Ouço palavras de incentivo de meu companheiro e, com esforço, consigo subir. Ao chegar lá em cima, minhas emoções se misturam: superação, alegria e alívio são sentimentos que tomam conta de mim. Me sinto viva. Sinto o sangue correr em minhas veias e a vontade de seguir sendouma com o mundo. Nesse momento, no alto e ainda assim, entre montanhas e vales, me permito um repouso e penso em meu avô, em como me sinto conectada à ele quando estou na montanha, mais perto do céu. Os versos de *Travessia*, de Milton Nascimento me vêm à cabeça:

“Quando você foi embora fez-se noite em meu viver

Forte eu sou, mas não tem jeito

Hoje eu tenho que chorar

Minha casa não é minha e nem é meu este lugar

Estou só e não resisto, muito tenho pra falar

Solto a voz nas estradas, já não quero parar

Meu caminho é de pedra, como posso sonhar

Sonho feito de brisa, vento vem terminar

*Vou fechar o meu pranto, vou querer me matar
Vou seguindo pela vida me esquecendo de você
Eu não quero mais a morte, tenho muito o que viver”*

Começa então a chover e a atenção precisa ser redobrada, pois as pedras ficam escorregadias. O grupo fica apreensivo, pois a caminhada fica mais lenta e ainda havia um longo caminho pela frente. Chegamos ao Vales das Antas ainda sob chuva e discutimos se vamos continuar ou acampar ali. São duas e meia da tarde e estamos presos entre duas passagens importantes e difíceis da Travessia: o Elevadore o Cavalinho. O vale é frio e úmido, logo, nossa única opção é seguir. Por sorte, a chuva para a medida que começamos a caminhar, o que traz um pouco de alívio. Ainda com cuidado para não escorregar, subimos a laje da Pedra da Baleira que, com três afloramentos rochosos, lembra o movimento que uma baleia faz de encontro a superfície, para respirar (Imagem 12).

Imagem 12: Pedra da Baleia



Fonte: Marcelo Motta.

Em seguida, na descida, após passar pelo Vale dos Sete Ecos, chegamos a outro ponto temido por mim, o Mergulho. É uma descida íngreme e curta, um pouco exposta e que me causa vertigem. Com a ajuda do grupo, entrego minha mochila e, tremendo, consigo passar. Mais uma sensação de alívio e superação. Ainda que tremendo e nervosa, me sinto forte. O tempo então, melhora. O as nuvens se

dissipam e caminhamos em direção ao temido Cavalinho, um lance no qual para passar de um lado para o outro de uma pedra, é preciso fazer um movimento de montaria, ao lado de um abismo. Estou tão concentrada nesse momento, que mal vejo o precipício a minha esquerda. Entrego minha mochila e com ajuda do grupo e de uma corda, me lanço para o outro lado da pedra. Consegui, estou quase na Pedra do Sino!

Daí para frente, a caminhada restante se torna leve, o caminho é conhecido e tenho a sensação de estar chegando em casa. Na verdade, estou. Saímos no sábado de Petrópolis e, grande parte do percurso da Travessia, ocorre no município de Guapimirim. Então, ao chegar na Pedra do Sino, estou finalmente em Teresópolis e tudo me parece familiar. Barraca montada, anoitece. Só penso em comer e descansar o corpo para a descida do dia seguinte. Sinto muita dor no joelhos e nos pés. Alguns dedinhos estão com a unha roxa e decido então, não subir ao Sino para ver o nascer do sol.

Terça feira, 06 de julho de 2021.

Com calma, eu e meu companheiros arrumamos nossas coisas e guardamos a barraca. O dia está bonito, com um sol que aquece a pele na medida certa, por conta do frio. Começa então a caminhada de descida da Pedra do Sino até a barragem do PARNASO, em Teresópolis. Me sinto em meu habitat natural e, semos receios do dia anterior, aproveito ainda mais a paisagem ao redor e me divirto com a caminhada. Meus ombros queimam por causa do peso da mochila, que se acumula com o cansaço acumulado dos dias, mas isso pouco me importa. Estou feliz.

A caminhada começa em uma área mais plana, com vegetação característica de altitude. Alguns musgos, vermelhos, nos mostram com sua beleza a pureza do ar que estamos respirando. As muitas montanhas ao redor, brilham com o sol batendo na humidade que se acumulou durante a madrugada e parecem dizer “Bom dia!”. Sim, lindo dia. Não tem como não ser bom! Vamos andando com calma, desfrutando da paisagem e identificando as montanhas: Papudo, Santo Antônio, Pedra da Galinha. E então, começamos a descer. Logo, a vegetação começa a mudar ao longo de nosso caminhar ziguezagueante. Alguns trechos de pedras, úmidos e em seguida, a Mata Atlântica com todo o seu esplendor.

Quando o caminho fica mais largo, com raios de sol entrando pelas frestas das árvores, é lindo de se ver. O ar puro parece limpar os pulmões. Se existe sensação próxima a plenitude, imagino que seja essa. São quase cinco horas de descida que, mesmo com o corpo gritando de cansaço, não deixa de ser leve. Passo a prestar atenção nos detalhes a minha volta. Os diferentes formatos e texturas das folhas das árvores, seus troncos. A disposição das pedras nas quais piso, pelo caminho. O canto de um passarinho chamado saudade. Parece então uma despedida de tudo que vivemos nos últimos dias eu, e a natureza. Um abraço da floresta que me entrega, inteira, ao meu lugar. Mais inteira do que comecei a caminha no sábado, embora pareça o contrário à quem me vê.

Volto para casa em paz, com a minha gavetinha das utopias e esperanças abastecida. A confiança de estar trilhando o caminho que escolhi e de que não estou, nunca, sozinha.

6

A geograficidade da Travessia Petrópolis-Teresópolis: a narrativas pessoais na construção da paisagem

Enquanto subia a montanha Zaratustra pensava nas muitas viagens solitárias que fizera desde sua juventude e nas muitas montanhas, cristas e cumes que escalara. “Eu sou um viajante e um escalador de montanhas” – disse para si mesmo. “Não gosto das planícies e parece que não posso ficar muito tempo sentado. E sejam quais forem meus destinos e minhas experiências vividas, sempre implicarão caminhada e escalada de montanhas. Em suma, não se vive outra experiência, senão a si mesmo.

Nietzsche, no livro *Assim Falava Zaratustra*.

Quando falamos de uma geografia afetiva, na qual o mundo é o palco de um encontro concreto entre seus elementos sensíveis e o ser humano, estamos pensando a paisagem como uma experiência. Neste mesmo viés, a Geografia das Emoções surge com o intuito de entender, segundo Silva (2015) a relação do sujeito e espaço a partir das emoções, vistas como fatos sociais. Ou seja, a partir do modo como interagimos emocionalmente com os lugares, ela busca entender qual a dimensão emocional das representações espaciais. Em suas palavras:

Nossas experiências emocionais estão na vida banal, nas pequenas coisas. É preciso um olhar atento e sensível para essas experiências. É uma forma de autoconhecimento, de construção de si, de se entender enquanto indivíduo em diálogo com outros indivíduos. Estar atenta às nossas emoções é uma forma de respeito com aquilo que sentimos. Nossas emoções não estão nos lugares. Estão em nós. Nós damos sentido e significados para esses lugares, construímos nossas espacialidades com base nessas experiências emocionais e nas relações intersubjetivas (SILVA, 2019, p.19).

Aqui, compreendemos que, assim como o lugar, a paisagem será vivenciada de modo único por cada indivíduo e, uma vez que estar no mundo é ser atravessado por ele, só após esse atravessamento as experiências poderão ser faladas, fotografadas, ilustradas, musicadas. Logo, às paisagens e o lugar vivenciados ao longo da caminhada, serão atribuídos sentidos diversos, responsáveis pela elaboração das geografias afetivas em relação à Travessia Petrópolis-Teresópolis. Isso ocorre a medida que a experiência da paisagem durante a caminhada afeta as pessoas em relação à sua sensibilidade com o mundo. Por isso, pensamos que a narrativa neste caso reflete então, os afetos estabelecidos durante os 30 quilômetros que são percorridos, normalmente, mas nem sempre, em três dias, de modo que ao longo desse tempo as narrativas serão construídas pelas experiências físicas e emocionais.

Assim sendo, realizamos uma pesquisa empírica com pessoas que fizeram a Travessia Petrópolis-Teresópolis a partir de entrevistas narrativas. Inicialmente por conta da pandemia da Covid-19, as entrevistas tiveram que se adequar aos protocolos de isolamento social e por conta disso, foram feitas remotamente através de chamadas de vídeo. Houve um contato prévio com os entrevistados para o esclarecimento de eventuais dúvidas em relação à dinâmica. Como a primeira parte das entrevistas, realizadas remotamente em 2021, transcorreram sem que houvesse prejuízo para a pesquisa, decidimos manter este modelo nas entrevistas feitas em 2022, principalmente pela maior facilidade dos encontros virtuais e, pelos cenários pontuais e questões individuais em relação à pandemia.

Nas narrativas, Silva (2019) enfatiza que podem ser apresentada a relação entre emoção, espaço vivenciado, espacialidades, mundo simbólico, uma vez que os fatos lembrados e narrados são os que têm significado e uma emoção. Logo, a narrativa permite o resgate de experiências e saberes. Portanto, ao falar sobre narrativas devemos privilegiar o sujeito e o modo como ele dá significado a essas experiências de modo que seja possível assim, compreender a diversidade dos significados atribuídos ao vivido. Para a autora, ao contarem suas histórias,

as pessoas vão construindo os significados de suas experiências, em que a construção do significado, portanto, surge da narração. Nas narrativas, além de explorar o que é dito, é relevante explorar como as coisas são ditas, isso é, a partir do próprio ato de narrar. No não dito também estão expressos os significados da experiência, a partir do silêncio, do lacrimejar dos olhos, da respiração aliviada (SILVA, 2019, p. 160).

É importante então, para a autora, um olhar sensível ao que é narrado, privilegiando o sujeito e o modo como ele “reorganiza sua história, cria laços de significado e coerência para eventos e acontecimentos que marcaram suas trajetórias, dando sentido a sua existência” (Silva, 2019, p. 148). Enfatiza em seguida, que as emoções fazem parte da construção da narrativa e que

portanto, são construídas por nossas experiências emocionais e por mais que busquemos construí-las da maneira mais racional possível, articulando ideias, palavras, acontecimentos, o substrato dessas histórias narradas é a emoção. O encontro consigo mesmo é um desafio, porque é preciso buscar no íntimo aquilo que não expomos no público: nossas emoções. (SILVA, 2019, p. 149).

Logo, encontramos na pesquisa qualitativa a metodologia que melhor fundamenta nossa análise das entrevistas narrativas à medida que, segundo Flick (2009), esta enfatiza o ponto de vista dos sujeitos. Assim sendo, é importante

tratarmos algumas de suas características e elementos que devem ser considerados na análise de conteúdo, de modo que seja possível seguir o percurso teórico proposto para entender as narrativas, a partir de uma reflexão com base nos relatos dos narradores. Para tal, a narração da experiência na Travessia adota um esquema autogerador no qual há o mínimo de interferência e influência por parte do entrevistador. Após estabelecido um laço de confiança entre narrador e entrevistador, foi utilizada uma pergunta geradora para dar início a narrativa: *“Eu quero que você me conte a sua experiência na Travessia Petrópolis-Teresópolis. O ideal seria começar pela decisão, sua motivação para realiza-la e, então, contar como as coisas aconteceram até você concluí-la. E, se como é ficar imerso na natureza e paisagens durante esses dias, de alguma forma, mudou sua percepção de paisagem e natureza ao mão. Não temos pressa e, tudo que você considerar importante, me interessa”*. Caso necessário, ao fim, algumas questões já estabelecidas e que não tenham sido abordadas pelo narrador, foram levantadas. Ao optar por este modelo de entrevista, esperamos que esta seja o mais livre e fluída possível e, assim, ao privilegiar as experiências individuais da Travessia, estas sejam melhor compartilhadas. Por último, para além de suas narrativas, todos os entrevistados tiveram, a liberdade de enviar de registros que consideravam importantes e afetivos, realizados durante a Travessia, tais como fotografias e escritos.

Nosso intuito é identificar e entender, a partir das narrativas, como a consciência de si, do lugar e da paisagem na Travessia, influenciam na construção da percepção da paisagem. Para tal, as entrevistas foram gravadas, após a ciência dos participantes com a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Posteriormente, elas transcritas e relidas cuidadosamente, a fim de identificar seus pontos de convergência e divergência, na perspectiva da pesquisadora. Deste modo, cabe ressaltar que, inevitavelmente, a interpretação das narrativas parte de uma interpretação pessoal da pesquisadora, ainda que se busque a compreensão destas com base na abordagem teórica-conceitual apresentada na pesquisa. E, ainda que se tenha buscado relacionar as narrativas com tais abordagens, o modo como foram estruturadas a apresentação das narrativas, seguiu a escolha dos fatos por parte dos narradores.

Por último, antes da realização das entrevistas, houveram conversas prévias com o narradores acerca da pesquisa e estes demonstraram interesse em participar, logo, foi explicado à eles sobre a metodologia que seria utilizada. A maior parte dos entrevistados já conhecia a pesquisadora e, entre os que não conheciam, existiam

peças em comum na sua rede de relacionamentos. Por se tratar de uma pesquisa qualitativa, o número de entrevistados foi pautado em sua diversidade enquanto sujeitos, em detrimento de um quantitativo maior de pessoas. Foi apresentado ainda, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, de acordo com as normas da Comissão da Câmara de Ética em Pesquisa da PUC-Rio, do projeto aprovado sob o protocolo nº 85- 2021 em 25 de novembro de 2021, no qual constavam as informações relacionadas à pesquisa, tais como seus objetivos e o uso das entrevistas. Esclarecemos também, que caso desejassem, não haveria a exposição de seus nomes, sendo utilizados nesses casos nomes fictícios, assim como, que suas narrativas seriam gravadas e transcritas.

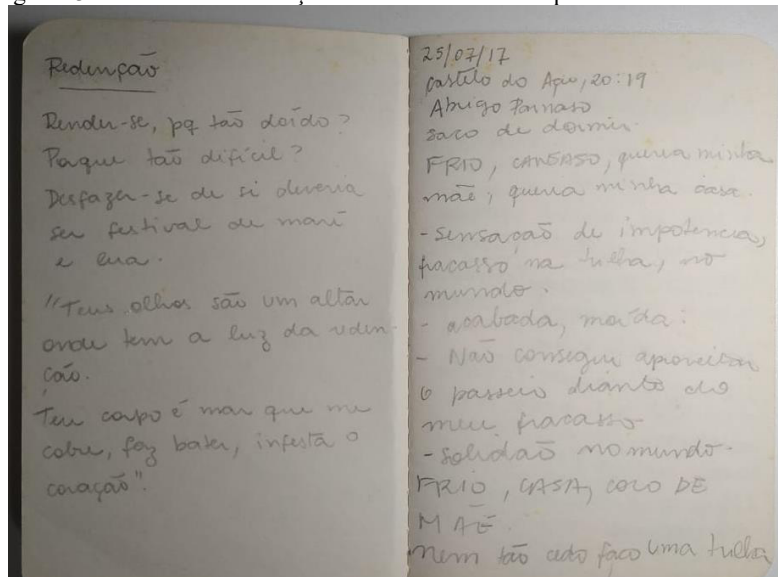
6.1

Primeira narrativa – Leticia

A conversa com Leticia ocorreu em dois momentos, através de vídeo chamadas e, desde o início, ela se mostrou entusiasmada em partilhar sua experiência na Travessia. Ela começa sua narrativa, falando que ao lembrar dos dias de Travessia, muita coisa passa por sua cabeça, pois esta foi um divisor de águas na sua vida. Professora de filosofia, tinha 23 anos quando fez a Travessia, em julho 2017, e enfatiza o quanto esta foi decisiva para tudo, sua saúde física e mental. Ela diz que *“nunca foi uma pessoa, assim, que gostou muito de natureza”* e que esta não era parte de seu cotidiano. E, por isso, escolheu fazer a Travessia porque estava com pessoas que a incentivaram, pessoas com as quais ela gostava de estar e *“queria ver aquilo que essas pessoas estavam me contando tão emocionadas, aquela paisagem, aquela experiência”*.

Quando chegou, relata que sentiu um misto de sensações. Registrou algumas delas no caderno que levou para a Travessia (Imagem 13). Demonstrando um pouco de nervosismo na voz, diz que achou muito bonita a paisagem mas, ao mesmo tempo, achou muito apavorante e sentiu medo. Este sentimento, se torna recorrente ao longo de seu relato. Ao recordar “*as partes horríveis e as partes lindas do percurso*”, fala sobre o pânico que sentiu depois de andar por algumas horas. Achou que não iria conseguir carregar a mochila e sentiu medo de decepcionar as pessoas que estavam com ela. Seu receio era “*de não sentir a mesma coisa que aquelas pessoas que tavam comigo, de não achar aquilo tudo tão legal*”.

Imagem 13: Caderno com anotações de Leticia ao fim do primeiro dia de Travessia.



Fonte: Enviado pela entrevistada.

Decide então, estruturar sua narrativa em duas partes, as ruins e as boas. Por conta disso, seu relato não segue uma linearidade em relação ao percurso e pauta-se mais em torno de uma narrativa do medo. Reforça então seu medo de não conseguir realizar o percurso e que, embora percebesse naquele momento que não gostava de fazer trilhas, não lhe restava outra alternativa no momento. Então, refletindo sobre o pânico que sentiu e vontade de desistir, Leticia fala que “*depois eu fui entender que é claro que não foi a Travessia que fez isso, né? Eram outras coisas que tavam implicadas ali e que apareceu ali naquele momento.*”

Em contrapartida, mesmo com todo sentimento de medo, diz que:

Mas ao mesmo tem eu vi uma paisagem assim, única, né? Que... que eu sabia que não ia ver aquilo de novo, né? E que ao mesmo tempo que eu tava sentindo. Por que eu não ia passar por aquilo de novo, nunca mais eu vou fazer a Travessia! Tipo, passando aquilo que eu tava passando, eu pensava cara, é agora que eu vou. Então eu não vou também, ao mesmo tempo que eu tô achando horrível, que eu não tô conseguindo andar, que eu não tô conseguindo carregar o meu corpo, que eu não tô conseguindo carregar a minha mochila, eu também não posso deixar isso aqui passar, né? Então eu, ficava assim, várias vezes eu ficava tentando prestar atenção na paisagem. (LETÍCIA, ENTREVISTA CONCEDIDA EM 05 DE NOVEMBRO DE 2020).

Nesse ponto, Letícia explica que adotou a estratégia de focar então na paisagem e não em seus medos. Isso a fez ter questionamentos como “*de onde a gente veio, assim, né? Quão insignificante, sei lá, a gente é perto disso tudo e aquela paisagem linda [...] Não interessa que você tá sofrendo, aquele mundo tá ali e eu tô sofrendo e tô perdendo aquilo lá*”. Assim, mesmo diante de uma experiência física que estava sendo muito traumática, ela sente que conseguiu “*tirar alguma coisa boa dali*”. Essa intensidade de seu olhar sobre a paisagem, é reforçada justamente por sua certeza de que não estará ali novamente e que, mesmo que estivesse, a paisagem já seria outra.

Letícia começa então a falar sobre a descida e o quanto esta foi mais fácil diante de tudo que já havia passado. Ela acredita que “*claro, tem a questão objetiva de ser uma descida, mas também por que de alguma maneira aquilo que eu tinha visto deu algum sentido para aquele sofrimento que eu tava passando*”. Logo, atribui à paisagem esse sentido, assim como ao frio “*congelante*”.

No dia que a gente foi ver o nascer do sol no Sino porque é isso, nunca tinha sentido um frio tão grande e com uma vista tão bonita, assim... Eu não sei dizer exatamente o que passou pela minha cabeça, eu tenho a impressão de que naquele momento eu... eu tava vendo o nascer do sol lá no Sino. Foi o momento que eu tive mais paz assim, de todo esse sofrimento que eu tava... Tudo bem que depois eu descí e continuei sofrendo, as acho que foi um momento legal, um momento de respiro. (LETÍCIA, ENTREVISTA CONCEDIDA EM 05 DE NOVEMBRO DE 2020).

Começa então a falar sobre suas lembranças mais marcantes, como o pôr do sol nos Castelos do Açú e o nascer do sol na Pedra do Sino. Para ela, o nascer do sol foi um momento de reconciliação consigo mesma e com a Travessia. Um

momento em que sentiu alguma coisa no lugar, que lhe trazia paz. Sobre o cavalinho, “*aquele penhasco horroroso*” pelo qual se passa no final do segundo dia, apesar de tenso, Letícia afirma que não sentiu medo, diante de tudo que já havia passado. Acredita então, que o saldo total da Travessia foi um aprendizado sobre si mesma e diz que fala muito orgulhosa para as pessoas, que já fez a Travessia. Depois, reforça que é justamente porque fez, que sabe que não quer mais fazer, à medida que esta proporcionou um aprendizado sobre si e o mundo, “*de entender que cada um tem o seu tempo*”. Letícia recorda o momento que, antes do cavalinho, embora não saiba precisar se foi depois do elevador, que ao passar por uma pedra que não se lembra o nome, olhou para baixo, e pensou “*não sei se quero morrer*”. A paisagem que viu nesse momento, ao se deparar com um abismo, a fez refletir:

Assim, naquele momento era um abismo real, mas ao mesmo tempo, assim, o que... que o querer morrer significava pra mim naquele momento? É claro que eu não queria morrer, é claro que eu não queria me jogar dali e morrer. Mas o que significava querer a morte naquele momento em que eu tava... Então eu acho que a paisagem, essa paisagem desse abismo sei lá, significou isso pra mim. Alguma coisa tá me mostrando que eu não quero alguma outra coisa que tá ali. (LETÍCIA, ENTREVISTA CONCEDIDA EM 05 DE NOVEMBRO DE 2020).

Todo esse medo presente em grande parte da narrativa de Letícia, evidenciam quanto ela se sentiu vulnerável, ideia a qual para Marandola Jr. (2021) carrega a retórica da perda como algo a ser evitado. “Evita-se a morte, evita-se reconhecer a finitude” (p. 120). Entretanto, o mesmo lembra que para Heidegger, em *Ser e tempo*, a morte surge não como negação da existência, mas como uma possibilidade para o ser humano compreender a própria vida e, buscar sentido para esta, como uma afirmação do ser. “A consciência da morte em Heidegger, portanto, é uma força para a vida, para a busca de seu sentido” (p. 121). Esse medo, é então a condição para o *dasein*, para que seja possível se angustiar diante da própria finitude.

Logo, podemos perceber que em muitos momentos da narrativa de Letícia, após os momentos de medo e confusão diante da Travessia, vêm a reconciliação consigo mesma, o reconhecimento de si. Surge um sentimento que diante da falta de palavras pra ser expressado, demonstra que as mudanças ocorreram mais em suas percepções internas do que externas mas, ainda assim, enquanto natureza.

Tinham sentimentos misturados e ela não sabia onde começava o sofrimento e a admiração da paisagem que, ao mesmo tempo que causava um incômodo interno, também possibilitou a reconciliação. Quando acabou, sentiu alívio de tudo o que sentiu ter acabado e uma certeza de que coisas que deveriam ser colocadas no lugar. *"É uma coisa meio ambígua, tem alguma coisa que tá certa e alguma coisa que não tá, mas eu não sei ainda dizer o que é. E eu só pude dizer depois de um tempo pensando nessa Travessia"*. Leticia fala que depois, ao fazer outras trilhas, a Travessia teve um papel fundamental, pois através das memórias percebeu que tinha força e capacidade de fazê-las.

Leticia comenta então, sobre a natureza e como a Travessia mudou a percepção que ela tinha de si em relação à ela. Ao mesmo tempo, coloca que ao pensar a natureza sem estar inserida nela, nada mudou, pois *"isso nunca havia sido uma questão"*:

Eu acho que têm esses discursos do tipo 'ah, eu amo a natureza!', 'estou em contato com a natureza' ou sei lá o que. Acho que eu nunca fui uma pessoa assim. Nunca pensei assim, desse jeito. Né, do tipo, 'a natureza é muito importante pra gente', sabe? Essas coisas que as pessoas falam? Eu acredito que seja verdadeiro. Eu acho que eu nunca tive uma relação assim, nesse sentido. Para mim eram paisagens que eram só paisagens. Mas eu acho que quando eu fiz a Travessia a paisagem deixou de ser só uma paisagem porque ela passou a ser uma outra coisa assim. Não porque ela era uma outra coisa, mas porque o modo como eu estava inserida nela era diferente. (LETÍCIA, ENTREVISTA CONCEDIDA EM 09 DE NOVEMBRO DE 2020).

Segundo ela, agora pode definir com mais clareza quais espaços gosta ou não de estar. Por conta disso, Leticia diz que além de não sentir que *"agora eu preciso cuidar da natureza"*, *"agora eu gosto muito disso"*, depois da Travessia ela também não passou a ver as paisagens de um modo diferente, *"não passei a apreciar mais ou menos, isso é igual. O que mudou foi a maneira de me enxergar dentro disso"*. Nesse sentido, sua admiração pela natureza está no fato dela ser *"um pouco incontrolável"* e, também, por sua insignificância diante dela. Atravessar a trilha não a torna mais ou menos capaz, por que a natureza é uma coisa infinita.

Eu posso atravessar aquela trilha cinquenta vezes, né? Eu posso fazer essa Travessia mil vezes, que nunca vai ser a mesma Travessia e nunca vai ser a mesma natureza e nunca vai ser a mesma paisagem. Justamente porque eu não sou a mesma pessoa. [...] Ao mesmo tempo que a natureza é ela mesma sempre, no sentido de que eu não controlo, eu não vejo ela de maneira diferente, ela não se apresenta pra mim de forma diferente. Eu sou outra pessoa enquanto eu passo por

ela. (LETÍCIA, ENTREVISTA CONCEDIDA EM 09 DE NOVEMBRO DE 2020).

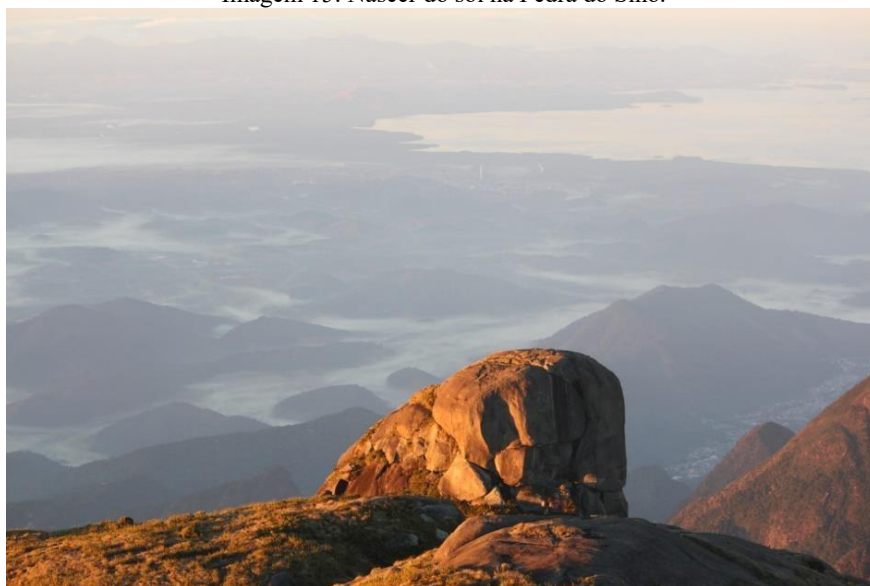
Algum tempo após a entrevista, Letícia enviou algumas fotografias, que considera mais significativas quando até hoje, pensa na Travessia (Imagens 14, 15, 16, 17 e 18). É interessante observar que mesmo diante de uma experiência marcada por um relato de medo, os momentos os quais ela sentiu que deveria registrar são, justamente, os que marcam sua reconciliação consigo. Cabe por isso, pensar na importância da imaginação geográfica, na qual o olhar a paisagem, seja ela real ou representada, nos leva a pensar na paisagem como o sentir.

Imagem 14: Nascer do sol na Pedra do Sino.



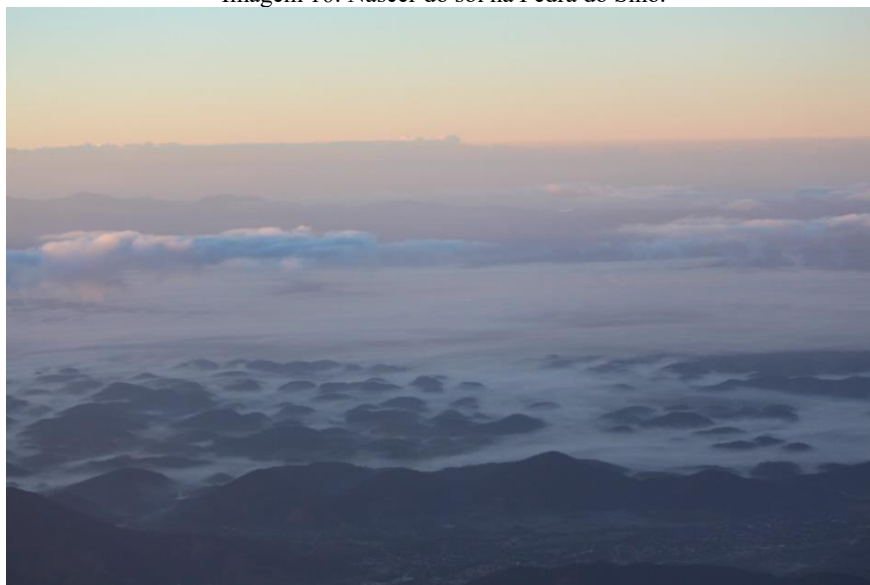
Fonte: Enviado pela entrevistada.

Imagem 15: Nascer do sol na Pedra do Sino.



Fonte: Enviado pela entrevistada.

Imagem 16: Nascer do sol na Pedra do Sino.



Fonte: Enviado pela entrevistada.

Imagem 17: Céu do nascer do sol.



Fonte: Enviado pela entrevistada.

Imagem 18: Leticia na Pedra do Sino.



Fonte: Enviado pela entrevistada.

6.2

Segunda narrativa – Lucas

Desde o início de sua narrativa, Lucas demonstrou muita empolgação ao falar. Essa, foi constante durante todo seu relato, em uma tarde de domingo, por vídeo chamada. Nascido em Teresópolis, professor de filosofia e de taekwondo, tinha 24 anos quando fez a Travessia. Nos primeiros minutos de sua narrativa, ele fala que

a vontade de fazer a Travessia surgiu naturalmente, diante do desafio de fazer um percurso “*longo, penoso, cansativo, de três dias no mato, acampando, com todas as intempéries de clima*”. Em seguida, comenta que sempre gostou de estar em contato com a natureza, seja acampando, em trilhas ou cachoeiras. Logo, em relação ao Parque Nacional da Serra dos Órgãos ele diz que embora conheça quase todas as trilhas da sede de Teresópolis, nunca havia subido a Pedra do Sino etinha muita vontade de fazer. O fato de ser teresopolitano e ter morado quase toda vida na cidade, exceto no período da faculdade, parece pesar ainda mais em sua vontade de fazer a Travessia que “*é tida como a travessia mais bonita do Brasil, pelas pessoas que costumam fazer travessia, né? [...]e ainda não fiz essas que tão aqui na minha casa, no meu quintal, aqui do meu lado...E eu, eu queria fazer muito!*”. Então, para ele, não houve dúvidas quando a oportunidade apareceu, não tinha o que escolher.

o contato com a natureza é uma coisa que faz bem, que me faz muito bem e, então não foi difícil pra mim escolher...pô, vamos fazer sim, sabe? Pra mim é ‘vamos, vamos mesmo, quero muito’. Tenho muito essa vontade [...]eu sei que tem muita gente que vai fazer a Travessia e é uma decisão mais braba, né? Por que... gente que tem mais dificuldades, tem outras vontades... talvez não tá tão acostumado mais aí quer fazer por outros motivos... (LUCAS, ENTREVISTA CONCEDIDA EM 08 DE NOVEMBRO DE 2020).

Em seguida, Lucas acaba estruturando seu relato em quatro partes: a preparação para a Travessia e os três dias de caminhada, pontuando nestes, os momentos mais marcantes. Decidimos então, seguir sua estruturação.

A Preparação

Para Lucas, a experiência de fazer a Travessia começa na preparação, quando é tomada a decisão de ir e então, começa toda a organização: “*a compra do ingresso, a logística de arrumar um guia, pois ninguém do grupo conhecia a trilha*”. Reforça por isso, a importância de um guia que conheça e saiba lidar, principalmente com a questão do nevoeiro, pois conhece pessoas que não conseguiram concluir e tiveram que voltar do Açú, tendo em vista que não conseguiram prosseguir sem conhecer o caminho, “*por mais marcado que ele seja*”. Há ainda a compra de material de camping que dê conta do frio, por que “*a gente decidiu ir acampando, né? [...]E aí tem todo o equipamento de camping que tem que levar e aí tem toda a logística que é peso a mais, porque é barraca, é saco de dormir, é isolante térmico, fogareiro...*”.

Ele diz que é necessário pensar toda a questão organizacional para os três dias e duas noites. *"Vai ter que parar, vai ter que fazer uma refeição decente. Não dá pra ficar só no lanchinho..."*.

Nesse ponto, ressalta a importância de um contato prévio com o guia para uma melhor organização da logística, de coisas necessárias ou não para a Travessia, como a quantidade de água por exemplo. Assim como, o interesse que teve em ler relatos de outras pessoas que já fizeram, para se preparar melhor.

O primeiro dia

Sobre o dia da Travessia, Lucas conta que este começou ainda de madrugada, ao sair de casa para ir para Petrópolis no primeiro ônibus que saiu de Teresópolis para lá, com a intenção de chegar no início da trilha bem cedo e dar tempo de fazer o primeiro dia da trilha com tranquilidade. Ele fez a Travessia em um grupo, formado por ele, sua namorada, sua irmã e cunhado e, um amigo, além de Alex, o guia. Quando chegou na portaria do parque, fez o registro e o guia assinou o termo de responsabilidade sobre as pessoas que estava guiando *"e aí começa a aventura mesmo! [risos] E porra, a experiência dentro do parque é incrível, assim, sabe?"*.

Diz que não conhecia aquela sede de Petrópolis e que o começo da trilha é muito bonito. Passou pela entrada da cachoeira Véu da Noiva e parou para dar uma olhada antes de seguir. Nesse momento, recorda de uma árvore logo no início da trilha (Imagem 19). *"Eu lembro que a gente passava pelo meio de uma raiz grandona da árvore, tipo...porra, muito bonita, a árvore gigante que tinha ali."* Então, conta sobre a tranquilidade que sentiu ali, pois além da beleza, o corpo começou a aquecer em meio ao frio e, como a mata era fechada, não estava com *"o sol batendo no teu lombo o tempo inteiro, né?"*. Por isso, essa primeira parte é muito prazerosa e mais para frente é que, segundo Lucas, a coisa *"começa a penar"*.

Imagem 19: Árvore que marcou o início da Travessia



Fonte: Enviada pelo entrevistado.

Ele diz que tem um pouco de dificuldade de lembrar a ordem do percurso, embora lembre muito de detalhes, confunde a ordem dos acontecimentos e acha que isso acontece porque gosta muito de prestar atenção nas coisinhas.

Eu guardo muito o lugar, guardo muito o ponto, guardo muito o que a gente fez ali... Uma florzinha que tá ali, o formato de uma pedra e aí depois eu não lembro direito da ordem de algumas coisas... Mas também não faz muita diferença. Assim, claro que você vai fazer uma trilha, faz diferença você saber o caminho. Mas depois lembrando, não faz muita diferença se uma coisa é depois da outra, sabe? O importante é ali, a coisa, a hora. (LUCAS, ENTREVISTA CONCEDIDA EM 08 DE NOVEMBRO DE 2020).

Lucas justifica que essa sua fala está relacionada ao fato de uma parte da Travessia, logo nesse primeiro dia, ser muito penosa. "*Talvez seja a parte mais difícil, que é a Isabeloca. E tem a Pedra do Queijo, que a gente parou para lanchar nela... Mas eu não lembro o que vem antes.*" Ele fala que achou o primeiro dia muito cansativo, porque é quase todo de subida. Já nos outros dias, com subidas e descidas, o caminho é mais reto e, que apesar de também ser cansativo, considerou menos que o primeiro dia. Ele justifica que se recorda bastante dessa questão, pois sua namorada na época, sentiu muito o desgaste físico durante a Travessia, o que acabou mexendo com seu estado emocional de forma que começou a atrapalhar um pouco. Nesse ponto, reforça o papel do Alex, como paciente e incentivador,

essencial para que todos lidassem da melhor forma com a situação e deixar o ambiente tranquilo.

Durante a subida, pararam pela primeira vez, na Pedra do Queijo, onde fizeram um lanche. Esse momento, para ele, foi muito bom, pois pode aliviar o cansaço, tirar a mochila e ao dar uma acalmada no corpo, pode ver as coisas melhor. *"Ali tinha uma visão muito bonita [...] mas ali tu começa a... quando você dá essa relaxada no corpo, parece que você começa a ver as coisas melhor. Então tipo, olha que lugar maneiro, né? Que a gente tá! Que lugar bonito!"*. Segundo ele, parece que foi a primeira vez que teve a real percepção do que estava fazendo. *"Subi ali, não é nem metade do primeiro dia e já é esse esforço. Ainda falta... [risos] ainda falta dois dias aí pela frente e o Alex avisou que o restante desse primeiro dia vai ser pior..."*.

Considera também o cansaço que vai se acumulando ao longo dos dias e ressalta que no primeiro, além de muita subida, a paisagem não muda muito: *"No começo você tá numa mata mais fechada e depois, quando você tá na Isabeloca e já tá tudo aberto, você não tem muita novidade na paisagem das coisas [...] você tá vendo a mesma paisagem e o mesmo horizonte quase que o tempo inteiro"*. Desta forma, é o oposto do segundo dia: *"você começa a andar e, tipo assim, a cada coisa [inaudível] tem um ângulo diferente da Serra dos Órgãos, é incrível, acho que é indescritível!"*. Essa narrativa do incrível, se repete em muitos momentos da fala de Lucas, sempre sorrindo e demonstrando um carinho grande ao usar as palavras.

Lucas conta que grande parte de sua experiência e do que traz de bom da Travessia, foi o cansaço e a superação física em relação ao caminho.

Eu ouvi gente falando que faz a parada pela vista que vai ter no final e eu entendo quem fala isso. Mas não é uma coisa que eu acho que se aplica a mim... É... [...] O caminho, a superação dele... de sentir o corpo fraco [...] e de querer continuar mesmo assim. De querer chegar porque você quer fazer a Travessia não só porque 'ah, eu quero chegar lá em cima pra ver uma paisagem bonita', não. Mas é porque 'eu quero completar isso aqui', muito mais do que só ver a paisagem... Mas pelo caminho, sabe? De passar isso. Isso pra mim é muito importante. (LUCAS, ENTREVISTA CONCEDIDA EM 08 DE NOVEMBRO DE 2020).

Deste modo, esta é para ele, sua forma de experimentar aquilo ali. Diz que seu amigo, que fez a Travessia junto, falou que estava vivendo uma experiência de vida e acha que essa é uma boa definição. *"E grande parte de poder dizer que é uma experiência de vida é pela... dificuldade e penosidade que tá no caminho."*

Lucas fala que saiu da Travessia, por conta disso, com uma sensação de conquista. Demonstra receio de estar divagando e, após hesitar um pouco, diz que para ele teria um valor totalmente diferente se tivesse chagado lá, de bondinho, por exemplo, sem passar por tudo que passou. *"O caminho é muito importante, o trabalho no caminho ele é muito importante. É uma coisa que eu prezo muito na Travessia, que eu olho com gosto, sabe? Tipo...[...] é cansativo demais, é muito maneiro e muito cansativo, sabe?"*

Esta fala de Lucas, nos remete ao ensaio *On walking*, de Tuan (2012b). Segundo o autor, a caminhada não é muito valorizada na cultura chinesa, tendo assim uma utilidade prática, de se deslocar de um lugar à outro. Em contrapartida, para os ocidentais, a relação com a caminhada sempre foi bem mais profunda. Na antiguidade, os romanos atribuíam à caminhada uma marca de personalidade e posição social. Questionados sobre o porquê caminhavam, inclusive nos campos de batalha, respondiam que era para demonstrar uma elevação mental condizente à seriedade que a situação necessitava. Inclusive, a própria arquitetura doméstica dos romanos, com pórticos, tinha o intuito de fazer sombra para o caminhante.

Para os atenienses, o pensamento era estimulado pela caminhada, de modo que “toda uma escola de pensamento, a escola ‘peripatética’ de Aristóteles, foi nomeada a partir do caminhar (*peripatein* ‘passear’)” (Tuan, 2012b). Nesse viés, para os gregos, que valorizavam o pensar, a caminhada era um meio para atingir tal fim. Logo, o autor recorda uma carta que o filósofo Kierkegaard enviou a um amigo em 1847, sobre o bem-estar que a caminhada lhe proporcionava:

Acima de tudo, não perca o seu desejo de caminhar: todos os dias eu caminho sozinho num estado de bem-estar e me afasto de todas as enfermidades; eu tenho caminhado sozinho para meus melhores pensamentos, e não sei de pensamento tão pesado que não consiga me afastar dele. Por outro lado, quanto mais se fica parado, mais perto fica de se sentir doente. Assim, continua a caminhar, que todas as coisas irão ficar bem (TUAN, 2012b)

Lucas retoma então ao que sentiu quando chegou na Pedra do Queijo, *"se começa a sentir o prazer do cansaço"*. E resume que *"a experiência do caminho talvez seja maior que a experiência da chegada., né? Afinal, a gente chega pra voltar, mas no caminho a gente tá indo, né? [risos]"* A sensação da superação e conquista só vem desse esforço e ele olha isso com gosto. São os excessos provoca-

dos pela Travessia que transmitem a sensação de conquista, a medida que produzem um transbordamento de si, diante do cansaço, e da beleza das paisagens.

Depois desse descanso para o lanche na Pedra do Queijo, eles seguiram então para a Isabeloca, que para ele, foi um trecho muito tenso. Fala sobre a história do porquê do nome e menciona o fato de a princesa Isabel ter sido carregada ali por escravos e isso, para ele, *"traz um peso saber isso ali, né? De quão bizarro que era"*. Pontua as dificuldades da subida por falta de sombra por conta da vegetação rasteira e que *"parece que não vai terminar nunca"*. Lucas então ri, e fala sobre uma pedra localizada ao final da Isabeloca que é chamada de Graças à Deus, porque *"você chegou ali, então, finalmente! [risos] Graças à Deus acabou a Isabeloca!"*. Nesse momento, durante uma parte da Isabeloca, Lucas conta que sentiu muita dificuldade, pois carregou o peso de duas mochilas, a dele e a de sua namorada. Ainda assim, diz que o saldo dessa parte foi positivo.

Em seguida, ele conta que ao terminar a Isabeloca, chegou em um platô de onde conseguiu ver todo o caminho percorrido e que foi uma sensação incrível. *"Olha o que eu fiz!"*. Além disso, Lucas recorda a visão panorâmica de toda a paisagem que se tem dali e *"é a primeira sensação de conquista mesmo, da Travessia"*. Desse platô, ele seguiu com o grupo para os Castelos do Açú, o primeiro ponto de pernoite. Um caminho que para ele foi bem tranquilo, guiado por setas presas no chão. Ainda assim, faz questão de falar sobre pessoas que nesse ponto, se perderam por conta de condições climáticas desfavoráveis. Por causa da demora na Isabeloca, seu grupo não conseguiu chegar no Açú antes do pôr do sol, o que segundo ele, seria ideal para montar a barraca. Por isso, quando perceberam que não daria tempo de ver o pôr do sol de lá, eles pararam para ver de onde estavam e, então, subiram em uma pedra no caminho antes de concluir a caminhada do dia (Imagens 20 e 21). *"Eu não tenho a sensação de que perdi alguma coisa, sabe? [...] Na verdade eu tenho a sensação de que eu ganhei uma outra coisa e que depois eu vou ganhar o [inaudível] no Açú, sabe? Essa é a sensação que eu tenho"*.

Imagem 20: Pôr do sol dos Castelos do Açú.



Fonte: Enviada pelo entrevistado.

Imagem 21: Pôr do sol dos Castelos do Açú.



Fonte: Enviada pelo entrevistado.

Depois de montar as barracas, tomou um banho de cinco minutos com água quente, que é pago junto com o ingresso e que para ele “*relaxa muito, é muito bom pra moral, pra continuar fazendo*”. Fala que fizeram um macarrão no fogareiro para ter “*uma refeição e não ficar só com sanduíche*”. Depois, ele lembra da água gelada na hora de lavar a panela. Ressalta a importância das roupas para o frio durante a noite, pois seu amigo levou um saco de dormir que não aguentou o frio da madrugada e não conseguiu descansar direito por isso. Lucas, achou a noite bem

tranquila e diz que, por conta da ansiedade em relação ao dia seguinte, apesar do cansaço físico, dormiu pouco.

O segundo dia

Lucas lembra que acordou antes do amanhecer para ver o nascer do sol nos Castelos do Açú (Imagens 22 e 23).

Imagem 22: Nascer do sol dos Castelos do Açú.



Fonte: Enviada pelo entrevistado.

Imagem 23: Nascer do sol dos Castelos do Açú.



Fonte: Enviada pelo entrevistado.

Eu acho que não dá nem pra botar em palavras de quão maneiro, de quão bonito que é...tipo...Tão perfeito. [...] Não adianta ver foto, você pode ver mil fotos e falar 'caraca, é muito bonito!', quando você e faz a trilha, você acampa e você vê, é outra história, sabe? Não é nem um pouco comparável. Não só por você tá vendo imagem mesmo, mas por tudo que já falei antes, por todo o caminho que você tem até chegar ali. [...] Não tem como descrever a beleza do nascer do sol que a gente vê dali. Tanto dali quanto da Pedra do Sino, depois, é incrível, incrível... (LUCAS, ENTREVISTA CONCEDIDA EM 08 DE NOVEMBRO DE 2020).

Em seguida, fala que eles começaram os preparativos para o segundo dia de Travessia, que para ele, é a parte mais bonita. Depois de um dia de muita subida, o segundo dia é de "subidas e descidas", "indo pelas costas da Serra dos Órgãos", de modo que "fica por cima o tempo inteiro". Nesse ponto, ele diz que "a cada virada tem uma vista incrível diferente". Lucas então se empolga com o relato:

isso é uma coisa que muda na, na...experiência. Tem gente que faz a Travessia sem nunca ter visto a Serra dos Órgãos direito, sabe? Sem nunca ter, tipo assim, as vezes a pessoa nem nunca veio pra Teresópolis pra ver a Serra dos Órgãos como a gente vê daqui. As vezes a pessoa vai direto pra Petrópolis e vai ver só depois, quando termina a Travessia. E aí deve ser uma outra parada, uma outra experiência. (LUCAS, ENTREVISTA CONCEDIDA EM 08 DE NOVEMBRO DE 2020).

Segue dizendo que a Serra dos Órgãos para ele, "é quintal de casa", uma paisagem muito presente no seu cotidiano de modo que "tá acostumado a ver", pois está sempre ali. Então,

quando você tá fazendo a Travessia e, passando praticamente por cima dos lugares, mas não só isso, você vê... A cada momento você vê um lugar que te é muito familiar, mas de um ponto de vista, de uma perspectiva totalmente diferente, que você nem sabia que existia... É, é maravilhoso, sabe? (LUCAS, ENTREVISTA CONCEDIDA EM 08 DE NOVEMBRO DE 2020).

Lucas fala da intimidade, da familiaridade que tem com a Serra dos Órgãos, por ter vivido a vida inteira ali. Para ele, é uma relação diferente, por exemplo, da sua namorada, que é de outra cidade. Então,

quando você vê um lugar que você vê sempre, o tempo inteiro, todo dia, mas a cada momento, a cada curva que você faz, a cada pedra que você sobe ou que você desce, você vê aquilo ali [...] de uma perspectiva diferente, de uma... de um lado diferente. Pô, é sensacional, cara! É sensacional, é enriquecedor! [...] É quase

como ver uma pedra nova na mesma pedra o tempo inteiro, sabe? [...]É o dia mais bonito e também o dia que eu mais agreguei coisas, por causa das incontáveis formas de ver o mesmo objeto de diferentes lugares. (LUCAS, ENTREVISTA CONCEDIDA EM 08 DE NOVEMBRO DE 2020).

Isso para ele, ajudou a tornar menos cansativa a caminhada do dia, pois carregou as duas mochilas por todo o percurso. O cansaço físico pareceu menor diante de uma paisagem que ele não cansava de admirar. Retomando o relato do percurso, Lucas conta que ao sair do Açú, descem uma pedra bem íngreme e que por isso, é necessário caminhar na diagonal. Esse caminhar se repete ao longo do dia, descer para vales e depois subir novamente. Apesar de em alguns momentos causar um pouco de nervoso, ele fala que também *“é muito maneiro”*. Então, após descer essa primeira pedra, o grupo chega em um vale onde volta a ficar em uma parte de mata mais fechada.

Lucas fala então, de alguns pontos específicos desse segundo dia, *“que são famosos”*. Logo, chegam ao Vale da Morte onde, Lucas alerta que muitas pessoas se perdem. Depois, chegam no que, para ele, é o primeiro grande desafio do dia, o Elevador, *“um paredão de pedra [risos], enorme, alto pra caramba e que você tem que subir ali, nuns grampos que têm, como uma escada”*. Ele diz que foi uma parte tensa, que precisou de um pouco de coragem. Havia lama ao passar na parte de mata fechada e ele continuava carregando as duas mochilas e, como foi o último a subir, pegou *“a lama da bota de todo mundo na mão [risos]”*. Achou bem legal essa parte, entendendo que a dificuldade está mais no nervosismo do que na subida de fato.

Em seguida, vem a parte que ele considerou mais tensa, o Mergulho. *“É uma parte bem chatinha de passar”* pois é uma pedra *“íngreme pra baixo”* na qual é necessário dar um *“saltinho pra chegar do outro lado, pois tem uma vala na pedra”*. Ele reforça que achou o mergulho mais *“chatinho de passar”* que o Cavalinho, que vem depois e *“a galera fala muito”*. Pois se for fazer sem corda, tem que *“realmente ir na coragem”*, diante do risco de se machucar caso ocorra uma queda.

Após outras subidas e mais próximo à Pedra do Sino, ele chega no temido Cavalinho. O grupo chegou nesse ponto já a noite, por causa de muitas paradas para descansar no caminho. *“Você tá numa parte estreita, né? Você tá subindo... Do lado direito é o paredão da pedra que você tá subindo, do lado esquerdo é o penhasco...”*

[risos de nervoso]". Como estava noite, ele não conseguia ver o precipício. Lucas comenta que passou pelo Cavalinho duas vezes, pois auxiliou com as mochilas e com as pessoas que tiveram dificuldades. Para ele, é interessante o movimento que é preciso fazer "*jogando o corpo como se tivesse montando um cavalo, passando a perna por cima*", para conseguir atravessar essa parte. O fato de estar noite, dificultou mais ainda o Cavalinho por não ter uma visão total de tudo, mesmo com a lanterna de cabeça e por isso, Lucas reforça a importância de estar com alguém que já conhece a trilha para auxiliar.

Após o Cavalinho, que "*normalmente a galera considera o maior desafio...embora eu, particularmente, acho o Mergulho mais chato*", tem o Coice, que é uma parte "*[risos] que você tem que empurrar a pedra pra trás [risos]*", Lucas considera bem tranquila para quem acabou de passar pelo Cavalinho e, depois de subir umas escadas de ferro, ele chegou na "*placa que é subir a Pedra do Sino ou descer para o camping*". Mais uma vez, seu grupo não conseguiu chegar a tempo de ver o pôr do sol, e ele considera positiva essa outra experiência que ganhou, de passar pelas dificuldades de uma outra forma.

Ao começar a falar sobre o frio na Pedra do Sino, Lucas se recorda que naquela manhã, ao acordar no Açú, viu enormes placas de gelo no chão. Mesmo diante disso, ele relata que achou essa segunda noite mais fria, mas com menos vento por conta do camping estar protegido por um paredão, o que não havia no Açú. Ele fez então o mesmo ritual, montar barraca, tomar um banho para relaxar o corpo e depois, fazer outra refeição. Nesse momento ele reflete sobre esse segundo dia:

Tem muito mais desafio pra você passar, do que no primeiro dia. Assim... Eu acho que no primeiro dia, ele tem uma questão física muito grande [...] E mentalmente também, o primeiro dia, ele cansa bastante, principalmente nessa parte que você tá subindo e parece que não chega nunca [...] O segundo dia, você tem muita paisagem o tempo inteiro, muita coisa bonita. [...]. Aquela coisa, você passar a pedra...'aqui você tá subindo...' é... e aí você vê o Escalavrado assim, de cara, na tua frente! Gigante, enorme! [...] Você sobe o Dorso da Baleia e também é muito bonito...[...] Em compensação, também é um dia bem desafiador, porque tem essas partes que são mais técnicas. (LUCAS, ENTREVISTA CONCEDIDA EM 08 DE NOVENBRO DE 2020).

Então, ao final do segundo dia ele conta o quanto foi bom conversar com as pessoas que viveram tudo aquilo junto com ele. A parte mais incrível do dia para ele, foi a percepção da mesma coisa de vários pontos de vista diferente, se

modificando. *"É o lugar que a gente acha que conhece. [...] Aí, quando a gente faz a Travessia, aí que a gente vê que não conhece o lugar que nasceu, sabe? [...] Ver a Serra dos Órgãos de dentro da Serra dos Órgãos e de vários e vários ângulos diferentes é indescritível!"*

É interessante observar o modo como a geomorfologia se impõe no espaço geográfico, de maneira que é determinante nas paradas ao longo do percurso. Sejam estas para o descanso e alimentação, como um ponto de apoio, conforme relatadas por Lucas ou, como uma paralisia diante do medo, como vimos no relato de Letícia. Esta é uma questão que se torna recorrente também nas narrativas que virão mais à frente e, tal fato, apenas reforça para nós a importância da geomorfologia nas relações estabelecidas ao longo da Travessia, por quem a experiencia e que ela mais do que um simples caminho a ser seguido.

Além disso, tem-se uma perspectiva totalmente diferente da paisagem, das montanhas, quando está caminhando na Travessia, dentro da paisagem e não, observando de fora. Esse aspecto, também será observado em narrativas posteriores, principalmente quando o narrador, também possui essa relação de familiaridade com a Serra dos Órgãos. Se estabelece uma relação de intimidade inexistente até para quem é dali, que só surge quando se está caminhando na Travessia. A paisagem e as montanhas estão ali e se tornam cada vez mais insistentes em nosso corpo, à medida que se tem a companhia delas durante toda a caminhada. Mudam os pontos de vista e a relação de proximidade ou não, de modo que a paisagem se transforma ainda que não se mova e é isso que muda a maneira como se enxerga a paisagem.

E, ainda diante da narrativa tão detalhada por ele, sobretudo do primeiro e segundo dia da Travessia, torna-se inevitável aqui, não pensar no espaço hodológico. Visto que antes de ser relatado, este espaço foi corpórea e subjetivamente vivido e praticado a partir do ponto de vista de Lucas. Suas reflexões e ações sobre a paisagem na qual estava inserido, são o resultado disto. Sejam elas sobre a sensação de conquista ou, em relação à escolha dos melhores locais nos quais pisar com sua bota.

Mais uma vez ele comenta sobre o frio que fez durante a madrugada e que sentiu ao subir a Pedra do Sino antes de amanhecer, para ver o nascer do sol lá de cima. *"O nascer do sol foi espetacular! [...] Dá vontade de congelar o tempo pra admirar mais! [...] Você que dar a volta no topo da Pedra do Sino inteira, pra*

poder ver [risos] toda a paisagem que tem ali". Ele fala que tem a impressão que deve ser totalmente diferente ver o nascer do sol apenas subindo a Pedra do Sino por Teresópolis, sem fazer a Travessia. "Você tá no terceiro dia de caminhada, assim... tem toda a bagagem [...] que você passou pra chegar até ali".

O terceiro dia

Chega o dia da descida, que para Lucas, é um momento curioso, pois depois de arrumar e desarrumar a mochila para continuar o caminho, é o momento de montar a mochila *"pra sair e não pra continuar"*. Sente então que, ao montar a mochila para *"ir embora depois de dois dias andando"*, a sensação de que fez o queria, *"eu fiz a Travessia"*.

Na descida, a sola de sua bota, gasta, causou muita dor em seus pés. Ele atribui isso ao cansaço que começa a bater no corpo nesse momento de *"ir embora"*. Lucas fala então sobre a descida e a sede do parque em Teresópolis, no quanto ela é bonita, *"um dos lugares mais bonitos que eu já fui, pelo menos aqui de Teresópolis, sabe?"*. Ele não sabe se ainda assim, essa beleza ficou ofuscada por tudo que viu na Travessia, ou se por conta do cansaço e dor no pé, não prestou atenção que via na descida. Também foi muito importante para ele, a troca com Alex, durante a descida. Conversaram sobre as conquistas das principais vias de escalada do PARNASO, o que achou um conhecimento grande.

Fazer essas coisas agrega muita coisa pra você... de conhecimento próprio. [...] Foi muito importante pra mim na Travessia, conhecer a cidade que eu moro, a cidade que eu nasci e que eu vivi a maior parte da minha vida de um outro ponto...E os lugares de uma outra forma, foi muito importante [...] É um pouco clichê, falar assim, que é um autoconhecimento, que você adquire fazendo isso, mas não é, sabe? Por que... tem coisas sobre você que você só conhece... [risos] Tem coisas sobre você que você só conhece, se colocando em situações e a partir de experiências. [...] Coisas que vão te construir de outra forma [...] Não tem como você dizer que continua o mesmo depois de ter feito a Travessia, sabe? (LUCAS, ENTREVISTA CONCEDIDA EM 08 DE NOVEMBRO DE 2020).

Ele segue falando da importância do contato com as pessoas, pois fez a Travessia junto com sua irmã, que conhece há mais de vinte anos e aprendeu coisas sobre ela que não sabia, de modo que a relação se tornou mais forte, assim como a admiração, por saber de todo o medo de altura que ela enfrentou para fazer a Travessia (Imagem 24). *"Tem coisas que você percebe na hora. E tem coisas que você só vai perceber depois de muito tempo, pensando sobre, lembrando de como*

foi fazer a Travessia". Quando concluíram a Travessia, ele e o grupo foram tomar uma cerveja e conversar sobre o que viveram ao longo destes três dias, antes de ir para casa.

Imagem 24: Ele e sua irmã, logo depois de subir a Isabeloca.



Fonte: Enviada pelo entrevistado.

Lucas fala que sua forma de perceber e se relacionar com a natureza e a paisagem após a Travessia mudou, por perceber que não conhecia tanto o seu lugar, ao mudar sua forma de olhar. Por conta de toda a conexão que tem com a cidade, sua beleza natural e o com o PARNASO, ele concebia tudo isso como uma parte integrante de sua paisagem e que, não havia nada a mais para descobrir. Isso mudou diante da perspectiva da imersão na Travessia. *"eu agora tenho uma experiência, de dentro do lugar, que eu tô vendo de fora, sabe?"*. Ele dá o exemplo de quando foi ao parque de Ibitipoca e fez trilhas, enfatizando que lá teve apenas a experiência interna, de já estar fazendo o caminho. O que não o permitiu olhar de outras formas.

Nenhuma trilha, nem mesmo a mesma trilha, vai ser a mesma coisa, sabe? [...] Eu já tinha uma visão de Ibitipoca, que é uma visão de dentro. [...] quando você faz uma trilha, você tá participando do lugar ali. [...] Antes de fazer a Travessia, eu não tinha essa visão de dentro da Serra dos Órgãos, de estar participando de dentro dela. [...] Em compensação, eu não tive esse vislumbre em Ibitipoca. (LUCAS, ENTREVISTA CONCEDIDA EM 08 DE NOVEMBRO DE 2020).

A caminhada possibilita essa relação de proximidade, de familiaridade à medida que subverte a perspectiva de separação entre o ‘fora’ e o ‘dentro’. Nesse sentido, para Cros (2021), seria equivocado dizermos que atravessamos as montanhas, uma vez que, é quase ao contrário, pois durante vários dias, habitamos uma paisagem, de modo que lentamente tomamos posse dela e fazemos dela, muitas vezes, nosso lugar. Logo esse encantamento de Lucas diante das paisagens ao longo da caminhada, a sensação de se sentir dentro do lugar, da paisagem, nos leva a pensar em Dardel. Ao longo de toda sua narrativa, ele coloca o lugar como uma extensão de sua própria existência. É o que, como vimos, Tuan chamou de sentido do lugar à medida que este ganha importância justamente através das experiências corpóreas de quem o experimenta, pois os lugares são moldados através desta corporeidade e ganham deste modo, visibilidade. Nesse viés, está justamente nesta consciência do mundo vivido, em sua relação com o mundo, a Geograficidade, tal como concebeu Dardel.

Para Lucas, agora, ao chegar no Soberbo, ele enxerga a paisagem da Serra dos órgãos de outra maneira, pois não está mais apenas de fora, já que muito do que ele vê ali, no momento, passou a ser visto de outros ângulos. *"não é uma experiência que bate e volta, ela fica com você. [...] Eu acho que eu não consigo mais saber como era o PARNASO antes da Travessia. [...]"*. Ele diz que sentia um vazio em relação ao seu lugar, que foi preenchido após fazer a Travessia.

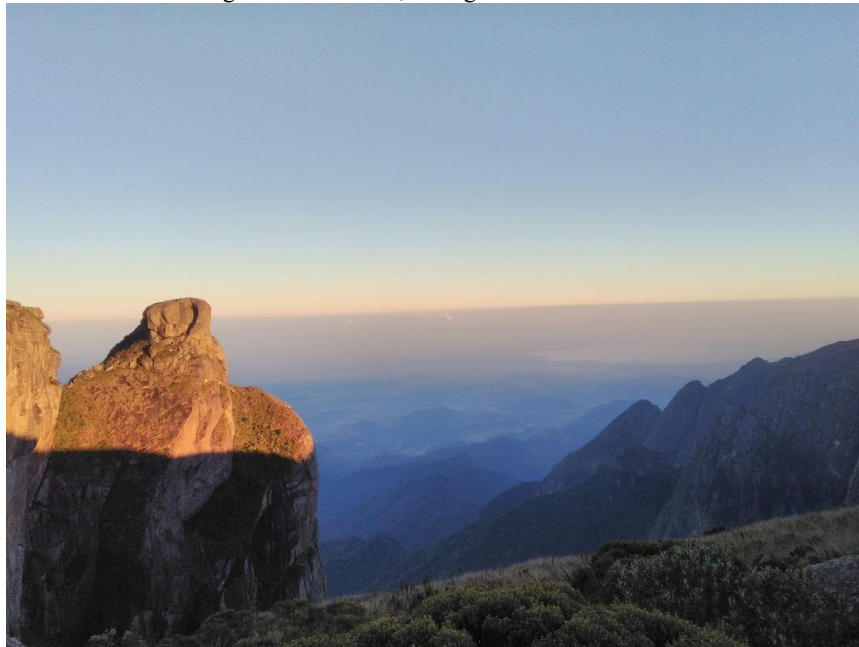
Por fim, ele diz que de tudo que viu durante a Travessia, a paisagem que mais o marcou foi o momento que, no meio da caminhada, o Dedo de Deus, Escalavrado e Garrafão surgiram, gigantes diante dele. Nessa hora, ele parou rapidamente para fotografar no meio da caminhada (Imagens 25 e 26) e seguiu, ficando forte em sua memória.

Imagem 25: Garrafão, no segundo dia da Travessia.



Fonte: Enviada pelo entrevistado.

Imagem 26: Garrafão, no segundo dia da Travessia.



Fonte: Enviada pelo entrevistado.

6.3 Terceira narrativa – Stephany

Stephany começa explicando sobre sua motivação em fazer a Travessia, que era uma vontade que apesar de ter, estava no plano das ideias. Geógrafa, conta que a vontade veio por tanto ouvir diferentes pessoas falarem que era uma experiência

que se devia programar e viver. Então, mesmo sem nunca ter feito longas caminhadas, quando surgiu a oportunidade de fazer, ela apenas foi, mesmo sem ter ideia de como seria o percurso. Pensava que seria só andar e por isso, seu maior medo e preocupação eram o frio e a alimentação. Logo, o condicionamento físico não foi uma preocupação e sim, como arrumar a mochila para os três dias de Travessia.

Diante de toda a expectativa, conta que ouviu muitos “*caraca, você vai fazer a Travessia?*” e observa que “*quem fala isso, são as pessoas que nunca fizeram. [...] quem já fez... não falaram todo o percurso que você tem que enfrentar*”. Os que fizeram, só achavam incrível que ela fosse viver essa experiência e alertavam sobre o frio, mas “*nunca falaram sobre o Cavalinho, o Elevador e eu nunca li sobre. Não li sobre nada*”. Então, quando realmente começou ela foi, sabendo da subida, que seria um longo percurso e cansativo. Mas ainda assim, suas preocupações eram outras, pois nunca havia acampado e diz que embora já tivesse feito longas caminhadas, sempre retornava destas no final do dia. “*Minha preocupação era sobreviver ao básico do básico, né? E eu sou muito desprovida de vaidade em relação assim, ao banho, ir no banheiro...[...] e tinha a preocupação com a galera que ia junto, se ia ser uma galera que iria entender que eu era iniciante*”.

No primeiro dia, Stephany conta que a caminhada até os Castelos do Açú foi cansativa (Imagem 27), mas que a primeira noite lá foi “*incrível, surreal, uma das paisagens mais lindas que já vi na vida. [...] Eu não acreditei que tinha conseguido chegar até lá*”.

Imagem 27: Subida no primeiro dia.



Fonte: Enviada pela entrevistada.

Ter dormido acampada, naquele frio, foi para ela uma primeira superação. Ali, ela conta que se sentiu totalmente desprovida de vaidade e só queria curtir o estar ali. Sentiu que nessa primeira noite, foi bom para todos se conhecerem melhor para os próximos dias, o que achou ótimo. No dia seguinte, acordar as 5h30min para ver o nascer do sol

foi outra coisa linda, assim... e eu acho que como geógrafa, isso é mais incrível ainda. Ver aquilo tudo... [...] A paisagem, o relevo, aquela imensidão. Parece que só existe você e aquilo e sua sobrevivência naquele ambiente. Pra mim foi incrível! [...] Enfrentar os meus medos de altura. (STEPHANY, ENTREVISTA CONCEDIDA EM 14 DE JULHO DE 2021)

No segundo dia, o grupo foi aos Portais de Hércules e ela conta que foi a primeira vez que enfrentou o seu medo de altura. Relata que tentava não pensar muito e apenas ir, pois já havia se disposto à estar ali, fora sua preocupação de com o grupo, de todos dependerem de seu ritmo. Então, tudo isso para ela, “*foi cansativo mas foi ótimo!*”.

Então no terceiro dia, foi a Travessia, ir dos Castelos do Açú até a Pedra do Sino. Mesmo sendo muito cansativo, Stephany conta que as subidas não eram um problema para ela:

Eu descobri que eu consigo subir muito bem as coisas, sabe? Rocha, me agarrar em árvore... eu não sabia que era capaz disso... e com mais dez quilos nas costas! Eu não sabia que era capaz disso. Mas estar ali foi ótimo, sensação de vida. Eu tive uma sensação de vida! [...] Eu já tava cansada dos outros dias, porque a gente caminhou pra caramba. Não tava comendo como eu como. [...] E aí a Travessia exige muito mais de você. (STEPHANY, ENTREVISTA CONCEDIDA EM 14 DE JULHO DE 2021)

Justifica então sua percepção, ressaltando que o caminho já é complicado, difícil. Começou a se assustar realmente, quando o tempo fechou. Sentiu nesse momento uma confiança muito forte no grupo, “*eu, que não sou de confiar em ninguém, muito fácil...*”, pois viu que todos estavam ali para se ajudar. “*Ninguém queria que o outro se machucasse, ninguém queria que o outro ficasse pra trás*”. Então, diante disso, foi mais tranquila até o Elevador (Imagem 28).

Imagem 28: Subida do Elevador.



Fonte: Enviada pela entrevistada.

Ali, sentiu muito medo, por conta da umidade e da inclinação. Por isso, o apoio de seu companheiro naquele momento, foi fundamental pois ele subiu junto com ela.

E eu não olhava pra baixo. Ali foi o maior surto de adrenalina que eu tive na vida! [pausa] E aí, Gabriela, eu posso te falar, foi o momento mais aterrorizante mas o momento que eu mais amei, de fazer a Travessia. Porque foi o momento que eu me

superei... me senti viva! Viva! Viva! Vida! Cara, eu consegui! (STEPHANY, ENTREVISTA CONCEDIDA EM 14 DE JULHO DE 2021)

O segundo momento difícil, foi quando começou a chover, depois do Elevador, pois era uma descida e estava tudo molhado, escorregadio (Imagem 29). Ali, se sentiu culpada e com medo de atrasar o grupo, pois “*o dia já tava andando*”.

Imagem 29: Descida na chuva.



Fonte: Enviada pela entrevistada.

Em seguida, depois do Vale das Antas, ela se sentiu mais tranquila novamente, pois vieram as subidas. Lembra que achou incrível o Mergulho, onde novamente a confiança no outro foi fundamental. E, em seguida, ela conta que veio outro surto de adrenalina, o Cavalinho (Imagem 30).

Imagem 30: Subida do Cavalinho.



Fonte: Enviada pela entrevistada.

Foi o momento mais lindo da trilha, né? Uma fila de solidariedade, todo mundo unido pra mochila, pra ajudar a atravessar... Assim, o Paulinho ter ficado na frente pra quem tem medo de altura não olhar pro abismo... isso foi essencial. Assim, o Mariozinho cheio de dor, todo ferrado, todo atencioso, super parceiro. [...] A galera se ajudou ali, cada um respeitando o momento do outro. (STEPHANY, ENTREVISTA CONCEDIDA EM 14 DE JULHO DE 2021)

Stephany reflete sobre ter se sentido frágil durante a Travessia e percebe que ali, no Cavalinho, o quanto foi forte, justamente por conta de tudo o que superou para estar ali. “*Eu acho que a gente é muito instinto. Eu acho que a montanha ela ativa isso também, o nosso instinto... de sobrevivência, assim. É preciso pensar rápido, mas com cuidado [...] por mim e pelos outros. [...] É uma solidariedade, né?*”.

Esta narrativa de Stephany, nos remete à relação entre corporeidade e espacialidade, na qual o espaço é construído a medida que lançamos nosso corpo intencionalmente na experiência do mundo. Nesta relação, são construídas as atmosferas emocionais, tal como colocado por Silva e Arruda (2021). O deslocamento de seu corpo, seu movimento ao longo da Travessia, construíram

diferentes espacialidades que, como respostas emocionais surgiram para ela como sentimentos de superação, de existência diante da imensidão e, de sensação de vida. É a percepção de seu corpo e de si, a auto percepção, que mostra esse corpo como uma possibilidade de apreender o mundo, construir novas maneiras de geografar e, o seu próprio eu.

Por fim, ao chegar no abrigo da Pedra do Sino, ela sentiu tanto alívio, que só conseguiu pensar em montar a barraca e dormir. Dormiu por 12 horas e então, veio para ela, o pior dia, a descida até Teresópolis (Imagens 31 e 32). Sentia as pernas cansadas, os pés doendo e que, por pensar que estava indo para casa, perdeu um pouco da determinação. Nos minutos finais da caminhada, chorou, achando que não iria conseguir. Mas ressalta que a Travessia toda foi incrível e não se arrependeu nada.

Imagem 31: Chegando ao abrigo da Pedra do Sino.



Fonte: Enviada pela entrevistada.

Imagem 32: Saída do abrigo da Pedra do Sino.



Fonte: Enviada pela entrevistada.

6.4

Quarta narrativa – Alain

Alain começa seu relato bastante empolgado, contando que nos dias que antecederam a Travessia, esteve muito doente, com dores no corpo e febre. Mas ao se recuperar, ainda que contrariando as recomendações médicas e de seus pais, decidiu ir. Por conta disso, o primeiro dia da Travessia para ele foi bastante tenso, sentiu muito cansaço e dores no corpo nos primeiros quilômetros. Depois da metade do percurso desse dia, relaxou e conseguiu curtir mais. Destaca como foi interessante no grupo, haverem pesquisadores que aguçavam o seu olhar para coisas que antes, passariam despercebidas e o quanto isso agregou à ele, que é da área ambiental. Afirma que tem um outro olhar após a Travessia, para qualquer outra trilha que venha a fazer.

Recorda de um momento no Açú, que estava junto com seus amigos, que esperavam ansiosos o “*céu limpar para ver o Rio de Janeiro, o mar*” enquanto ele não estava tão interessado. Então, Alain disse à eles:

Galera, vou ser mó honesto? Não tem prazer, não é uma visão que me instiga e tal... por mais que, ah é bonito e tal. [pausa] Mas sei lá. Olhar para o Rio ali era pra mim, tá, ok. Pra mim era legal. E ver a galera muito animada assim eu não tô falando que eu odeio o Rio, não é isso, eu gosto muito do Rio. Não é por aí. Só que tá lá, pra mim era virar de cara pro lado sem ser o do Rio e ficar olhando pras

montanhas que se fosse com nuvem, se fosse sem nuvem, que fosse o céu que fosse, assim é uma vista que pra mim é muito mais chamativa. (ALAIN, ENTREVISTA CONCEDIDA EM 24 DE AGOSTO DE 2021)

Para ele, então, olhar para a cidade do Rio lá embaixo, não era uma coisa que lhe interessava. Ele queria na verdade, por um momento, esquecer. E continua:

Volta e meia eu virava e falava assim: “caraca, olha isso aqui!”. A gente tá num cenário de filme, a gente tá num é isso que a gente tem no Rio de Janeiro e que a gente esquece, sabe? A gente pode tá ali à mil metros, mil e quinhentos, dois mil... a cem quilômetros da cidade do Rio, sabe? Que é a cidade uma cidade gigantesca...então isso pra mim, tá num lugar desse, nesse momento, é muito incrível. (ALAIN, ENTREVISTA CONCEDIDA EM 24 DE AGOSTO DE 2021)

Este olhar para o outro lado, para onde os outros não querem olhar, nos remete à paisagem como individualidade, vista em Sauer (1998). Ao fazer o exercício de redução da paisagem, ainda que inconscientemente, Alain estava ali, com seus amigos, colocando em evidencia quais eram os fenômenos relevantes para ele na paisagem: observar as montanhas e não a “vista clássica” da Baía de Guanabara. Dentre tantos pontos de vista, esse foi o escolhido por ele e ainda que mais alguém também fizesse essa escolha, a paisagem ainda assim, seria outra. Visto que, ao se reduzir uma paisagem, há uma valorização da relação intersubjetiva que é estabelecida entre os sujeitos e os objetos, de modo que as paisagens irão se constituir internamente, a partir destes sujeitos.

Após uma pausa, buscando palavras, Alain volta a falar do grupo e de como foi interessante que todos, em meio a sua pluralidade, caminharam sempre respeitando o tempo de cada um, de “*como tivesse que ser*”. Observa que ninguém estava com pressa de chegar rápido, “*a gente queria é chegar, né? Caminhar, percorrer o caminho. Eu acho que o caminho é mais importante que o chegar, até porque sabia que chegaria*”. Esse respeito ao tempo de cada um, a falta de pressa no caminhar, aprofunda o tempo e o espaço, esticando os dias, tal como Manoel de Barros esticava horizontes ⁹.

Em seguida, conta o momento tenso que viveu no terceiro dia, na ida dos Castelos do Açú para a Pedra do Sino. Para ele, as partes de rocha inclinadas, junto com a umidade, o deixaram bastante desconfortável. Em determinado momento de

⁹ Barros, Manoel. Bernardo é quase uma árvore. In: Livro das Ignorças,

descida, pensou: “*se eu travasse ali um minuto, eu ia falar, eu não passo daqui...tava a pedra molhada...tenso! Era um pedaço de dois metros que não tinha muito onde segurar, não tinha como alguém me ajudar*”. E foi. Disse que não era complicado, difícil, mas que o fato de saber que, por exemplo, “*se torcer o pé e escorregar, você vai cair e [pausa] você vai morrer[risos], pra mim quase trava*”. Momentos como o Cavalinho, para ele foram tranquilos por conta do trabalho em equipe por parte do grupo, inclusive para passar as mochilas, com todos calmos e se ajudando.

Comenta então que tem uma relação muito forte com a floresta e com o mar. Cita em seguida, Manoel de Barros: “*Por que deixam um menino que é do mato amar o mar com tanta violência?*”. Fala sobre como se sente bem passando esses momentos na floresta, comendo o que tem, com aqueles perrengues.

Qual era nossa dificuldade ali? Era comer uma comida gostosa, conseguir água pra beber... então se a gente conseguisse água já era o acontecer livre, assim. A gente já ficava feliz com coisas pequenas. Atravessar, ficar oito horas andando e chegar, ter um lugar pra você deitar nem que seja na barraca. Eu gosto da valorização desses momentos pequenos. (ALAIN, ENTREVISTA CONCEDIDA EM 24 DE AGOSTO DE 2021)

Ele sente, quando está no mato, uma conexão muito forte com seu corpo e, por conta do esforço, busca se alimentar bem. Ressalta que quando volta para sua rotina, em casa, sente a cadeira desconfortável, o computador e com essas coisas, se esquece de comer, porque não sente seu corpo pedindo. Sente que gasta pouca energia e busca comer alguma coisa mais fácil, de modo que não existe a mesma conexão com o corpo, de quando está na travessia, no mato.

São coisas bobas que trazem felicidade. Felicidade momentânea, que seria a felicidade ali, mas... Mas é felicidade. E nosso dia bom é estar com o amigos e conversar, comer bem, comer junto, depois deitar um pouquinho, voltar, trocar mais uma ideia. Ver a temperatura, ver quanto frio tá [risos] Tem essa coisa assim! (ALAIN, ENTREVISTA CONCEDIDA EM 24 DE AGOSTO DE 2021)

Relembra então de seu projeto de monografia na graduação em Ciências Ambientais, no qual ficava três dias em campo no Parque Estadual dos Três Picos, identificando árvores e coletando amostras de vegetação. Embora cansativo e trabalhoso, era muito gostoso estar ali. Volta a falar sobre como é bom “*valorizar o bobo*”, a simplicidade da comida e dos momentos de reunião. Conta que diante

da falta de eletricidade, como é bom dormir cedo e acordar cedo, seguindo o tempo da natureza. Assim como, a ausência de sinal no celular que, para ele como pessoa urbana, não lhe faz falta por alguns dias.

Sobre isso, voltando a falar da Travessia, ele diz:

Eu até esqueço de tirar foto. Eu não tenho foto nenhuma. Eu não olhava muito o celular, não estava muito interessando. Por mais que seja muito bom ver foto depois, eu só tava ali assim... e tava ótimo. Ficava horas sem fazer exatamente nada e sem ter tédio, sem ter vontade de pegar o celular. (ALAIN, ENTREVISTA CONCEDIDA EM 24 DE AGOSTO DE 2021)

O relato desse sentimento de liberdade, de valorização do simples ao estar em meio à natureza, à montanha, pode parecer absurdo, uma privação para que vê de fora.

Não estar mais preso na teia das trocas, não estar mais reduzido a um nó da rede que redistribui informações, imagens, mercadorias; perceber que tudo isso tem apenas a realidade e a importância que lhe atribuo. Além de meu mundo não desmoronar por não estar conectado, essas conexões subitamente parecem laços opressores, sufocantes, apertados demais. [...] A liberdade, então, é um bocado de pão, um gole de água fresca, uma paisagem aberta. (CROS, 2021, p. 14).

É o se despreocupar e esquecer as obrigações e de hábitos do cotidiano e apenas caminhar, flunar e pensar em outras coisas. A liberdade surge aí, mesmo com novas limitações que são impostas, como o peso da mochila, a duração e os obstáculos da caminhada, a vulnerabilidade diante do tempo, a medida que nos libertamos da dependência daquilo que estamos acostumados. Tudo isso, é o que Gros (2021) chama de liberdade suspensiva, na qual só a caminhada é capaz de nos libertar das ilusões do indispensável e, quando o retorno à rotina, nos mostra que foi uma libertação pontual durante a caminhada.

Alain então descreve o que sentiu nos Portais de Hércules, local que foi depois do primeiro pernoite nos Castelos do Açú. Para ele, por mais que o dia estivesse com muitas nuvens, encobrindo boa parte da cadeia de montanhas, foi incrível.

Tanto pela vista quanto pela... tinha uma fendazona assim, que pra mim é o se sentir pequeno. É o lugar em que eu me sinto muito pequeno e muito frágil na verdade. Eu olho ali a um metro à frente não tem nada [risos] e eu tô ali e eu sou um detalhe... se fechar uma neblina agora [...] eu me sinto vulnerável. O que a

floresta e a montanha quiser fazer comigo ela vai fazer. Se ela quiser fazer chover, vai ser um perrengue pra todo mundo. Se ela quiser entrar numa nuvem vai ser perrengue... a gente perde um pouco o controle do que dá pra fazer. De qual vista que dá pra ver. tem vista que a gente não vai ver porque não é pra ser. Paciência. Cada céu é um céu, cada vista é uma vista e também é bonito. (ALAIN, ENTREVISTA CONCEDIDA EM 24 DE AGOSTO DE 2021)

Lembra então da vista a noite, nos Castelos do Açú. Ficou e ele e amigos, olhando na direção do Rio de Janeiro, mas a noite estava fechada. *“Mas tava uma cadeia montanhosa de nuvens, se é que eu posso falar assim, absurda!”*. Elas se moviam, se modificando e eles sentados lado a lado, apenas observavam *“sem nem falar muita coisa, a gente ficou uns trinta, quarenta minutos ali com frio”*. Ele observa que foi interessante que eles buscavam formas nas nuvens e quem estava ali, independentemente de ter vinte e poucos ou cinquenta anos, estava se divertindo da mesma brincadeira, desprendido e que isso foi muito marcante. *“Foi muito bonito porque não tava dando pra ver a cidade do Rio e o Rio estava tomado de nuvens, mas as nuvens eram muito mais espetaculares. As vezes dava pra ver a Baía e alguém falava ‘ah, Paquetá!’, tá, mas não tava muito bonito! [risos]Deixa Paquetá!”*.

Por fim, ele volta a falar sobre como foi importante para ele *“colocar o pé no chão. Sair do luxo da cidade, se é que se pode dizer assim, a facilidade de se ter tudo, para ter um nada um pouco”*. A comida, paisagem, pessoas e conversar. Reforça que por estar doente nos dias anteriores à Travessia, não foi imprudente, por conhecer seu corpo e seus limites, ainda que não soubesse o que o aguardava. Sabia apenas que seria bonito, mas *“a vista do Sino é alucinante, foi ficar horas olhando uma montanha. e foi lá que eu olhei e falei, cara, isso aqui é cenário do Senhor dos Anéis, como que nunca ninguém filmou isso aqui? É muito exótico, muito diferente”*. Conclui sua narrativa, dizendo estar acostumado com floresta, a ter mata densa e que lá, a dois mil metros de altitude é menos floresta, um outro tipo de vegetação que na cidade do Rio, não tem e ele não esperava encontrar.

6.5

Quinta narrativa – Joana

Joana começa sua narrativa se apresentando. Agente ambiental temporária do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), no qual atua

como coordenadora do programa de voluntariado dentro do Núcleo de Gestão Integrada que é composto por, além do PARNASO, pela APA Guapimirim, Esec Guanabara, APA Petrópolis e Rebio Tinguá. Bastante empolgada, logo resume o que é a experiência da Travessia e o quanto sua paisagem visual e sentimental representam para ela, para depois, começar a narrar os detalhes de seu envolvimento com ela e com PARNASO com um todo.

Quando realizou a Travessia pela primeira vez, junto com duas amigas em novembro de 2018, Joana tinha 38 anos e até então, mesmo sendo nascida e criada em Teresópolis, nunca havia tido essa oportunidade, ainda que já tivesse subido a Pedra do Sino. Ressalta que a Travessia é dita como uma das travessias mais belas do Brasil e que, por isso, é muito procurada, *“porque fisicamente ela tem um visual que é muito lindo, muito enriquecedor, mexe com a gente internamente porque você vê de cima, né? Você passa a ter uma outra visão, muito diferente de quando a gente olha daqui de baixo”*.

Fazer a Travessia pela primeira vez foi para ela um desafio muito grande, pois é um desafio para qualquer um, seja do mais experiente ao menos experiente. *“E sempre que você realiza ela, nunca é da mesma forma, sua visão muda e você sempre vê um detalhe ou outro, né? Que você passa a enxergar ou até um mesmo detalhe mas que você enxerga com uma visão diferente”*. Reforça que ela é bem cansativa e na primeira vez, é difícil ter ideia do que é. Observa que por mais que pareça tranquilo, por ver muita gente, de todas as idades, fazendo, não é. Cada um tem um desafio pessoal a ser superado quando realiza a Travessia.

Em sua primeira experiência na Travessia, ainda não havia entrado para o quadro de voluntários do PARNASO, o que só aconteceu dois meses depois. Sente que teve um olhar de visitante durante a caminhada, de dizer *“eu fui, eu fiz a Travessia”*, o que lhe soa hoje, como *“um certo status, um pouco de vaidade”*. Essa visão de visitante é para ela, muito diferente da visão que tem hoje, de como hoje realiza a Travessia por estar trabalhando dentro da unidade de conservação e diretamente na Travessia. Explica que no voluntariado, eles atuam na Travessia, fazendo a sinalização, limpeza, manejo, manutenção da trilha e o quanto isso mudou sua visão de visitante, para a visão de servidora.

Nesse viés, podemos retomar à distinção feita por Tuan (2012a) acerca do olhar do visitante e do nativo e, o quanto isso se reflete nos aspectos da paisagem observados por cada um. Conforme colocado por Joana, o visitante quase sempre

se coloca na Travessia em busca de paisagens consideradas bonitas e fotografáveis, as quais atribuem algum tipo de *status*. Em suma, é uma apreensão estética de uma paisagem que se reflete também nas atitudes desse visitante. Ao mesmo, para ela, com seu olhar de servidora ou (e também), de nativo, tal como posto por Tuan, o lugar do olhar é outro, uma vez que ele se encontra imerso na totalidade do lugar. Podemos inclusive, pensar neste lugar como interioridade (Relph, 2019) visto que, suas imagens são construídas por meio de uma familiaridade inerente de quem conhece o lugar de dentro para fora.

Mesmo quando faz a Travessia a trabalho, Joana fala da importância de parar em algum momento para contemplar e se reenergizar. Para ela, a trabalho ou não, diante do caminho que existe pela frente, em algum momento “*você vai se questionar: o que eu tô fazendo aqui*”, mas que, ainda assim, “*é muito satisfatório*”. Lembra então, emocionada, de quando realizou a Travessia a trabalho em 28 de maio de 2020, durante a pandemia da Covid-19. O PARNASO estava fechado e para ela, a experiência foi única.

Enquanto muita gente morria por causa da pandemia, muita gente começava a mudar a vida devido a pandemia... Eu tive o prazer da tá lá em cima. E olhar a vida lá de cima, no meio de uma pandemia [longo suspiro] foi... mexeu bastante. Mexeu muito, mesmo... é, estava próximo do meu aniversário de quarenta anos e por um momento nós sentamos... a gente já lá no Açú, nos sentamos e [pausa] A gente tava fazendo uma investida numa área mais fechada, que é o Morro do Eco, que só faz isso quem tem autorização também... e teve um momento em que nós sentamos assim na pedra e ficamos contemplando a vida lá de cima. [pausa] E foimuito bom e ao mesmo tempo assustador. A paz que eu estava sentindo lá em cima, era muito conflitante com o caos que tava aqui embaixo. Foi... nos pegamos conversando assim, sabe? Olhando um pro outro e falar o quanto privilegiado nós somos por tá ali naquele momento, ali. Por tá num local que eu tenho certeza quemuita gente gostaria de tá, no meio daquele caos, né? Poder sair, poder tá no meiodo mato, na paz, no silêncio... e você olhar pra baixo e imaginar o quanto... tudo aquilo que aquelas pessoas tavam passando ali. Quantas pessoas estavam morrendo por minuto, quantas pessoas estavam perdendo seus entes queridos... É, momento político um caos, então... Essa foi a Travessia que eu levo comigo. Ela foi muito maior, muito mais significativa do que a primeira vez que eu realizei. [...] A gente não sabia ao descer, o que teria acontecido no mundo naqueles quatro dias que ficamos sem contato... fizemos em quatro dias a Travessia. (JOANA, ENTREVISTA CONCEDIDA EM 27 DE JUNHO DE 2022)

Volta então a falar sobre ver toda aquela beleza, que precisa ser cuidada e preservada e, como as mídias sociais têm um papel na mudança de comportamento das pessoas em relação ao meio ambiente. Pontua que essa mudança é tanto para bom, quanto para ruim. Os aspectos negativos dessa mudança estão para Joana, no

fato de que muitas vezes em busca de status, as pessoas deixam de respeitar algumas regras que são essenciais e passadas à todos os visitantes. Retiram ilegalmente plantas para levar enquanto deveriam tirar apenas fotos, por exemplo.

Começa a falar sobre o ambiente nos campos de altitude e como se fica vulnerável ao tempo, lá em cima. Lembra assim, de uma vez que estava guiando um grupo de treze novos voluntários em janeiro de 2020. Para muitos deles, era a primeira vez na Travessia e se *“comportavam como em excursão de colégio. Tinha que ficar falando que não se grita, não se conversa alto em trilha”*. Reforça, indignada, que para além da contemplação da natureza, o silêncio é necessário para ser possível ouvir alguém que esteja precisando de socorro. Então, quando estavam entre o terceiro e quarto abrigos, ou seja, haviam saído do Açu em direção à Pedra do Sino, foram surpreendidos por uma tempestade com chuva e raios e, o grupo até o momento falante, silenciou. Diante do medo do grupo, ela observa que *“era a natureza agindo, mostrando o quanto séria ela é, o quanto precisa ser respeitada”*. Ela diz que nesse momento, ordenou: *“olhem por onde pisam, sigam em fila indiana e não parem. Encarem o medo e vamos!”*. E foram direto, com a água quase na cintura. Ela enfatiza o quão diferente é estar na parte alta do parque, pois lá, *“a montanha exige respeito e chega uma hora que ela mostra isso”*. Diante de situações como essa, Joana diz que *“dá um certo medinho mais ao mesmo tempo é uma adrenalina gostosa de sentir”*. Se perceber sozinho ali, você e a natureza, *“se ela não quiser que você fique ali, você não vai ficar e eu hoje enxergo muito isso”*. Ela reflete então sobre as decisões que são impostas à quem está lá no alto, fazendo a Travessia. *“A gente sempre tem duas escolhas na vida, sempre. Ou você atravessa e continua o seu caminho, atravessando pra chegar do outro lado, ou você volta”*. No cansaço da Travessia, essa foi uma das perguntas que eu fiz na última vez, *“porque que eu vou atravessar?”*. Ainda que já tivesse combinado de realizar, de ir até o outro ponto, pensa que podia reagir e voltar. Afirma que lidar com essas situações, tem lhe ajudado nas tomadas de decisão diariamente.

O sentimento é satisfatório diante da superação pessoal e profissional. Gostou de perceber como cada vez repete a Travessia, essa se torna única tanto pela escolhas coisas que irá carregar, o seu olhar ao compreender o que não foi visto antes, o cansaço que também é diferente. *“Você já sabe, por exemplo, que naquele trecho da Travessia você cansa mais. Então você já vai atravessar ele de uma forma diferente”*. Sorri e diz que a Travessia *“te dá um sacode lá em cima e te devolve!”*.

Fala então, da última vez que fez a Travessia, a trabalho, fazendo monitoramento das armadilhas fotográficas, que conheceu “*a minha paisagem, os Portais de Hércules*”. Sentiu-se muito mexida ali. “*É realmente tudo o que falam! É surreal você parar e contemplar aquela paisagem... você parar e ficar olhando aquele absurdo de beleza! [...] Aquela beleza é assustadora!*”, conclui.

Bem como Letícia, Joana enfatiza em sua narrativa o quanto aquela paisagem possui uma beleza absurda e ao mesmo tempo, assustadora, que reverberam nelas a sensação de insignificância. Isso nos traz de volta a reflexão sobre a ideia de sublime. Em sua *Crítica da Faculdade do Juízo*, Kant trata a experiência estética do sublime diferenciando-a da experiência do belo, pois ela nos gera prazer apesar de superar a nossa capacidade de compreensão. Logo, seu efeito mais forte e primário é a frustração do nosso entendimento e da nossa vontade. Por isso, Kant divide a experiência sublime em duas formas as quais parecem se conectar com as narrativas aqui trabalhadas: o matematicamente sublime e dinamicamente sublime.

O primeiro, diz respeito ao que é absolutamente grande, ao infinito, à vastidão. É a sensação que temos quando olhamos de cima de uma montanha para um horizonte enorme ou, quando olhamos para o céu estrelado a noite e não conseguimos ver sua finitude. Já o dinamicamente sublime, diz respeito aquilo que é absolutamente poderoso, violento e que, de alguma forma, nos ameaça. Desta forma, a experiência sublime é aterradora pois a princípio gera medo e depois, admiração. Essa relação recorrente aqui nas narrativas, sobre o quanto a infinidade de uma paisagem pode nos causar essa sensação de pequenez e insignificância, nos remete aqui a uma outra obra de Caspar David Friedrich, “*O Monge à Beira Mar*” (Figura 13).

Figura 13: O Monge à beira mar, de Caspar David Friedrich.



Fonte: www.meisterdrucke.pt/

Logo, começa a falar sobre os desafios da Travessia e como ela é capaz de fazer as pessoas descobrirem novos sentimentos, como um medo de altura que até então, não existia. Fala sobre o que ouviu em relação ao Elevador e ao Cavalinho antes de ir pela primeira vez e de como estando lá, achou um dos trechos mais fáceis para ela. Lembra então, empolgada, de uma história do Cavalinho, em sua primeira Travessia:

Eu essas minhas duas amigas passamos por três rapazes, de fora, estrangeiros... que passaram pela gente. Quando a gente passou por eles já próximo, chegando no Cavalinho, eles estavam esperando a gente... pra eles passarem no Cavalinho, porque eles estavam com medo de passar... não sabiam e não queriam ir sozinhos! Aí, coisa mais linda, né? [Gargalhadas] Três mulheres, suspendendo três homens... um que devia ter quase um metro e noventa... e é de dar a mãozinha mesmo! Dar a mãozinha e puxar o cara... botamos os três caras pra cima e aí passamos! (JOANA, ENTREVISTA CONCEDIDA EM 27 DE JUNHO DE 2022)

Diz em seguida que a Travessia vai para além da força física. Enquanto muitas vezes ouve ressaltarem a importância da presença masculina em seu percurso, diz feliz, com confiança: “foram três homens que precisaram da força detrés mulheres para passar em um obstáculo! Girl power!”. Essa foi uma das situações que ela não esperava passar e outras, para as quais se preparou, ela não sentiu como um

obstáculo e apenas atravessou. Em sua primeira Travessia, o que mais a apavorou foi o Elevador e o Mergulho. Como na época não tinha o conhecimento que tem hoje, seu medo no Elevador era que os ganchos presos na rocha, soltassem.

Quando começa a falar sobre o Mergulho, destaca a importância de estar junto à alguém de confiança, *“aquela pessoa que você dá o dedinho e já caminha melhor. Isso te faz pensar em com quem você quer tá lá em cima”*. Para Joana, esse é um dos trechos mais bonitos da Travessia e que ela mais lembra, por que além de ser difícil, ainda tem o cansaço acumulado e a vontade de chegar logo para descansar. Hoje, passa por ali de uma maneira totalmente diferente. Na primeira vez, precisou que alguém lhe desse a mão e, hoje, é ela quem oferece apoio. *“Já desci arrastando o bumbum e a Travessia faz muito isso com a gente, você perde a vergonha... vergonha de pedir ajuda, vai na marra”*.

6.6

Sexta narrativa – Breno

Com um pouco de timidez, Breno começa sua narrativa alertando que faz alguns anos que fez a Travessia e por isso, tem receio de sua memória não estar tão fresca. De fato, sua narrativa não segue uma cronologia e vai se construindo a medida que suas memórias se despertam com falas anteriores. A Travessia *“foi uma aventura que eu sempre quis fazer, desde que subi o Sino pela primeira vez”*, ele sorri e diz que nesse dia, já desceu querendo voltar e quando voltou foi para fazer a Travessia. Para ele a experiência da Travessia foi indescritível, porque *“a gente vê foto, vê vídeo, vê relatos de pessoas, mas não é a mesma experiência que você vivenciar aquilo ali porque é uma experiência assim [pausa] Imensurável para mim”*. Na época, ele cursava engenharia ambiental e por isso, conta que estava sempre conhecendo lugares novos em meio ao mato e cachoeiras. Ainda assim, certos trechos da Travessia foram para ele algumas das paisagens mais bonitas que ele já viu na vida, dentre tantos lugares que conheceu.

Começa a falar sobre os lugares que percorreu no trajeto dos Castelos do Açú para a Pedra do Sino, no segundo dia da Travessia e, o quanto eram legais. Lembra de uma conversa recente com um amigo que fez a Travessia com ele, sobre o momento em que se depararam de frete com o Garrafão, com um abismo entre

eles e a pedra. Chegou a pesquisar sobre escaladas lá, sorri e diz que *“é muito maneiro, não sei nem como explicar [risos] ...não tem palavras pra descrever!”*. Em seguida, começa a falar sobre o primeiro dia de caminhada e uma das *“sensações mais maneiras”*, ao chegar ao mirante do Graças a Deus, depois de uma subida longa e íngreme em mata fechada. *“Chegar lá no topo da montanha, cara!”*. Tirou várias fotos nesse momento (Imagem 33), pois *“aquilo ficou registrado na minha mente de uma forma que...é muito maneiro, tipo... a gente levou quantas horas pra subir aquilo e chegamos lá em cima...é uma sensação de alívio e conquista muito foda, tá ligado?”*.

Imagem 33: Mirante do Graças a Deus.



Fonte: Enviada pelo entrevistado.

Depois, ele andou sobre *“aquela cordilheira, entre aspas, pra chegar até o Açu”* e mais uma vez falou sobre quão boa é a sensação de estar ali. Pensa, nesse momento, que a Travessia é uma aventura que todo teresopolitano tinha que fazer. *“Na verdade toda pessoa tinha que fazer, mas o teresopolitano tá no pé da montanha, sabe? E a gente não dá valor aquilo”*. Fala então sobre a beleza e riqueza do bioma da região, muitas vezes pouco valorizado, o qual resta tão pouco e que possui uma reserva justamente ali, na Serra dos Órgãos. *“É sensacional! Só você indo lá pra ver mesmo, porque por foto, vídeo, como eu falei antes, não tem como você mensurar a beleza natural mesmo”*. Ao falar isso, se lembra que na época que fez a Travessia, estava mal, passando por questões pessoais.

Eu tava triste. E fazer a Travessia me fez... tipo... como se eu tivesse me desligado mesmo as sociedade, sabe? Não pensei em nada, só pensei ali. Em resolver aquilo ali, sacou? [pausa] E pra mim assim, fez muito bem! Tem gente que... [...] aquilo ali pra mim foi uma terapia, como se fosse... dois meses de psicólogo ali [risos] A Travessia em três dias você resolve a sua vida [risos]. (BRENO, ENTREVISTA CONCEDIDA EM 30 DE JUNHO DE 2022)

Breno conta que adora estar em contato com a natureza, explorar e conhecer lugares novos. Por isso, ter tudo isso próximo a ele, como morador de Teresópolis é um presente, o qual se sente muito grato. Inclusive, sente muita vontade de fazer a Travessia de novo e não vê a hora de voltar.

Começa a falar, em seguida, sobre a sensação de chegar na Pedra do Sino e rever os Castelos do Açú de longe e pensar: “*eu estive lá ontem, sacou?*”. Depois, ao descer da Pedra do Sino para a sede do PARNASO em Teresópolis, a sensação é “*de dever cumprido. Você se sente mais leve apesar de estar carregando quinze quilos! É uma coisa que só vivendo pra saber como que é [risos]*”. Nesse ponto, para ele, fazer a Travessia é uma experiência totalmente diferente de apenas subir a Pedra do Sino e voltar.

Observa como é interessante a mudança de bioma ao longo do caminho e o quanto ele fica diferente no alto da montanha. Ri, falando como é incrível e privilegiado é poder lá de cima ver quase a Baía de Guanabara inteira: “*é uma das vistas mais bonitas que eu já vi na minha vida, com certeza!*”. Então, conta sobre como ele começou a Travessia com um estado de espírito e terminou com outro. “*Ela mexe com a gente mesmo. Até de você cortar contato com a sociedade, não tem sinal de celular, esse tipo de coisa... Ficar completamente imerso na natureza muda o seu estado de espírito*”. Lembra de ir muito a trabalho para Terra Ronca¹⁰, onde o vilarejo mais próximo fica a vinte quilômetros de distância e, onde se sentiu também imerso na natureza. Diz então que

na minha opinião todo mundo tinha que ter um pouquinho assim, na vida, tipo... você parar um pouquinho do... cê sair do trabalho, sair pelo menos um mês assim, do seu ano... todo mundo tinha que ir mesmo para esses lugares pra se reconectar com a natureza, ver como que era... os primórdios mesmo. [pausa] Porque atualmente a gente tem uma facilidade muito grande de comunicação, é muita informação, a tecnologia... E a gente esquece como que são nossas raízes mesmo, assim.. Como é que é? De onde a gente veio, sacou? (BRENO, ENTREVISTA CONCEDIDA EM 30 DE JUNHO DE 2022)

¹⁰ Parque Estadual da Terra Ronca, localizado no município de São Domingos, nordeste do Estado de Goiás.

Ele diz sentiu isso na Travessia, ainda que em alguns momentos, próximo aos pontos de parada para descanso ou lanches, ela fosse um pouco mais movimentada. Seja pelos funcionários do parque nos abrigos ou as pessoas que fazem a Travessia, por ser bem popular entre os que gostam de trilhas, isso fez com que não se sentisse completamente isolado.

Em seguida, Breno sorri e diz que vez ou outra revê as fotos que tem da Travessia “*só pra dar aquele gostinho de quero voltar!*”. Recorda então do primeiro trecho, na saída do Açú, “*descendo assim e é só pedra, só rocha e não tem vegetação quase. Aquilo ali é uma das imagens que me vêm na cabeça na hora quando alguém me fala em fazer a Travessia!*”. Conclui que a sensação de caminhar por ali é muito boa e, volta a falar sobre a paisagem do Garrafão: “*você vê que a gente é muito insignificante, comparado à natureza*”. Lembra da música Terra de Gigantes, do Engenheiros do Havá, e diz que “*a Serra dos Órgãos é uma terra de gigantes mesmo, porque tem umas montanhas gigantescas, com abismos entre elas, reais... e qualquer montanha que tu subir ali, tu vai sentir isso!*”.

Ao se colocar como insignificante diante da paisagem do Garrafão, Breno nos leva a refletir, mais uma vez, sobre o quão assustadora pode ser a permanência das montanhas, resistindo diante do ser humano e mostrando para ele a todo o tempo, sua finitude. O que acaba sendo uma ambiguidade, diante de uma paisagem dominada por seu olhar mas, que ao mesmo tempo, de certa forma, o oprime, assim como colocado anteriormente por Joana.

Além da Travessia e da Pedra do Sino, Breno conta que ali no PARNASO subiu o Escalavrado e a Cabeça de Peixe e, nesse momento, sorri e volta a falar sobre a paisagem do alto da Pedra do Sino. Com a vista para os Três Picos de um lado e para o Açú, do outro, ele diz que não dá para descrever em palavras, só indo lá.

Quando está neste tipo de ambiente, diz que é inevitável lembrar de seu pai, pois ele sempre gostou de fazer trilhas e estar no meio da natureza. Cresceu ouvindo as histórias que seu pai, exmilitar, contava de “*quando estava no meio do mato*”. Pensa que parte de seu interesse em trilhas e montanhas, sempre foi consequência das histórias que ouviu dele. Ainda assim, quando está caminhando, Breno diz com a voz um pouco emocionada, que lembra principalmente de si mesmo.

É uma conexão que eu tenho comigo mesmo que, quando eu tô fazendo esse tipo de travessia, esse tipo de aventura, é o momento que eu reflito muito, sabe? Eu entro... eu e meus pensamentos, por tá andando ali e tal... A cabeça fica, tipo... você fica meio que refletindo consigo mesmo ali, sobre muitas coisas. [pausa] Então... eu acho até que... ter, é [pausa] Eu acho até que se alguém tá procurando uma resposta, eu acho que esse tipo de ambiente, esse tipo de aventura... seria uma resposta interna... é o mais adequado a se fazer na minha opinião, porque foi nesses lugares assim que eu mais refleti e cheguei a conclusões pessoais. (BRENO, ENTREVISTA CONCEDIDA EM 30 DE JUNHO DE 2022)

Essa percepção de si ao longo da caminhada, nos traz novamente a reflexão sobre a importância da corporeidade, agora pensando a construção de uma espacialidade hodológica. Nesse sentido, o espaço e a paisagem serão construídos, conforme foi visto, durante o movimento do corpo, no caminhar, à medida que este é capaz de produzir afetos no sujeito deste corpo caminhante e, em sua sensibilidade com o mundo. E, é justamente por isso, que estas paisagens são únicas, pois únicas também são as percepções dos corpos em situação com o mundo.

Por exemplo, tal como para Breno, caminhar para Thoreau (2019), surgiu como uma maneira de encontrar a si mesmo, de modo que para além disso, permitia à ele uma possibilidade de se reinventar. Ele falava em seus relatos, que diante da simplicidade da natureza, era capaz de se embriagar do ar que respira. Ele dizia que ao caminhar, ganhava a profundidade do céu e da cor das árvores. Essas eram para ele as verdadeiras propriedades, todas as imagens que viu e guardou consigo e as quais sempre podia retornar. Nesse viés, ao fim de sua narrativa, Breno enviou algumas fotos (imagens 34, 35 e 36) que ele disse sempre rever. Em uma delas “quase não tem paisagem, mas dá pra ver que a gente tava muito feliz” diz, gargalhando.

Imagem 34: nascer do sol na Pedra do Sino com os Três Picos ao fundo.



Fonte: Enviada pelo entrevistado.

Imagem 35: Durante a Travessia.



Fonte: Enviada pelo entrevistado.

Imagem 36: Descanso durante a subida, no primeiro dia da Travessia.



Fonte: Enviada pelo entrevistado.

6.7 Sétima narrativa – Marcos

A conversa com Marcos aconteceu depois de alguns desencontros por contate sua programação de guia de montanha. Seu contato foi passado por um conhecido em comum e desde o início, ele se mostrou bastante solícito e a vontade para conversar sobre sua relação com a Travessia Petrópolis-Teresópolis. Antes mesmo de toda a explicação sobre como funcionaria a entrevista, ele já começa a falar com empolgação sobre uma de suas experiências guiando, bastante marcante. Foi de uma moça que sempre se mostrou muito comunicativa e feliz nas redes sociais e ao longo da própria Travessia. Somente um ano depois de ter feito a Travessia com ele, *“ela fez uma postagem falando sobre a Travessia e que ali, ela se curou de uma depressão”*. Ele sorri e diz o quanto isso é importante e gratificante para ele.

Começa em seguida sua narrativa, contando que mesmo sendo nascido em Teresópolis, nunca havia ouvido falar na Travessia. Isso ocorreu quando ele serviu ao exército, pois eles recebiam no Tiro de Guerra um grupamento que vinha da AMAN (Academia Militar das Agulhas Negras) para fazer a Travessia como treinamento. Foi lá que surgiu a curiosidade pela Travessia, então ele sorri dizendo: *“Eu perguntei, que travessia é essa? E aí ele me explicou, me mostrou que era*

pelas montanhas e aí quando ele me mostrou as fotos eu fiquei doido, né?”. Começou então a fazer várias perguntas sobre como fazer a Travessia e *“ficou com aquilo na cabeça”*. Continuou por conta própria, pesquisando sobre tudo a respeito trilhas.

Logo depois disso, começou a trabalhar em uma empresa na qual, por coincidência, entrou para a equipe um camarada que contou que havia sido guia no Parque Nacional da Serra dos Órgãos. Quando descobriu isso, começaram a conversar bastante e, foi justamente com ele que Marcos foi pela primeira vez à Pedra do Sino, em 2008. *“E aí, quando ele me levou na Pedra do Sino eu já me apaixonei logo e falei: pô, é isso que eu quero fazer da minha vida um dia. Se Deus quiser eu vou trabalhar com isso”*. Continua dizendo que, sinceramente não acreditava que iria se tornar guia um dia, por se achar muito introvertido. Olhava outros guias e pensava que nunca iria conseguir fazer aquilo, tinha medo. Então, reafirma que desde aquele momento ele tinha certeza que *“iria fazer a Travessia, iria fazer outras trilhas e que de alguma forma eu ia tirar o meu sustento com aquilo ali”*.

Em 2011, já fazendo parte de um clube e com alguma experiência com montanha, ele fez sua primeira travessia. *“E aí foi encantador! E naquele ano mesmo eu devo ter feito mais umas três, quatro vezes!”*, diz sorrindo. Foi quando ele descobriu que dava para fazer a Travessia em um dia, coisa que até então ele achava absurda. Depois, ele acabou fazendo várias vezes em um dia e pegando assim, mais experiência com a Travessia. Entretanto, naquele momento ele já havia esquecido que queria trabalhar como guia, pois era apenas uma vontade mais não surgia a oportunidade.

Foi quando em 2015, ele descobriu que o PARNASO havia aberto inscrições de um curso para guias. Nesse momento, diz que *“vi o meu sonho sendomeio que realizado, né?”*. Fez o curso e segundo os instrutores foi aprovado com um dos melhores. Isso era final de 2015 e, logo em 2016, fez sua primeira travessia como guia. *“Eu só pensava assim, eu não posso deixar a pessoa saber que é meu primeiro guiamento”*. Sorri e reforça que diz isso, mas que em 2016 ele já tinha um conhecimento bem grande da Travessia. Embora o caminho não fosse novidade, fazer a Travessia guiando alguém e recebendo para isso, foi para ele uma sensação diferente. *“É aquilo que eu senti no começo: mão suando, frio na barriga, vontade de ir no banheiro e tudo aquilo mais... Mas depois eu só deixei fluir, sabia que*

conhecia tudo com a palma da minha mão”. Para ele, sempre foi importante a relação estabelecida com quem estivesse junto com ele na Travessia. Ainda que estivesse exercendo seu trabalho, sempre procurou estabelecer uma relação de amizade com quem estivesse ali. *“Como eu guio meus amigos, eu guio meus clientes e assim vai até hoje”*.

Ele diz que nunca parou para a contar, mas que já passou de cinquenta as vezes que fez a Travessia, o que tecnicamente considera pouco, ainda que faça também outras trilhas. Mas a sensação que ele sente quando faz a Travessia Petrópolis-Teresópolis, é de que sempre é a primeira vez. Gosta de fazer bastante fotos (Imagem 37), *“independente do visual que estiver, sempre descubro posições que eu ainda não tenho foto”*. E continua, dizendo que *“pra mim eu não trato só como trabalho, é uma diversão também. Lazer mesmo!”*.

Imagem 37: O Garraão, no segundo dia da Travessia.



Fonte: Enviada pelo entrevistado.

Essa relação com o espaço e a paisagem de um caminho que Marcos conhece tão bem, nos leva a pensar na experiência hodológica. A Travessia é para ele um espaço vivido, no qual ele estabeleceu um meio de ganhar a vida e, ainda assim, no qual ele continua praticando o exercício do olhar e perceber para assim, refletir sobre os caminhos. A trilha está ali mas, permanece efêmera por conta da própria dinâmica da paisagem e sua impermanência diante dos fenômenos da natureza.

Começa a falar, sobre o papel fundamental que a Travessia teve para ele perder o medo de altura. Além disso, sente que ela também o ajudou a interagir mais com as pessoas. Logo, relata a sua percepção em relação às mudanças que observou na Travessia ao longo destes anos como guia. Destaca o manejo das trilhas por parte do PARNASO, como na subida da Isabeloca.

Ali, era aquele subidão, trilha de montanhista, que a gente costuma falar que é aquela que você mira o cume e sobe reto, né? E antigamente ali no Açú era o tempo todo assim e hoje não. Hoje ela tá mais turistificada, né? A trilha. [Pausa] Ela vai serpenteando, já não é mais subida forte o tempo todo. (MARCOS, ENTREVISTA CONCEDIDA EM 12 DE AGOSTO DE 2022)

Ressalta que percebeu uma mudança muito grande na trilha da Travessia, para a melhor, depois da pandemia da Covid-19, pelo fato dela ter ficado mais de dois anos fechada. Sente também que as pessoas ficaram mais conscientes em relação ao lixo, “com muito papel higiênico” que era sempre encontrado nos caminhos. “Parece que a galera pegou esse tempo da pandemia, que não pode fazer trilha e aprendeu”. Sobre fazer a Travessia depois deste tempo, ele diz que pensou que seria uma experiência muito diferente, mas que, como fez outras trilhas durante esse período, não sentiu tanto. Mesmo assim, na Travessia ele diz que

fiquei doido, assim... a gente acha que lembra de tudo na memória, mas quando chega lá.. caraca! Isso aqui eu nunca tinha reparado. Então, assim, como a gente passou por esse momento difícil... A humanidade passou por esse momento difícil, a gente acha que passou a dar valor a certas coisas e então quando eu passei pela primeira vez eu acho que aproveitei mais do que antes! Eu falei, dessa vez eu vou aproveitar mais porque eu não sei o dia de amanhã! (MARCOS, ENTREVISTA CONCEDIDA EM 12 DE AGOSTO DE 2022)

Lembra que nessa primeira travessia depois desse período de fechamento, percebeu uma recuperação bem grande da natureza, da vegetação, principalmente no trecho entre os Castelos do Açú e a Pedra do Sino. Em seguida, conta que a paisagem mais impressionante para ele na Travessia é o nascer do sol nos Portais de Hércules (Imagem 38). Ainda assim, esse era um ponto da Travessia que antes da pandemia ele não fazia direto e que agora, faz questão. “Então cada vez que eu vou é um visual diferente. As vezes tem tapete de nuvem, as vezes é tudo nuvem! As vezes tá aquilo tudo aberto e tu vê a quilômetros de distância!”.

Imagem 38: Nascer do sol nos Portais de Hércules.



Fonte: Enviada pelo entrevistado.

E eu acho maneiro quando a galera começa a me perguntar sobre a geologia do lugar. Ah, como que isso se formou e tal... Eu tenho bastante interesse nessa parte de geologia, né? Então algumas coisas eu já sei bastante, outras eu já troco uma ideia quando eu tô com... De vez em quando eu pego cliente que é geógrafo, geólogo e aí a gente fica trocando ideia ali e é bem interessante. E eu acho bem maneiro você pensar assim, que a paisagem se transforma, né? (MARCOS, ENTREVISTA CONCEDIDA EM 12 DE AGOSTO DE 2022)

Dá então, um exemplo relacionado à essas transformações que observou, nos Portais de Hércules:

Tem uma paisagem que quando eu fiz a Travessia na primeira vez, não tinha, que é cabeça d'água. Quando tem cabeça d'água... Aí ali no Portais, teve uma cabeça d'água que carregou bastante pedra, assim... Então você olha lá de cima e vê aquele movimento que teve. E aí tu começa a imaginar que aquilo uma hora ali.. que várias partes daquela paisagem podem vir a cair e mudar a paisagem! Isso é bem interessante! (MARCOS, ENTREVISTA CONCEDIDA EM 12 DE AGOSTO DE 2022)

Mudanças na paisagem observadas por Marcos, incluindo as relacionadas à aspectos geomorfológicos, nos remete à geografia proposta por Wright (2014). Ao propor a Geosofia, estava concebendo exatamente essa interpretação de um não geógrafo, diante do mundo. Uma geografia praticada cotidianamente por todos nós, na qual o conhecimento geográfico faz parte da nossa realidade e é construído cotidianamente, em uma geografia essencial. É construído por Marcos que, em seu

trabalho se coloca em relação com a paisagem e, a partir desta experiência, ao fazer sua interpretação de mundo, produz um conhecimento que será por ele mesmo utilizado ao andar pelos caminhos da Travessia.

Marcos conta que apesar de não ser religioso, acredita muito em energia e que, para ele, fazer a Travessia é buscar pensar positivamente e atrair coisas boas. Busca então, passar isso para quem está ali junto, naquele momento. Reforça que para ele, *“fazer a Travessia é isso, traze coisas positivas para dentro da cabeça... por que conseqüentemente vão atrair coisas boas também”*. Logo, ele fala que se sente privilegiado em ser guia da *“travessia mais bonita do Brasil”* e *“morar aqui do lado, poder dizer que eu sou da terra, né? Isso é mais interessante ainda!”*.

E aí, quando eu chego nos Portais de Hércules, que é quando a gente tem a visão contrária de onde eu sempre tive a visão, né? Porque a gente tem uma visão de Teresópolis e dos Portais de Hércules ela é meio invertida, né? A visão. Aí as vezes eu tô viajando ali, sozinho e tal... os clientes tão tirando foto e eu fico pensando: caraca... Por que de lá dos Portais eu consigo ver uma pedra que eu morava embaixo dela, que é a Pedra da Ermitage, fica na Quinta Lebrão... Aí eu fico olhando e falo: caraca, eu morava lá e tipo... [sorri] Quando eu tinha os meus dezanos de idade eu ficava olhando essas montanhas aqui e hoje eu tô nelas! [risos] Essa sensação é muito prazerosa! Eu olhava sem intenção alguma de subir, nem sabia que era possível subir na época e hoje eu tô lá em cima! (MARCOS, ENTREVISTA CONCEDIDA EM 12 DE AGOSTO DE 2022)

Essa percepção de si, dentro da paisagem, nos remete mais uma vez à geograficidade. Marcos se vê na paisagem por ele produzida anteriormente e que, continua em constante produção pois, a cada vez que ele se lança no mundo, atribui à essa paisagem sua própria identidade diante de um reconhecimento de si nas relações que se estabelecem ali. É o que aponta Besse (2014) na problemática paisagística relacionada a paisagem como um território fabricado e habitado e, por isso, compreendida para além de uma apreensão estética. Ela possui uma dimensão hodológica na qual, diante as relações estabelecidas por ele neste espaço que a cada travessia se mostra único, implicam sua própria participação na paisagem.

Lembra então o trecho antes do Mergulho, *“quando você vê a Pedra do Sino gigante ali”*. Há pouco tempo, ele conta que tirou uma foto ali para mostrar para a filha, de cinco anos, que sempre diz que ele é gigante. *“Eu queria falar, não filha, eu não sou gigante não! Gigante é a pedra!”*. Fala então, sobre a sensação de insignificância quando chega no Mergulho e vê *“aquelas paredes gigantes de*

novecentos metros e a gente vê que a gente não é nada mesmo [risos] perante a natureza”.

Para Marcos, a cada travessia ele muda um pouco, justamente por estar guiando pessoas tão diferentes dele e, entre si. Fala que é interessante observar como as impressões em relação à muitas dessas pessoas e também, destas em relação à ele mudam, durante a Travessia. Atribui isso ao modo como é feita a primeira comunicação, por mensagens no celular e que “*bastam dez minutos na Travessia, para essa percepção se desfazer*”. Essas conversas ao longo da Travessia são para ele, enriquecedoras. Sente que aprende muito, inclusive sobre a montanha e, cada vez mais sobre respeitar os limites de cada um.

Sobre isso e, por fim, ele conta que recentemente, foi a primeira vez que subiu o Açu com um grupo e, retornou, sem concluir a Travessia. Eles pegaram bastante chuva durante a madrugada, o dia amanheceu nublado e decidiram seguir. Entretanto, após a subida do Morro do Marco, a pressão de um dos integrantes do grupo, caiu. Eles pararam, cuidaram e seguiram mais um pouco até que, aconteceu o mesmo novamente. Então, ele conversou com todos e decidiram juntos que o melhor a ser feito, era retornar enquanto esta pessoa ainda tinha energia para fazer todo o caminho de volta.

7. Para continuar caminhando

Por todo o caminho reflexivo estabelecido até aqui, na presente tese, pensamos a potência da Travessia Petrópolis-Teresópolis de nos provocar atravessamentos ao experienciar sua paisagem. Seu objetivo fundamental, esteve em evidenciar a importância da percepção na construção dessa paisagem e, conseqüentemente, da geograficidade. Podemos pensar agora para além, a importância da percepção nos ora variados e, ora compartilhados, afetos proporcionados por essa experiência na montanha e a sua potência em *esticar horizontes*, parafraseando mais uma vez Manoel de Barros e assim, continuar caminhando. A montanha instiga e desperta a imaginação. Amedronta e liberta. Observamos seus afloramentos e suas flores: bromélias, como se tivessem sido cuidadosamente ali colocadas. Nos movemos nós entorno dela, a des-cobrimo sempre com os olhos e, por vezes, nos descobrimo. O medo, a coragem, a insignificância, a pulsão de vida e morte. Como se o coração da Terra batesse para fora e reverberasse no sentir da natureza, do humano.

Investigamos a capacidade da Geografia na compreensão das relações que foram estabelecidas entre as pessoas e a Travessia no momento em que se lançaram ali e, também depois, quando estas fizeram o exercício reflexivo de colocar toda a sensibilidade espacial pelas quais foram atravessadas, em palavras, durante suas narrativas. Para isso, foi fundamental o caminho epistemológico estabelecido pela Geografia no que diz respeito ao conceito de paisagem, assim como a construção do conceito de natureza e as diversas relações que o ser humano estabeleceu com a montanha ao longo do tempo.

Entretanto, pensar este caminho epistemológico dentro de um rigor científico, nos leva a trajetória da própria Geografia, que em suas diferentes fases. São variados os caminhos percorridos que vão desde seu período de maior rigidez, estabelecido por uma abordagem positivista, até a sua fragmentação na qual passou a abarcar diferentes especializações. Isso, por muito tempo e, ainda hoje, acabou fazendo com que muitos geógrafos acabassem quebrando a Geografia em várias partes. Os horizontes se limitaram, foram tapados e o ser geógrafo perdeu-se nestes fragmentos. O fato é que as críticas diante dessa chamada dicotomia da Geografia existem, mas poucos são os que se arriscam em um campo no qual, mais do que

uma análise racional, são necessárias também as subjetividades. Reclama-se da dicotomia, mas conforma-se. Como podemos tirar estas vendas e tentar caminhar ainda que em passos curtos e lentos? Não temos pressa, mas queremos sentir a geografia, mais do que apenas fazê-la.

Logo, ao pensar a paisagem como experiência, algumas questões surgiram. Como é sentir a paisagem diante de uma geografia fragmentada? Categorizando a experiência? Mas só se sente inteiro, totalidade. Como nomear sensações? E a geomorfologia? Precisamos pensá-la para além das fronteiras disciplinares que lhe foram impostas, sem que seja necessário se afastar, fragmentar, para que seja possível a sua compreensão dentro da geografia. *Ela é Geografia*. Nos relacionamos todo o tempo com suas formas e dinâmicas. Ela nos assusta ao evidenciar nossa fragilidade e pequenez enquanto seres humanos e, como caminho menos doloroso, escolhemos quantificá-la, classificá-la e seguir deste modo fazendo uma geografia incompleta. É necessário o sentir também dentro da Geografia! Mas como dar conta disso? Aqui, cabe a importância de atrelarmos à ela, a fenomenologia.

Entendemos que só o vivido é capaz de mensurar as diferentes camadas atribuídas à experiências tão pessoais e, ao mesmo tempo, tão mundanas. Esse viver, esse ser com o mundo, é também um compartilhar a paisagem. E então, esta será preenchida por infinitas possibilidades, diferentes intencionalidades. É o sentir a paisagem, sentir-se na paisagem, que extrapola as explicações científicas e nos leva a pensá-la como uma experiência espacial. A paisagem como o que fica da experiência de um lugar. Conforme visto na Geosofia de Wright (2014), nem toda sabedoria pode ser rigorosamente científica. Precisamos considerar também o envolvimento do ser humano em suas experiências subjetivas sobre o mundo, valorizando assim a importância da imaginação durante a interpretação destas. É a explicação do que está para além do científico, através de uma geografia essencial, emocional, afetiva!

Como afirmou Dardel, o rigor da ciência não perde em nada ao confiar sua mensagem a um observador que sabe admirar, selecionar a imagem justa, luminosa (Dardel, 2019, p. 3). Existe um conhecimento que está para além da academia, que é praticado por pessoas comuns e que também é importante para o fazer geográfico. E é aí que entram a poesia, as fotografias, as emoções, os devaneios e a percepção de si, a dança do corpo no espaço. O fazer *geo-grafias* a partir deste movimento do corpo no mundo. A natureza em movimento, onde a vida se faz. Tal como os

caminhos percorridos pela Geografia até hoje, caminhamos pela Travessia Petrópolis-Teresópolis. São trajetórias paralelas e intimamente semelhantes, pois foram se modificando ao longo do caminho e, quando entrelaçadas, nos mostram como é possível fazer com que as pessoas se percebam natureza através da experiência da paisagem.

Assim, diante do caminho trilhado até aqui, pretendemos não concluir. Ao deixar estes pensamentos sobre um fazer geográfico, uma percepção integrada da geografia, tal como da natureza, queremos deixar à frente um horizonte de possibilidades. Afinal, foi isso que a Travessia Petrópolis-Teresópolis fez aos que nela se lançaram: abriu horizontes.

8.

Referências bibliográficas

ALVES, G. e SCARLATO, F. C. **O lugar na Geografia.** In: A necessidade de Geografia. CARLOS, A. F. A. e CRUZ, R. de C. A. da (orgs). São Paulo: Contexto, 2019.

ANRUBIA, E. e PISONERO, C. *Epistemología del paisaje. Resignificación antropológica de la espacialidade em la montaña y em la ciudad.* Gazeta de antropologia, n° 24, 2008. Disponível em: http://www.urg.es/~pwlac/G24_36Enrique_Anrubia-Carmen_Gaona.html. Acesso em fevereiro de 2021.

ASMUS, H. E. & FERRARI, A. L. **Hipótese sobre a causa do tectonismo Cenozóico na região sudeste do Brasil.** Projeto REMAC, 4, p.75-88. 1978.

BERQUE, A. *Milieu, trajet de paysage et déterminisme géographique.* L'Espace géographique, v.14, n.2, p.9-104, 1985.

_____. **Paisagem-marca, paisagem-matriz:** elementos da problemática para uma geografia cultural. In: Geografia cultural: uma antologia. CORRÊA, R. L. e ROSENDAHL, Z. (orgs.). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

BERTALANFFY, L. V. Teoria geral dos sistemas. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2006.

BERTRAND, G. **Paisagem e geografia física global:** esboço metodológico. Caderno de Ciências da Terra, n. 13, p. 1-27, 1971.

BESSE, J. M. **As cinco portas da paisagem:** ensaio de uma cartografia das problemáticas paisagísticas contemporâneas. In: O gosto do mundo: exercícios de paisagem. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

_____. **Ver a Terra:** seis ensaios sobre a paisagem e a geografia. Trad. Vladimir Bartalini – São Paulo: Perspectiva, 2019.

BRITO, G. A. **As montanhas e suas representações:** buscando significados à luz da relação homem-natureza. Revista de Biologia e Ciências da Terra. V. 8 – N°1 - 1º Semestre 2008.

CASSETI, V. **A Natureza e o Espaço Geográfico.** In: MENDONÇA, F. & KOZEL, S. (Orgs.). Elementos de Epistemologia da Geografia Contemporânea. Curitiba: Ed. UFPR, 2004.

CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia** – 5ª edição - São Paulo: Editora Ática, 1995.

CHRISTOFOLETTI, A. **Geomorfologia.** 13. Reimpressão. São Paulo: Blucher, 1980.

CLAVAL, P. **A paisagem dos geógrafos.** In: Geografia cultural: uma antologia. CORRÊA, R. L. e ROSENDAHL, Z. (orgs.). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

COSGROVE, D. **A geografia está em toda parte:** cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: Geografia cultural: uma antologia. CORRÊA, R. L. e ROSENDAHL, Z. (orgs.). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

DAMIANI, A. L. **O lugar e o plano do vivido.** In: A necessidade de Geografia. CARLOS, A. F. A. e CRUZ, R. de C. A. da (orgs). São Paulo: Contexto, 2019.

DANTAS, M.; SHINZATO, E., MEDINA, A.I.M., PIMENTEL, J.; SILVA, C.R.; LUMBRERAS, J.F.; CALDERANO, S.B. e CARVALHO JÚNIOR, A. **Diagnóstico Geoambiental do Estado do Rio de Janeiro.** Brasília: CPRM, 2001.

DARDEL, E. **O homem e a terra:** natureza da realidade geográfica. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2019.

DARTIGUES, A. **O que é fenomenologia.** São Paulo: Centauro Editora, 2013.

DELEUZE, G. **Crítica e clínica.** Trad. Peter Pál Pelbart. – São Paulo: Editora 34, 2019.

DESCOLA, P. **Outras naturezas, outras culturas.** Trad. Cecília Ciscato. – São Paulo: Editora 34, 1º edição, 2016.

DIEGUES A. C. S. **O mito moderno da natureza intocada.** 3. ed. São Paulo: HUCITEC, 2001.

ELIADE, M. **O sagrado e o profano:** a essência das religiões; tradução Rogério Fernandes -4º. Ed. – São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2018.

FLICK, Uwe. **Uma introdução a pesquisa qualitativa.** 3º. ed. Porto Alegre: Bookman, 2009.

FREITAS, M. M. **Evolução da Paisagem Geomorfológica.** In: Paisagem, Espaço e Sustentabilidades: uma perspectiva multidimensional da geografia. Rio de Janeiro: Editora PUC Rio, p. 91-128. 2007.

FURLAN, S. A. **Paisagem.** In: CARLOS, A. F. A. e CRUZ, R. de C.A. da (orgs.) A Necessidade de Geografia – São Paulo: Contexto, 2019.

GIACOIA JR. **Heidegger urgente:** introdução a um novo pensar. São Paulo: Três Estrelas, 2013.

GOMES, P. C. da C. **Quadros Geográficos:** uma forma de ver, uma forma de pensar. 1º ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.

GROS, F. Caminhar, uma filosofia. São Paulo: Ubu Editora, 2021. 224p.

HAESBAERT, R. **Território, poesia e identidade.** Revista Espaço e Cultura, nº 3, p. 20-31, janeiro de 1997.

HEIDEGGER, M. **Meu Caminho para a Fenomenologia.** Coleção os Pensadores, vol. XLV – 1º edição. Tradução: Vergílio Ferreira. São Paulo: Abril Cultural, 1973. p. 493-500.

HEILBRON, M., PEDROSA-SOARES, A. C., CAMPOS NETO, M. DA C., SILVA, L. C. DA, TROUW, R. A. J., e JANASI, V. DE A. **Província Mantiqueira**. In: MANTESSO-NETO, V. (Orgs). Geologia do continente sul-americano: evolução da obra de Fernando Flávio Marques de Almeida. São Paulo: Beca, 2004.

HOLZER, W. **Um Estudo Fenomenológico da Paisagem e do Lugar: a crônica dos viajantes no Brasil do século XVI**. 257p. Tese (Doutorado em Geografia). Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo (USP), 1998.

_____. **O Conceito de Lugar na Geografia Cultural-humanista: Uma Contribuição Para a Geografia Contemporânea**. In: GEOgraphia -Ano V - No 10 – 2003.

_____. **Augustin Berque: um trajeto pela paisagem**. Espaço e cultura. n.17-18, 2004, p.55-63.

_____. **A geografia humanista: uma revisão**. In: Geografia cultural: uma antologia. CORRÊA, R. L. e ROSENDAHL, Z. (orgs.). Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012.

_____. **A Geografia fenomenológica de Eric Dardel**. In: DARDEL, E. O homem e a terra: natureza da realidade geográfica. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2019.

ICMBIO/PARNASO. **Caminhos da Serra do Mar**. 2016. Disponível em <http://www.icmbio.gov.br/parnaserradosorgaos/destaques/167-caminhos-da-serra-do-mar.html>. Acesso em novembro de 2020.

KOPENAWA, D. e ALBERT, B. **A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami**. 1º ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo** – 1º edição – São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LATOURETTE, B. **Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica**. São Paulo: Editora 34, 4º Edição, 2019.

LEFF, E. **Epistemologia ambiental**. 5.ed. São Paulo: Cortez, 2010.

LENCIONI, S. **Região e Geografia**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

LIMA, E. L. de. **Do corpo ao espaço: contribuições da obra de Maurice Merleau-Ponty à análise geográfica**. GEOgraphia- Ano IX – Nº 18 – 2007.

_____. **Encruzilhadas geográficas: notas sobre a compreensão do sujeito na teoria social crítica**. 1ºed. Rio de Janeiro: Consequência, 2014.

LOURENÇO, D. B. **Qual o valor da natureza? Uma introdução à ética ambiental**. – São Paulo: Elefante, 2019.

LUCENA, W. M. **História do Montanhismo no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, PUBLIT, 2008.

LYOTARD, J. F. **A fenomenologia**. Trad. Armino Rodrigues. - Coleção: O Saber da Filosofia. Edições 70 – Reimpressão da edição de 2008 – 2017.

MARANDOLA JR, E. **Humanismo e arte para uma geografia do conhecimento**. In: Geosul, Florianópolis, v. 25, n. 49, p7-26, jan./jun. 2010.

MARTINS, E. S. (et al). **Relação solo-relevo em vertentes assimétricas no Parque Nacional da Serra dos Órgãos, RJ**. Revista Brasileira de Geomorfologia, v.8, n.1, p.45-62, 2007.

MASSEY, D. B. **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Trad. Hilda Pareto Maciel, Rogério Haesbaert. - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MENDONÇA, F. **Geografia Socioambiental**. In: MENDONÇA, F. & KOZEL, S. (Orgs.). Elementos de Epistemologia da Geografia Contemporânea. Curitiba, Ed. UFPR, 2004.

MERLEAU-PONTY, M. **A natureza: notas no curso Collège de France**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. **Fenomenologia da percepção**. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 5ªEd. São Paulo: Martins Fontes, 2018.

MOREIRA, R. **Para onde vai o pensamento geográfico?: por uma epistemologia crítica**. 1.ed., 2. Reimpressão. São Paulo: Contexto, 2009.

NETA, A. F. C. S. e JÚNIOR, F. de A. G. **O papel das paisagens montanhosas no desenvolvimento do método geográfico de Alexander von Humboldt (1769-1859)**. Revista Geografar - Curitiba, v.15, n.2, p.381-400 jul. a dez./2020.

OLIVEIRA, L. de. **Percepção do meio ambiente e geografia: estudos humanistas do espaço, da paisagem e do lugar**. MARANDOLA JR. E CAVALCANTE (Orgs). São Paulo: Cultura Acadêmica, 2017.

_____. **O sentido do lugar**. In: MARANDOLA, E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. de. Qual o espaço do lugar? São Paulo: Perspectiva, 2019. p. 03-16.

OLIVEIRA, S.N.; CARVALHO JUNIOR, O.A.; MARTINS, E.S.; SILVA, T.M.; GOMES, R.A.T.; GUIMARÃES, R.F. **Identificação de Unidade de Paisagem e sua implicação para o ecoturismo no Parque Nacional da Serra dos Órgãos**. Rio de Janeiro: Revista Brasileira de Geomorfologia, 2007.

PESSOA, F. A. **Geodiversidade e interpretação ambiental em trilhas – Travessia Petrópolis-Teresópolis, Parque Nacional da Serra dos Órgãos (RJ)**. 303 p. Tese (Doutorado em Geografia). Programa de pós-graduação em Geografia - Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 2019.

PORTO-GONÇALVES, C. W. **Os (des)caminhos do meio ambiente**. 15.ed. São Paulo: Contexto, 2011.

PRADI, R. **Mitologia dos Orixás** – 1º edição – São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

QUEIROZ FILHO, A. C. **Do sensível, poesia: outros modos de grafar o mundo**. Vitória: Editora Milfontes, 2019.

RELPH, E. **Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de lugar**. In: MARANDOLA, E.; HOLZER, W.; OLIVEIRA, L. de. Qual o espaço do lugar? São Paulo: Perspectiva, 2019. p. 17-32.

RICCOMINI, C. O. **Rift continental do sudeste do Brasil**. Tese (Doutorado) - Instituto de Geociências, Universidade de São Paulo, São Paulo. 256 p. 1989.

RODRIGUES, Cleide. **A Teoria Geossistêmica e sua Contribuição aos Estudos Geográficos e Ambientais**. Revista do Departamento de Geografia, 14, p 69–77, 2001.

RODRIGUEZ, J. M. M., SILVA, E. V. e CAVALCANTI, A. P. B. **Geocologia das Paisagens: uma visão geossistêmica da análise ambiental**. 2. ed. Fortaleza: Edições UFC, 2007. 222p.

ROSS, J. **Ecogeografia do Brasil: subsídios para planejamento ambiental**. São Paulo: Oficina de Textos, 2009.

SANSOLO, D. G. **Significados da paisagem como categoria de análise geográfica**. In: Anais do VII Encontro da ANPEG. Niterói, 2007.

SANTOS, M. **Os novos mundos da Geografia**. Cadernos de Geociências, nº 5, p. 1-5, 1996.

_____. **Por uma Geografia Nova: Da Crítica da Geografia a uma Geografia Crítica**. São Paulo: Edusp, 2008.

SARAMAGO, L. A **“topologia do ser”**: lugar, espaço e linguagem no pensamento de Martin Heidegger. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2008.

SAUER, C. O. **A Morfologia da Paisagem**. In: CORREA, R. L. e ROSENDHAL, Z. Paisagem, tempo e cultura. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1998. p. 12-74.

SCHOBENHAUS, C., CAMPOS, D.A., DERZE, G.R. & ASMUS, H.E. 1984. **Geologia do Brasil**. Brasília, DNPM, 501 p.

SERPA, A. **Por uma geografia dos espaços vividos: geografia e fenomenologia**. São Paulo: Contexto, 2019.

SILVA, A. C. da, **Geografia e lugar social**. São Paulo: Contexto, 1991.

SILVA, M. A. S. da. **Por uma geografia das emoções a partir da proposta de Merleau-Ponty em “a fenomenologia da percepção”**. Anais Semana de Geografia. Volume 1, Número 1. Ponta Grossa: UEPG, 2015. ISSN 2317-9759 p. 144-147.

_____. **O eu, o outro e (o)s nós: geografia das emoções à luz da filosofia das formas simbólicas de Enest Cassirer (1874-1945) e das narrativas de pioneiros da igreja messiânica mundial.** 303 p. Tese (Doutorado em Geografia). Departamento de Geografia, Universidade Federal do Paraná (UFPR), 2019.

SILVA, M. A. S. da. e ARRUDA, C. **Movimento como convite para fazer geografias: corpo, espaço e emoções.** Geografares: Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia e do Departamento de Geografia da UFES. Janeiro – junho de 2021.

SILVA, T.M. (2003) **A estruturação geomorfológica do Planalto Atlântico no Estado do Rio de Janeiro.** In: Simpósio Brasileiro de Geografia Física Aplicada, 10. Rio de Janeiro. Anais do X SBGFA, Rio de Janeiro: UERJ. 11 p.

SOTCHAVA, V. B. **Estudo de Geossistemas.** Métodos em Questão, n 16. São Paulo: IG. USP, 1977.

SOUZA, M. L. de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial.** 1 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

SUERTEGARAY, D. M. A. **Geografia física (?) geografia ambiental (?) ou geografia e ambiente (?).** In: MENDONÇA, F. & KOZEL, S. (Org.) Elementos de Epistemologia da Geografia Contemporânea. Curitiba, Ed. UFPR, 2004.

TUAN, Yi-Fu. **Paisagens do medo.** Trad. de Lívia de Oliveira. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

_____. **Topofilia:** um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Trad. de Lívia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012a.

_____. **On Walking.** 2012b. Disponível em: <http://www.yifutuan.org/archive/2012/2012onwalking.htm/>. Acesso em fevereiro de 2021.

_____. **Espaço e lugar:** a perspectiva experiência. Trad. Lívia de oliveira. Londrina: Eduel. 2013.

VICENS, R. S. **Geografia da Paisagem e Ordenamento Territorial.** In: BARBOSA, J. L. & LIMONAD, E. (Orgs.). Ordenamento Territorial e Ambiental. Niterói: Editora da UFF, 2012.

VITTE, A. C. **O desenvolvimento do conceito de paisagem e a sua inserção na Geografia Física.** Mercator. Revista de Geografia da UFC, ano 6, n. 11, 2007

VIVEIROS, E. de C. **A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia.** São Paulo: Cosac Naify, 2016.

WOOD, A. W. **Kant.** Tradução: Delarnar José Volpato. Porto Alegre: Artmed, 2008.

WRIGHT, J. K. **Terrae incognitae:** o lugar da imaginação na Geografia. Geograficidade, v.4, n.2, Inverno 2014.

WULF, A. **A invenção da natureza:** a vida e as descobertas de Alexander von Humboldt. Trad. Renato Marques. -2º ed. – São Paulo: Planeta do Brasil, 2019.

<https://artrianon.com/2017/04/04/obra-de-arte-da-semana-caminhante-sobre-o-mar-de-nevoa-de-caspar-david-friedrich/> - Acessado em 29 de agosto de 2022.

<https://www.meisterdrucke.pt/impressoes-artisticas-sofisticadas/Caspar-David-Friedrich/716597/O-Monge-%C3%A0-beira-mar,-1808-1810.html>- Acessado em 29 de agosto de 2022.

<http://www.avhumboldt.de/> – Acessado em 11 de fevereiro de 2022.